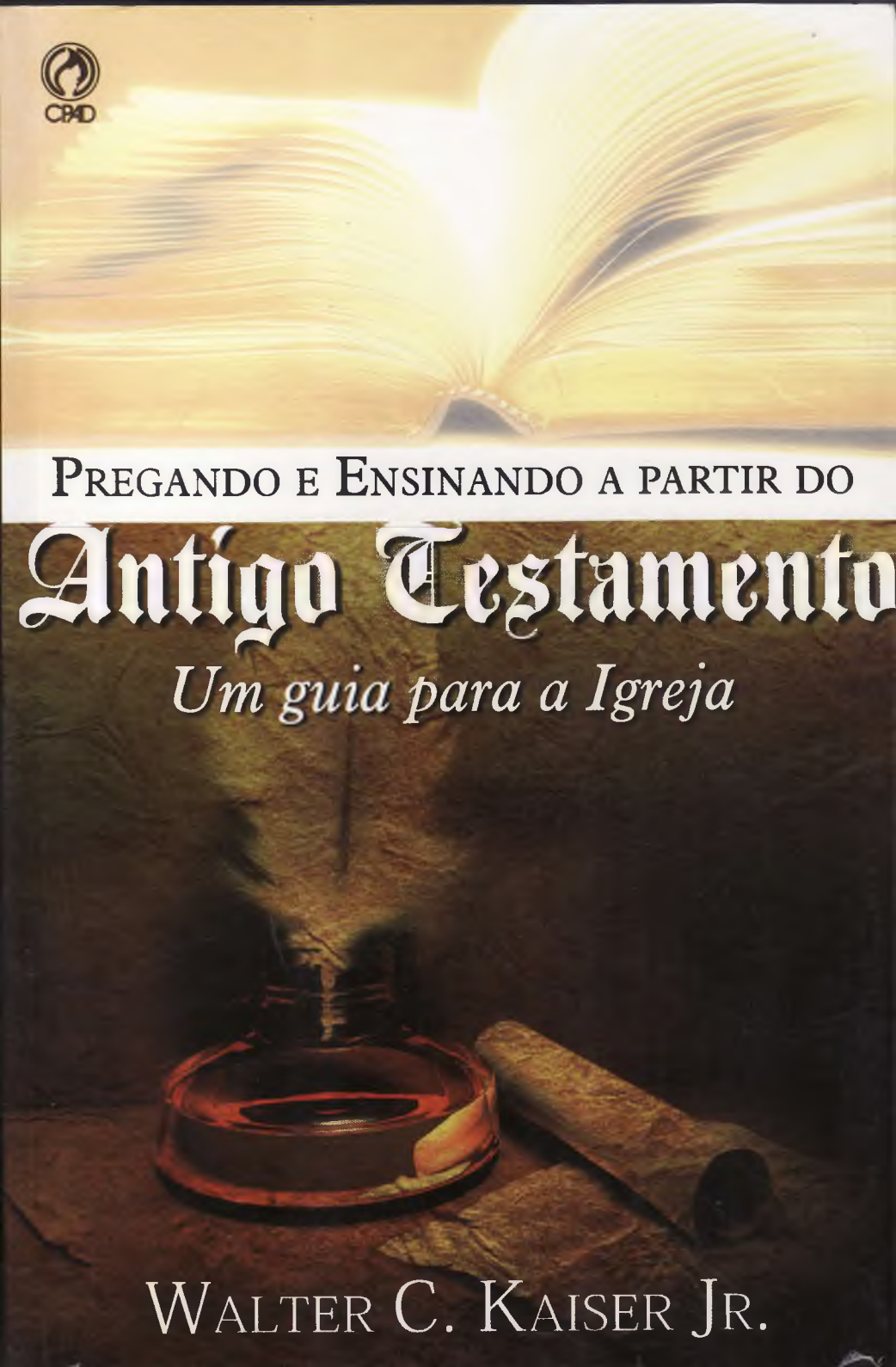
CPAD

PREGANDO E ENSINANDO A PARTIR DO

Antigo Testamento

Um guia para a Igreja



WALTER C. KAISER JR.



PREGANDO E ENSINANDO A PARTIR DO

Antigo Testamento

Um guia para a igreja

"A Bíblia da Igreja Primitiva era o Antigo Testamento. Certamente deve ser uma experiência muito interessante um pastor pregar o Antigo Testamento para uma igreja do século XXI, durante um ano. Pregando e Ensinando a Partir do Antigo Testamento é sem dúvida um guia confiável e prático para ajudar os pastores nesta grande divulgação da verdade eterna de Deus".

– HADDON W. ROBINSON , AUTOR DA OBRA BIBLICAL PREACHING

"Aqui temos um guia legível sobre pregar a partir do Antigo Testamento, escrito por um homem que é um magnífico pregador, estudioso e exegeta. Este livro ajudará todos nós a cumprirmos a nossa responsabilidade de pregarmos a Palavra de Deus de uma forma completa, com sabedoria e graça. Eu o recomendo absolutamente".

– ERWIN W. LUTZER, MOODY BIBLE CHURCH

"Sempre ouço com prazer as palavras de Walter Kaiser, um estudioso e profundo conhecedor do Antigo Testamento, além de um pregador por excelência! Aqui está um grande conselho, de um grande homem — sobre como saber pregar a Palavra de Deus de uma forma completa."

– R. KENT HUGHES, COLLEGE CHURCH, WHEATON, ILL.

"Um estudioso evangélico do Antigo Testamento de primeira linha, e um pregador apaixonado, Kaiser apresenta argumentos muito convincentes sobre a necessidade de se restaurar o Antigo Testamento a uma posição proeminente nos púlpitos cristãos. Sugestões e demonstrações bem fundamentadas de como isto pode ser feito, de maneira apropriada e efetiva, abundam por todo o livro. Ele merece um estudo cuidadoso por parte de todos os pregadores que aspiram ser fiéis à sua chamada divina"

– RICHARD ALLEN BODEY, TRINITY EVANGELICAL DIVINITY SCHOOL

ISBN 85-263-1016-X

"Baseado em sua obra tão atual, Toward an Exegetical Theology, Walter Kaiser agora expressa a urgente necessidade de se pregar toda a Bíblia, de forma clara, no contexto da nossa situação contemporânea. Em minha opinião, este é o melhor livro que possuímos sobre como pregar o Antigo Testamento. Kaiser não é apenas um excelente exegeta que apresenta uma sofisticação teológica, mas também um mestre na arte de pregar, e um profissional nesta matéria."

– David L. Larsen, autor da *obra Company of Preachers*

"Aqueles que conhecem a obra de Kaiser, Toward an Exegetical Theology, ficarão satisfeitos com este passo de avanço em amplitude, clareza e especificidade. O seu zelo pela pregação expositória fiel, enriquece o todo."

– Greg Scharf, Trinity Evangelical Divinity School

"Todos nós que nos preocupamos com a pregação bíblica, nos deparamos com uma alta montanha. Aqueles que se preocupam com que o Antigo Testamento seja pregado de uma forma eficaz percebem que a montanha é mais íngreme do que poderíamos imaginar. Com seu novo livro, Walter Kaiser incentiva muitos pregadores. Este livro se destaca entre as obras recentes de Graeme Goldsworthy, Steven Mathewson, e Sidney Greidanus, que trazem uma saudável teologia bíblica para a pregação do Antigo Testamento."

– Kenton C. Anderson, ACTS Seminaries of Trinity Western University

"Este livro contém um argumento contundente a favor da necessidade de se pregar a partir do Antigo Testamento, bem como uma descrição sucinta dos vários gêneros literários do Antigo Testamento. As suas diretrizes, bem como seus muitos exemplos de interpretações e sermões, serão muito úteis para aqueles que pregam e ensinam as passagens do Antigo Testamento."

– Sidney Greidanus, Calvin Theological Seminary

"Walter Keiser nos dá uma sólida defesa da pregação a partir do Antigo Testamento, além de inspirações úteis a partir dos fundamentos e da interpretação do Antigo Testamento. As suas sugestões sobre a pregação dos estilos do Antigo Testamento serão valiosas para qualquer pregador."

– Scott M. Gibson, Gordon-Conwell Theological Seminary

PREGANDO E ENSINANDO A PARTIR DO

Antigo Testamento

Um guia para a igreja

WALTER C. KAISER JR.

Sumário

Introdução 13

Parte 1 A Necessidade de Pregar e Ensinar Textos a partir do Antigo Testamento

1. A Importância do Antigo Testamento hoje 21
2. O Problema do Antigo Testamento hoje 37
3. A Tarefa de Pregar e Ensinar a partir do Antigo Testamento hoje 49
4. A Arte e a Ciência da Pregação Explicativa 59

Parte 2 Como Pregar e Ensinar a partir do Antigo Testamento

5. A Pregação e o Ensino de Textos Narrativos do Antigo Testamento 75
6. A Pregação e o Ensino dos Livros de Sabedoria do Antigo Testamento 99
7. A Pregação e o Ensino de Textos dos Profetas do Antigo Testamento 119
8. A Pregação e o Ensino dos Textos das Lamentações do Antigo Testamento 141

9. A Pregação e o Ensino da Torá do Antigo Testamento 163
10. A Pregação e o Ensino do Louvor do Antigo Testamento 179
11. A Pregação e o Ensino do Antigo Testamento Apocalíptico 189

Conclusão: Transformando o Mundo com a Palavra de Deus .. 203

Apêndice A: Folha de Trabalho Sugerida para Fazer a Exegese Sintático-Teológica 211

Apêndice B: A Integridade Bíblica em uma Era de Pluralismo Teológico 223

Notas 239
Glossário 251

Introdução

De acordo com algumas pesquisas recentes, a pergunta que os leigos mais desejam ver respondida sobre um novo candidato a pastor é esta: Ele sabe pregar? Isto é encorajador, pois embora a igreja tenha dado grandes passos à frente, com base em aspectos do movimento de crescimento da igreja, e tenha aprendido, com alguns dos grupos de mega-igrejas, como atrair as gerações mais jovens de volta à casa de Deus, o maior desafio que ainda permanece é como estas mesmas igrejas podem desenvolver um novo apetite para ouvir a Palavra de Deus e se conduzir de acordo com ela.

Recentemente, eu preguei em uma das mais novas mega-igrejas. Uma multidão entusiástica de adolescentes compunha o maior bloco da congregação na parte dianteira central do auditório. Eles respondiam com atenção extasiada. Era uma alegria que está além da minha capacidade de descrever. Pregar neste tipo de situação revitaliza enormemente o pregador.

Depois do culto, o pastor me pediu para sair e tomar café com ele. Enquanto conversávamos, ele relatou as óbvias bênçãos de Deus no imenso crescimento que tinha visto, quando tinha aplicado, não o que tinha aprendido no seminário, mas o que tinha aprendido frequentando seminários oferecidos por pessoas no movimento das mega-igrejas. Ele concluiu: "Eles me ensinaram como fazer com que

os jovens viessem. A música é a nova linguagem que cada um deles compreende quase instintivamente. Mas eu receio que muitos de nós que vivenciamos tal crescimento sem precedentes rumemos para um acidente", queixou-se ele.

— Por que você diz isso? — perguntei.

— Porque nós não recebemos nenhuma ajuda sobre como podemos promover o interesse e um apetite real pelo que é necessário para o crescimento e desenvolvimento espiritual. Quem nos ajudará a colocar a teologia e o ensinamento bíblico no idioma do dia, para capturar os olhos, ouvidos e as vontades destas novas gerações? — alegou.

O seu pedido apaixonado de ajuda não é incomum. Ele não deve passar despercebido.

Felizmente, no mesmo momento em que aumenta a pressão por ajuda de uma nova geração de teólogos, acadêmicos e seminários, há evidências de que algumas brisas frescas de mudança já começaram a soprar. Testemunhe a assombrosa quantidade de buscas em páginas da internet que oferecem instrução sobre auxílios nos campos bíblico, teológico e da homilética. Observe, também, as novas publicações periódicas sobre pregação, e o número crescente de livros que são publicados sobre pregação.

Contudo, apesar dessa vanguarda de sinais favoráveis, persiste uma inquietante ausência do Antigo Testamento na igreja. É possível comparecer a algumas igrejas durante meses, sem jamais ouvir um sermão do Antigo Testamento, que representa mais de três quartas partes do que o nosso Senhor tem a nos dizer. Este vácuo é inconsciente para aqueles que afirmam que toda a Bíblia é a Palavra confiável de Deus à humanidade.

Em 1967, John Bright no seu livro, *The Authority of the Old Testament,* tentou aliviar alguns dos supostos obstáculos que os crentes sentiam ter para usar o Antigo Testamento. Naquela ocasião, Bright achou melhor tratar da questão do *por que* deveríamos pregar a partir do Antigo Testamento, em lugar de nos dizer *como* deveríamos fazer isso. É chegado o momento para que nos ajudemos uns aos outros a tratar da questão do *como.*

Bright apontou para a teologia da Bíblia como a chave para o entendimento da sua mensagem. Ele declarou que *"nenhum trecho da Bíblia é sem autoridade*, pois todas as partes refletem, de uma ou outra maneira, alguma faceta daquela estrutura de fé que é, e deve continuar sendo, supremamente normativa para a fé e a prática cristãs".[1]

Bright foi ainda mais contundente ao apresentar uma proposição que despertou uma explosão de protestos, mas uma proposição que eu defendo como sendo a única saída da nossa complicação atual. Bright declarou: "Vamos dizer isto claramente: O texto tem apenas um significado, o significado pretendido pelo seu autor; e há um único método para descobrir este significado, o método histórico-gramatical".[2] Isso é verdade, naturalmente. É a única maneira de rejeitar todas as interpretações subjetivas e pessoais do texto que não têm autoridade nem respaldo daquele que declara ter recebido esta mensagem como uma revelação de Deus.

Alguns irão objetar imediatamente que esta limitação é enganosa (pois quem pode saber exatamente o que é que um autor está afirmando?) e também deixa de apreciar as enormes complexidades que estão envolvidas no ato de ler um texto das Escrituras. A suposição é de que, uma vez o texto produzido, ele se torna a propriedade de seus vários leitores, que se aproximam deste texto vindos de uma ampla variedade de ambientes, antecedentes e preconceitos. Cada leitor deve ter o seu próprio dia, na sua própria corte, para dizer o que interpretou como o significado daquele texto. É essa visão mais do que qualquer outra que trouxe praticamente toda a comunicação em nível humano, e ainda mais a comunicação de Deus, a uma total paralisação. Talvez a melhor maneira de demonstrar a loucura desta abordagem seja que todos nós entendamos nossos próprios significados daquilo que está sendo afirmado (usando a teoria de significados) em suas objeções. Em última análise, esta abordagem resulta em um absurdo.

Com respeito à pergunta de onde deve estar alojado o significado (isto é, no texto, na comunidade, ou no leitor individual), nós

respondemos que é no texto, pois é encontrado no contexto das declarações do autor.

Tudo isso será tratado de maneira mais abrangente nos capítulos que se seguem, mas os ataques do pós-modernismo não devem ser ignorados nem admitidos como verdadeiros. É outra forte razão por que o ensinamento e o desafiador ministério de aplicar o texto do Antigo Testamento não devem diminuir nos nossos dias, mas continuar fortes, vigorosos e metodologicamente honestos.

Mas vamos voltar à chave a que apontou Bright: teologia. Elizabeth Achtemeier rejeitou a alegação de Bright sobre o significado que os autores das Escrituras colocavam no texto. Ela afirmou: "Deve-se enfatizar que nenhum sermão pode se tornar a Palavra de Deus para a igreja cristã, se lidar apenas com o Antigo Testamento, separadamente do Novo".[3] Na sua interpretação, cada texto do Antigo Testamento jamais deve ser apresentado sozinho, mas deve sempre estar acompanhado de um texto do Novo Testamento. Felizmente, vários acadêmicos desafiaram a sua tese, como Forter R. McCurley Jr. e Donald Gowan.[4]

Mas o triste fato é que muitos, nos círculos evangélicos, usam um método de pregação sobre o Antigo Testamento que é muito similar a esta posição. O resultado é que eles — se, na verdade, não praticam — chegam muito próximos, do que nós conhecemos como exegese, isto é, "atribuir [significado] ao" texto. O resultado é uma Bíblia insípida, em que as idéias encontradas em outras passagens das Escrituras são equivalentes a idéias similares, encontradas em todas as partes da Bíblia, em parte e no todo. Não é que estes pregadores ajam como se não possuíssem o cânone total das Escrituras, ou como se Deus não fosse o autor das Escrituras na sua totalidade, mas na verdade, o problema é que a sua metodologia é falha. Nós devemos em primeiro lugar estabelecer o que o texto do Antigo Testamento está declarando, e somente então devemos buscar uma informação adicional sobre esse assunto, que Deus julga adequado nos dar em etapas posteriores da revelação.

Muito mais útil para obter o significado destes textos do Antigo Testamento é a recente evolução de observar, em primeiro lugar, o gênero particular em que o texto foi divulgado como a indicação mais básica sobre como interpretá-lo e pregar sobre ele. Donald Gowan disse bem: "Aquele antigo autor usou o gênero que era mais adequado para transmitir a mensagem particular que o estava sobrecarregando, e a pergunta é: isso pode ajudar o pregador que deseja pregar aos seus contemporâneos da maneira mais efetiva e persuasiva possível?"[5] Portanto, é o que desejamos fazer neste livro depois de termos cuidado das questões preliminares que já foram mencionadas como obstáculos. Que o nosso Senhor conceda a todos nós sabedoria e um desejo apaixonado de transmitir com todo o nosso coração e alma, a fabulosa mensagem do evangelho neste momento crítico da história.

Este livro se iniciou com um conjunto de palestras realizadas pela primeira vez em 2 a 14 de junho de 2000. Agradeço imensamente ao Dr. Joseph Shoa, presidente *do Biblical Seminary of the Philippines*, pelo seu gentil convite para ensinar quarenta seminaristas entusiásticos. As suas críticas e incentivos foram muito úteis para formular os capítulos que estão diante de nós agora.

Também devo expressar a minha gratidão ao meu assistente de pesquisa, Jason McKnight, pela sua ajuda em localizar algumas fontes bibliográficas difíceis de encontrar, e ao meu editor, na *Baker Academic*, Brian Bolger. Agradecimentos especiais ao Rev. Dr. Dorington Little pela permissão para incluir este salmo na lamentação do salmo 77. A sua ajuda foi profundamente apreciada. A responsabilidade pelo produto resultante é minha, e eventuais erros deverão ser atribuídos a mim, e não a eles. Que Deus possa se agradar de usar este livro para a honra e glória dEle.

Parte 1

A Necessidade de Pregar e Ensinar Textos a partir do Antigo Testamento

1

A Importância do Antigo Testamento hoje

Frequentemente quando tenho a oportunidade de falar ou pregar em uma igreja ou instituição cristã, ouço a pergunta: "Você não vai falar sobre o Antigo Testamento, vai?" Obviamente, a resposta esperada é de que ninguém que esteja pensando corretamente, ou até mesmo um cristão, se arriscaria a fazer algo tão bizarro como tratar de questões contemporâneas e das necessidades da nossa época, voltando a algo tão antigo e distante como o Antigo Testamento. Mas é isso o que eu tenho feito repetidas vezes, pois me impressiona o quão relevante e poderosa é a mensagem que o Antigo Testamento partilha com o Novo. É chegado o momento de uma nova avaliação das nossas razões para evitar esta seção da Bíblia. Juntamente com o argumento favorável a procurar no Antigo Testamento as respostas para questões contemporâneas, devem também ser apresentadas algumas sugestões práticas de ajuda, sobre como esta tarefa pode ser realizada, sem fazer uma injustiça com o texto mais antigo ou com as necessidades da igreja que espera o Senhor.

O Antigo Testamento precisa praticamente da mesma defesa de um leão! No entanto, ele é claramente ignorado e frequentemente negligenciado no ministério de pregação e ensino da igreja. Essa negligência é ainda mais frustrante quando as reivindicações e os direi-

tos do Antigo Testamento de ser recebido como a poderosa Palavra de Deus são tão fortes quanto os do Novo Testamento. Portanto, é essencial que nós ouçamos a defesa que o Antigo Testamento faz de si mesmo, uma vez mais. Essa defesa pode ser apresentada em quatro principais teses.

Ele É a Poderosa Palavra de Deus

O mais Antigo Testamento está a anos luz de distância de ser uma mera palavra *de* mortais escrita *à* humanidade *sobre* eles mesmos! Em vez disto, ele se apresenta como possuindo autoridade divina, com uma suficiência que transcende o que os meros mortais podem criar ou expor para seus contemporâneos, ou para as gerações futuras.

É verdade, Deus empregou personalidades distintas, talentos literários, vocabulário e maneiras exclusivas que cada autor tinha de se expressar, como qualquer pessoa que tenha lido a Bíblia nos idiomas originais deve ter notado. Mas a revelação de Deus não sofreu por isto, obstáculo ou distorção, como um raio de sol que sofre refração quando passa por uma janela de vidro colorido. Se usarmos essa analogia, então devemos observar que o arquiteto que criou o sol, de onde se origina o raio de sol, é o mesmo arquiteto que criou a janela de vidro colorido, o que neste caso seria análogo aos autores do Antigo Testamento. Deus preparou tanto os autores — com toda a singularidade e particularidade que cada um deles traz à tarefa de escrever as Escrituras — quanto a revelação propriamente dita.

A questão é: a preparação dos autores foi uma obra de Deus, tão significativa quanto à revelação que veio de Deus. Assim, a cada autor foram dadas experiências, contextos culturais, uma quantidade de vocabulário, e idiossincrasias especiais de modo que se expressassem com estilos absolutamente próprios, mas sendo o resultado final exatamente o que Deus desejava para cada seção da sua revelação.

Essa preparação do autor começava já no dia do seu nascimento. O profeta Jeremias soube que tinha sido chamado quando estava ainda no ventre de sua mãe (Jr 1.4,5), ao passo que o chamado de Isaías ao ministério para defender a palavra de Deus surgiu da sua

sensação de necessidade, aparentemente tarde na vida (Is 1-5). Se Jeremias exemplifica como é um chamado interno de Deus, Isaías nos mostra como é um chamado externo de Deus.

Como, então, cada autor pode ser ele mesmo de uma forma tão singular, e, ainda assim, tão fiel à revelação que Deus desejava transmitir à humanidade? Devemos sacrificar a originalidade humana ou a autoridade divina? Não podemos ter as duas coisas — ou podemos?

É evidente para qualquer aluno que comece a estudar a lei nos idiomas originais do Antigo Testamento (hebraico e aramaico) que há diferenças muito claras nos níveis de dificuldade, gramática, vocabulário e estilos, nos trinta e nove livros do Antigo Testamento. Isso certamente explica a individualidade de cada um dos autores. Mas essa não é uma mera palavra de mortais. A repetida afirmação dos próprios autores é que aquilo que eles escreveram era uma revelação de Deus, que deveria ser distinguida das suas próprias palavras. Por exemplo, Jeremias 23.28,29 declara:

> O profeta que teve um sonho, que conte o sonho; e aquele em quem está a minha palavra, que fale a minha palavra, com verdade. Que tem a palha com o trigo? — diz o Senhor. Não é a minha palavra como fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a penha?

Confundir as palavras e os sonhos do profeta com a palavra e visão de Deus era tão tolo como confundir a palha com o trigo no caule!

O apóstolo Paulo não participaria da diminuição do Antigo Testamento, pois instruiu o seu jovem amigo Timóteo em 2 Timóteo 3.16, de que,

> Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa
> para ensinar,
> para redarguir,
> para corrigir,
> para instruir em justiça.

É preciso recordar que as "Escrituras" (grego, *graphe,* "escrito") que estavam disponíveis a Timóteo quando Paulo lhe escreveu eram os livros do Antigo Testamento. Todo o Antigo Testamento foi "inspirado por Deus". Ele é um produto de Deus. Por isso, se desejarmos ter uma apresentação plena e equilibrada de toda a verdade de Deus, é absolutamente essencial que a nossa pregação e o nosso ensinamento incluam o Antigo Testamento.

Além disso, o Antigo Testamento é útil, pois tem pelo menos quatro funções: (1) ensinar, (2) redarguir, (3) corrigir, e (4) instruir em justiça. A isso Paulo acrescenta em 2 Timóteo 3.15 que o Antigo Testamento "pode [nos] fazer sábios para a salvação pela fé que há em Cristo Jesus". Poucos pensam que um bom resultado, como a salvação pessoal de alguém, pela fé em Jesus Cristo, viria do ensinamento e da pregação do Antigo Testamento, mas o apóstolo Paulo ensinou que isso podia acontecer — e ensinou isso sob a inspiração do Senhor soberano.[1]

Os nossos dias não são a única época em que a Palavra de Deus se tornou escassa, difícil de encontrar, fora de moda, ou aparentemente sem força ou eficácia quando é exposta ao povo. Poderíamos citar uma situação similar quando o jovem Samuel estava crescendo no santuário sob a tutela do sacerdote Eli. Assim sendo, a história começava na observação de que "a palavra do Senhor era de muita valia naqueles dias; não havia visão manifesta" (1 Sm 3.1). Sem a luz da revelação, todo o tecido da sociedade estava em perigo. Isso também foi dito no livro de Provérbios, que advertia: "Não havendo profecia [hebraico, *hazon*, "visão" ou "revelação" de Deus], o povo se corrompe" (Pv 29.18). O termo hebraico usado para "corrompe" é o mesmo que aparece no episódio do bezerro de ouro, em Êxodo 32.25, onde o povo "abandonou toda a restrição" e "se descontrolou" em atos de prostituição "sagrada", diante do bezerro que tinham acabado de criar. Isso era exatamente o que estava acontecendo nos dias do jovem Samuel, pois os filhos do sumo sacerdote estavam seguindo o mesmo caminho imprudente que os levaria à destruição, embora presidissem como sacerdotes no altar de Deus. Enquanto

isso, a Palavra de Deus continuava escassa e raramente era anunciada ou ensinada ao povo.

A posse de uma palavra de Deus não era uma pequena benevolência ou um pequeno tesouro, pois ela só é menor, em importância, do que a dádiva de Deus ao mundo: Jesus Cristo, o seu Filho amado. Mas a mera *posse* desta palavra não será suficiente para fortalecer a comunidade, em ocasiões de necessidade. Na verdade, a contínua negligência a esta palavra pode fazer com que o próprio Deus torne a sua Palavra escassa, de modo que poucos possam encontrá-la, desta maneira beneficiando-se de aplicar a sua mensagem. Neste caso, os mortais não podem fabricá-la, duplicá-la ou substituí-la por uma suposta alternativa.

A escassez da Palavra de Deus seria um sinal dos juízos de Deus sobre o seu povo e os seus líderes, que tinham ajudado a criar esta esterilidade. A situação seria similar à daquelas horríveis palavras, encontradas em Amós 8.11,12:

> Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. E irão errantes de um mar até outro mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, buscando a palavra do Senhor, e não a acharão.

Às vezes, Deus nos dá o que queremos (quando nos recusamos a ouvir a sua Palavra), mas Ele também envia uma escassez às nossas almas, como resultado (Sl 106.15). Nestes casos, Deus fica cada vez mais silencioso, e as trevas do nosso dia ficam mais espessas, à medida que uma intolerável tristeza se abate sobre nós.

A única cura conhecida para isso é o clamor que era ouvido na Reforma: *post tenebras lux,* "Depois das trevas, a luz!" Por isso, Calvino e seus sucessores pensaram que a única maneira pela qual a *luz* viria para o povo de Deus e para a cidade de Genebra, na Suíça, seria pela pregação das Escrituras. Assim, seis sermões por semana eram prescritos, de acordo com as Ordenanças da Igreja de Genebra,

em 1541 d.C. Era necessário um sermão no amanhecer do domingo, e outro à hora usual, ou seja, 9 horas da manhã. O catequismo, para as crianças, era feito ao meio-dia, seguido por um sermão às 3 horas da tarde, e três outros sermões às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras. Somente desta maneira a luz retornaria e as trevas seriam rompidas, era o que eles raciocinavam. Não deveríamos seguir estes senhores estabelecendo, como eles fizeram, algo mais do que a homilia de vinte e cinco minutos ou o sermão de dez a quinze minutos proferido aos domingos como a fonte total da nossa maturidade cristã para toda a semana? E uma porção deste repertório expandido de textos bíblicos não deveria incluir uma missão distinta de pregação e ensino dos textos do Antigo Testamento?

Aquela mensagem de Deus pode nos assombrar da mesma maneira como chocou o sacerdote Eli (1 Sm 3.2-14). Foi assombrosa, no seu chamado, pois Deus chamou repetidas vezes o jovem Samuel (vv. 2-10). As palavras "chamar" ou "chamou" aparecem nada menos do que onze vezes nos versículos 4-10 de 1 Samuel 3. Apesar disso, Deus não repreendeu Samuel por ser lento para responder; Ele apenas "veio e ali esteve, e chamou como das outras vezes" (v. 10). A paciência e a ternura do Senhor são, por si só, assombrosas.

Mas igualmente assombroso e espantoso é o conteúdo da mensagem. Neste caso, foi a mensagem que o Senhor pediu que Samuel transmitisse a Eli. O Deus soberano iria "fazer uma coisa em Israel a qual todo o que ouvir lhe tinirão ambas as orelhas" (v. 11). Como Eli não conseguiu restringir os seus filhos, Deus julgaria a sua família e a culpa da sua casa jamais seria expiada por sacrifícios ou ofertas (vv. 12-14). Assim, a palavra de Deus envolveria um abençoado chamado a um homem para o serviço de Deus, mas também uma visitação de juízo a outro por deixar de agir de acordo com a Palavra divulgada.

Ao fazer isso, Deus demonstrou que é Soberano sobre todos (1 Sm 3.15-18). Ele é Soberano sobre quem está falando (vv. 15-17) e soberano sobre os ouvintes (v. 18). Assim somos ensinados nas Escrituras a dizer "Amém", não apenas às bênçãos de Deus, mas também aos seus juízos.

A história de Samuel termina com a palavra de Deus reconhecendo o seu servo Samuel (1 Sm 3.19-4.1a). Na verdade, "nenhuma de todas as suas palavras [Deus] deixou cair em terra" (v. 19). Aqui está a validação, a confirmação e a garantia da proclamação de Samuel acerca da revelação divina. E é isso o que validará a pregação do Antigo Testamento nos nossos dias também: A validação soberana do próprio Senhor.[2]

Ele nos Leva a Jesus, o Messias

Um dos trágicos resultados de separar o Antigo Testamento do Novo é o fato de que a comunidade de crentes deixa de ver que a vida de Jesus, o seu ministério, sua morte e ressurreição, foram claramente previstos muito tempo antes que os eventos acontecessem. Considerando o Antigo Testamento como uma mensagem não-cristã, há a perspectiva antecipada por alguns, de que não há nada cristológico ou messiânico a ser conquistado pelo estudo, muito menos pela leitura, pelo ensinamento e pela pregação do Antigo Testamento. Mas essa visão desafia a evidência do próprio texto.

O Messias está no âmago da mensagem desta parte negligenciada da Bíblia. Por exemplo, de acordo com cálculos de rabinos, há aproximadamente 456 textos do Antigo Testamento que se referem diretamente ao Messias ou aos tempos messiânicos.[3] Embora esse número seja aumentado pelos padrões particulares de sabedoria usados em algumas comunidades, o que resta quando a lista é reduzida é ainda extremamente impressionante.[4]

Infelizmente, uma porção significativa da sabedoria moderna compartilha uma atitude cética com relação à consciência messiânica dos autores do Antigo Testamento. Típica de tais juízos é a conclusão de Joachim Becker: "Não há evidência do verdadeiro messianismo até o século II a.C.".[5] Becker deseja que acreditemos que foi somente às portas do Novo Testamento que nós começamos a ver alguma evidência de um Messias! O que é surpreendente é que o próprio Becker percebeu que essa conclusão seria contrária a alguma forte evidência daqueles primeiros crentes do primeiro século cristão, que ainda não

tinham nenhuma das seções ou partes do Novo Testamento. Ele concordou: "Essa conclusão [à que ele tinha chegado acima] contradiria uma das mais importantes preocupações do Novo Testamento que insiste com frequência, intensidade e unanimidade sem precedentes, que Cristo foi proclamado antecipadamente no Antigo Testamento. A sabedoria histórico-crítica jamais poderá ignorar essa declaração do Novo Testamento".[6] Becker se esforçará ainda mais para destruir as suas próprias conclusões. Ele escreveu: "Encontrar Cristo em cada passo do nosso caminho, ao longo da história de Israel e do Antigo Testamento, não somente não é engano, como também é um dever que nos é imposto pelo testemunho inspirado do Novo Testamento, cujo significado devemos nos esforçar para compreender".[7]

Na verdade, há um sistema de profecia messiânica que pode ser encontrado no Antigo Testamento, que está de pleno acordo com os cumprimentos do Novo Testamento. Poucos perceberam a unidade do argumento total, frequentemente contentando-se com muito menos ao destacar um versículo aqui ou ali, de uma maneira abstrata e aleatória.

O intérprete não precisa se contentar com um conjunto duplo de significados para espremer do Antigo Testamento algumas possibilidades messiânicas. Ao contrário, é preciso ser capaz de mostrar que os autores do Antigo Testamento estavam cientes de um nexo muito decidido entre os eventos temporais e históricos em muitas das suas profecias e o seu cumprimento culminante no Messias — e isso pode ser feito legitimamente sem usar de violência com as regras normais de interpretação.

Aqueles que argumentam que o significado messiânico, aquilo que aponta para Jesus como o Messias, permanece escondido no texto em oposição aos apóstolos, que corajosamente anunciam que os eventos que ocorreram durante os dias de Jesus aconteceram exatamente como o Antigo Testamento tinha predito! O Antigo Testamento não pode ter um significado óbvio juntamente com um significado cristão oculto. Se este fosse o caso, citar os versículos para os não-crentes e tentar convencê-los de que Jesus foi totalmente

antecipado nas predições do Antigo Testamento seria equivalente a loucura. Se nós argumentarmos incorretamente que esse significado havia sido escondido na revelação anterior de Deus, como então ele poderia ser persuasivo com os que consideram que Jesus foi aquEle enviado por Deus de acordo com os seus planos desde toda a eternidade?

James H. Charlesworth comentou que "o termo 'Messias', no Antigo Testamento, não indica o agente final de Deus na história da salvação... o conceito de 'O Messias' no Novo Testamento está conectado com o Antigo Testamento, por intermédio da teologia do judaísmo antigo".[8]

Mas isso equivale a deixar de perceber a repetida declaração do próprio texto do Antigo Testamento. O termo *Messias* é realmente usado apenas nove vezes com relação ao Ungido que viria na pessoa de Jesus Cristo.[9] Mas tanto a comunidade judia (especialmente nos dias anteriores a Cristo) como a Igreja Primitiva encontraram dezenas, senão centenas, de textos respaldando uma interpretação messiânica como já vimos no argumento anterior.

Já no dia de Pentecostes (At 2.16-36), o apóstolo Pedro usou o Antigo Testamento para demonstrar que a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus tinham sido claramente antecipados pelos autores do Antigo Testamento. Pedro apelou ao profeta Joel (Jl 2.28-31), ao salmista (Sl 16) e ao entendimento do rei Davi (2 Sm 7; Sl 110) para explicar estes mesmos pontos, anteriores à aparição de qualquer literatura de Novo Testamento. Alguns dias depois, quando Pedro e João estavam a caminho do Templo, Pedro curou um coxo às portas do Templo (At 3). Isso deu oportunidade para outro sermão de Pedro, em que ele novamente fez referências diretas a Abraão, Isaque e Jacó, observando como eles indicavam "o que [Deus] já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado" (At 3.18), ou seja, que Cristo havia de padecer. Pedro afirmou que Cristo era "aquele profeta" sobre quem Moisés havia escrito. Moisés esperou que Deus levantasse alguém assim, e que se manifestasse naqueles dias. Este padrão de apelo ao Antigo Testamento para demonstrar que Cristo

é o Messias foi repetido nas palavras de Estêvão, em Atos 7, e nas palavras de Paulo na sinagoga em Antioquia (At 13). Não é o caso dos primeiros discípulos emprestados do judaísmo, a religião judaica recém-formada que teve início no exílio na Babilônia onde o templo agora seria substituído pela sinagoga, o sacerdote seria substituído pelo escriba ou pelo sábio e os sacrifícios seriam substituídos pelas orações. O apelo dos apóstolos foi direta e unicamente ao texto anterior do próprio Antigo Testamento.

O próprio testemunho de Jesus sobre si mesmo não foi menos claro: "São elas [os textos do Antigo Testamento] que de mim testificam" (Jo 5.39b). Além disso, na hora da tentação de Jesus, quando diante do próprio Satanás, a sua resposta a cada uma das três tentações foi citar o Antigo Testamento como seu protesto definido e confiável. Jesus não tinha necessidade de contentar os seus ouvintes judeus nem o Diabo, como alegam alguns. Ao contrário, este era um fato determinado pelo Senhor e que não poderia ser contraditado pelo maligno: as Escrituras são a Palavra de Deus digna de absoluta confiança. Neste ponto, o Diabo não poderia fazer nada!

Ele Trata das Questões da Vida

O escopo do ensinamento do Antigo Testamento sobre as grandes questões da vida é extremamente amplo e assombroso no seu aspecto prático. Ele abrange tudo, desde as questões de dignidade humana e tratamento do meio ambiente, nos capítulos iniciais do livro de Gênesis, até a natureza e o propósito do amor conjugal, em Cantares de Salomão, e uma teologia de cultura, no livro de Eclesiastes.

As suas leis morais tratam de valores e santidades como o caráter único e absoluto de Deus, o valor e a dignidade dos mortais e o respeito pela vida humana, pelos pais, pelo casamento, pela propriedade e pela verdade. As leis civis, por outro lado, tratam de questões como a segurança pública, o tratamento dos órfãos, os direitos de propriedade e o respeito pelas autoridades. Não menos úteis são as leis cerimoniais, que nos ensinam a traçar uma linha na areia, demarcando o sagrado e o secular, e separando aquilo que é santo do que é comum.

Se o livro de Lamentações é necessário para desenvolver uma teologia de sofrimento, então os salmos são necessários da mesma maneira, para nos ensinar como louvar e adorar a Deus.

Tanto os primeiros profetas (Josué, Juízes, Samuel e Reis) quanto os profetas posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores, segundo a organização da Bíblia dos hebreus) revelam o plano e a promessa de Deus. Eles também nos *dão* lições práticas que podemos usar, quando observamos os fracassos e os sucessos de indivíduos e nações que nos precederam. O assunto é claro: aqueles que se recusam a aprender com a história estão condenados, como diz o ditado, a repetir os seus erros.

Era Usado como a Autoridade Exclusiva na Igreja Primitiva

Embora já tenhamos feito referência a este fato, ele traz uma ênfase própria e distinta. O fato é que, sempre que a palavra "Escritura(s)" (*graphe, graphai*) aparece no Novo Testamento, quase sempre aponta para o Antigo Testamento, seja na sua tradução em grego, conhecida como a Septuaginta, ou no seu texto em hebraico e aramaico. Era a esses textos que os cristãos recorriam como os de Beréia, por exemplo, para descobrir como Jesus tinha sido predito no plano e no propósito de Deus naquele testamento anterior.

Nem todos os judeus e todos os primeiros seguidores de Jesus entenderam isso. Somente precisamos nos lembrar daqueles dois discípulos que estavam andando naquele primeiro domingo de Páscoa a caminho da aldeia de Emaús, quando Jesus se uniu a eles (Lc 24). Cleopas e o outro discípulo estavam tão dominados pela sua tristeza que deixaram de perceber que quem os acompanhava era o próprio Jesus.

Mas a sua falha foi mais profunda do que isso, entretanto. Eles não faziam ideia de que os eventos que agora vivenciavam tinham sido preditos há muito tempo, nas mesmas Escrituras que eles consideravam como sendo a Palavra de Deus. Este passo em falso intelectual motiva a firme censura de Jesus: "Ó néscios e tardos de coração

para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?" (Lc 24.25,26). No versículo seguinte, Jesus prosseguiu: "E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras".

Em nenhuma parte do Novo Testamento é possível encontrar evidências que declarem que os autores deixaram os limites do texto do Antigo Testamento para obter a sua visão do Messias, ou que com razão tivessem rejeitado imediatamente o que estes textos ensinavam a respeito daquEle que viria. A "história" que a Igreja Primitiva contava era a história do plano e da promessa de Deus e da linhagem da "semente" que terminaria no filho final de Davi, Jesus. Esse era o evangelho que eles proclamavam.

A palavra *gospel* (evangelho, em inglês) remonta ao Inglês Mediano *god-spel*, que significava a "boa história" e, com uma mudança de inflexão, a "história de Deus".[10] Assim, o evangelho é a história daquela série de eventos interconectados escritos para nos informar sobre a pessoa e a obra do Messias.

Entretanto, há mais a ser dito acerca do apelo dos primeiros cristãos para o Antigo Testamento, pois para eles, ele era mais do que uma mera série de textos sobre a identidade e a missão do Messias. Em Romanos 9-11, Paulo trata da questão de que Deus foi fiel às suas promessas feitas a Israel. Ele está interessado, não apenas na promessa que diz respeito à "semente", mas também à "terra", *eretz Israel* e as bênçãos que deveriam vir a todas as nações da terra por intermédio do homem da promessa de Israel.

Paulo mal pôde se conter quando examinou os conceitos da adoção de Israel como filhos, a glória divina que era deles, os concertos, o recebimento da lei, a adoração no Templo e as promessas (Rm 9.4). Contudo, ele se perturbou o suficiente para fazer a pergunta chave: Deus tinha deixado de fazer o que Ele tinha prometido? Essa ideia era anátema para Paulo, "porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (Rm 11.29). Embora a nação de Israel tivesse provisoriamente sido extirpada da sua própria árvore (que

estava enraizada nas promessas feitas aos patriarcas), essa exclusão somente duraria até que a plenitude dos gentios tivesse entrado (Rm 11.25). Mas então haveria um enxerto de Israel de volta à árvore, da qual eles foram cortados quando retornaram naqueles últimos dias em grandes quantidades à plena crença no seu Messias. Paulo estava exuberante. Este conhecimento o assombrava:

> Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!... Quão insondáveis são os seus juízos [de Deus], e quão inescrutáveis, os seus caminhos [de Deus]! (Rm 11.33).

Deus não poderia voltar atrás em tudo o que tinha prometido no Antigo Testamento — e nem o faria. Não é de admirar que a Igreja Primitiva encontrasse uma apologia preparada para as reivindicações do Messias, e tão grande consolação no Antigo Testamento.

Conclusão

O Antigo Testamento era a Bíblia da Igreja Primitiva. Mas uma nova objeção pode ser ouvida de alguns caluniadores. "Agora que temos o Novo Testamento, não deveríamos ir ao Novo Testamento *em primeiro lugar*, para formar uma compreensão dos ensinamentos da Bíblia, e depois *voltar* ao Antigo Testamento, interpretando-o à luz do Novo Testamento?" Essa abordagem é defendida com tanta frequência na Igreja hoje em dia, que deve ser encarada diretamente.[11]

Toda a abordagem é errônea, histórica, lógica e biblicamente. Como vimos, os primeiros crentes do Novo Testamento testaram o que tinham ouvido de Jesus, e dos seus discípulos, comparando com o que estava escrito no Antigo Testamento. Eles não tinham outro cânone nem outra fonte de ajuda. Como, então, seriam capazes de entender?

Assim, a partir de um ponto de vista metodológico, ler a Bíblia na ordem inversa é algo incorreto, tanto historicamente como em termos do processo. E, além disso, a Igreja Primitiva sabia que o Antigo Testamento era verdadeiro; portanto, logicamente, eles não

poderiam ter testado o que fora estabelecido (e era verdadeiro) por eles (possuindo somente o Antigo Testamento), de acordo com o que era recebido como algo novo (o Novo Testamento). Isso seria uma inversão da ordem natural, histórica e lógica das coisas.

Finalmente, Israel tinha sido ensinado biblicamente em passagens como Deuteronômio 13 e 18 a testar novos ensinamentos ou declarações de autoridade divina, segundo o que Deus já revelou na sua palavra (isto é, no Antigo Testamento). Portanto, pregar e ensinar a Bíblia em uma metodologia inversa pode produzir uma mensagem que também é invertida metodologicamente.

Ao validar as reivindicações de autenticidade, nós passamos do que já é reconhecido como sendo verdadeiro ao que é edificado sobre isso. Qual é, então, o caso para interpretar a Bíblia em uma abordagem direta, e não inversa?[12]

1. Rejeitar o Antigo Testamento como a revelação *anterior* e autêntica e autorizada de Deus significa rejeitar a própria base da Bíblia para determinar quem é e quem não é o Messias. Jesus situou a falha dos ouvintes judeus na sua incapacidade de crer no que Moisés escreveu. Em João 5.46,47, Jesus declarou: "Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele. Mas, se não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras?" Exatamente! Descartar o Antigo Testamento e reduzir o escopo do seu estudo apenas ao Novo Testamento irá suscitar, logicamente, a seguinte questão: "Como posso crer no que Deus disse *en toto* no Novo Testamento, se eu não estou inclinado a crer nem a confiar no que Ele disse no Antigo Testamento?"
2. As Escrituras do Novo Testamento baseiam no Antigo Testamento a sua reivindicação de serem autênticas e autorizadas. E por isso o capítulo 1 de Mateus começa com uma genealogia, que se estende do Gênesis ao Novo Testamento.
3. O fundamento dos ensinamentos de Jesus era o Antigo Testamento. Se algum novo ensinamento fosse uma contradi-

ção ao *Tenach* (acrônimo judaico para o Antigo Testamento), teria que ser rejeitado, pois Deuteronômio 12.32 advertia: "Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás".

4. Paulo também baseava seus ensinamentos no Antigo Testamento. Ele pregava o que tinha recebido das Escrituras do Antigo Testamento. Disse ele: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, *segundo as Escrituras*, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, *segundo as Escrituras*" (1 Co 15.3,4, ênfase do autor). Mas de maneira ainda mais definitiva, quando Paulo estava em julgamento, podendo ser condenado à morte, afirmou: "E, agora, pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais" (At 26.6). E concluiu, dizendo: "Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço... não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer" (At 26.22). O seu testemunho era de que "conforme aquele Caminho... crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas" (At 24.14). Mesmo aprisionado em Roma, Paulo convocou a comunidade dos judeus a fim de explicar qual era a sua mensagem. Ele se considerava "declarando com bom testemunho o reino de Deus e procurando persuadi-los à fé de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à tarde" (At 28.23, tradução do autor).

O Antigo Testamento pode argumentar por si só, pois assim o fez, durante os séculos antes de Cristo e nos primeiros séculos cristãos. Tornar a pregação ou o ensinamento do Antigo Testamento dependente de um compromisso anterior de torná-lo normativo, para todas as questões da fé, o ensinamento no final da revelação de Deus (isto é, o Novo Testamento), obscurece a característica singular de muitos dos ensinamentos do Antigo Testamento. Isso também trivializa três quartas-partes do que Deus tem a nos dizer. A tendência

de interpretar a Bíblia na ordem inversa é um sério problema de procedimento, pois deixa um grande vácuo nos nossos ensinamentos e proporciona terreno fértil para as heresias de amanhã. É reducionista nivelar a Bíblia e remover as suas diferenças para que diga apenas o que o Novo Testamento disse!

A importância do Antigo Testamento é inestimável para todos os crentes. Evitá-lo é deixar de aproveitar aproximadamente três quartas-partes do que o nosso Senhor tem a nos dizer hoje, quer nós o ouçamos ou não!

2

O Problema do Antigo Testamento hoje

Em vez de receber o Antigo Testamento com gratidão, como um presente de Deus, muitos dos que pertencem à igreja de Cristo o consideram como um albatroz ao redor dos pescoços dos cristãos contemporâneos. Eles se debatem com questões como estas: Qual é o significado do Antigo Testamento, hoje, para nós? Por que os crentes deveriam se importar com o Antigo Testamento agora que temos o Novo? Não há uma grande quantidade de problemas em usar um livro como o Antigo Testamento, especialmente quando há muitos trechos dele que não mais estão em vigor nem são normativos para a igreja? Perguntas como essas, em última análise, suscitam a questão do Antigo Testamento como um grande problema, se não o principal problema da teologia.

O Antigo Testamento É o Principal Problema da Teologia?

Em 1955, Emil Kraeling advertiu: "O problema do Antigo Testamento... não é apenas um entre muitos. É o principal problema da teologia".[1] Essa é uma avaliação correta e precisa da situação, em minha opinião, pois tão logo alguém faça uma avaliação incorre-

ta, com relação ao Antigo Testamento, os resultados vão lentamente devastando todo o resto da sua teologia. Por exemplo, uma vez que alguém conclua, como alguns já concluíram, que a fé de Abraão em Deus em Gênesis 15.6, significa que ele simplesmente se tornou teísta, no sentido de que decidiu que deve existir um Deus, e que ele depositaria a sua confiança nEle, os resultados dessa interpretação começam a aparecer na cristologia e na missiologia deste alguém. Essa conclusão falsa fez com que muitos concluíssem que não é necessário que a fé de uma pessoa seja fundamentada em Jesus, pois esta pessoa pode vivenciar a fé salvadora, simplesmente crendo que existe um Deus, como, supostamente, Abraão fez. Os cristãos sabem que o texto em Atos 4.12 diz que não há outro nome pelo qual possamos ser salvos senão o nome de Jesus, porém, mais uma vez alguém supõe incorretamente que as regras são diferentes entre os dois testamentos. Mas haveria um grave problema na exegese do Antigo Testamento, se nós sustentássemos que Abraão meramente cria em Deus. Dizer que Abraão cria em Deus, sem fazer referência à promessa da semente que haveria de vir, significaria que agora uma teologia fraca estaria dominando os nossos conceitos de salvação, missões e a necessidade de crer em Jesus.

A. H. J. Gunneweg também manifestou o mesmo sentimento de que o Antigo Testamento era um grande problema de teologia quando concluiu:

> Não seria nenhum exagero compreender o problema hermenêutico do Antigo Testamento como *o* problema da teologia cristã. Não se trata apenas de um problema entre outros. É *o* problema, porque todas as outras questões de teologia são afetadas, de uma ou outra maneira, pela solução deste problema.[2]

Nós precisamos apenas rever os grandes debates sobre Cristo e a Trindade na igreja, sem negligenciar os relativos à expiação e à doutrina de salvação, para validar o fato de que o Antigo Testamento é realmente *o* grande problema de teologia.[3] Um passo em falso neste

testamento, muitas vezes, significa um passo em falso na teologia e na prática da fé.

O Antigo Testamento Tem um Centro ou um *Mitte?*

Assim como os autores do Antigo Testamento não escreveram em um vácuo, também os leitores originais ou a Igreja Primitiva não leram as antigas Escrituras em um vácuo. Eles liam os livros e os autores do Antigo Testamento com uma sensação de integridade e perfeição e capacidade de conexão dos textos. O texto era tratado como uma história progressiva do plano e do propósito de Deus, exibida na tela histórica daqueles tempos em que os seus participantes se situavam.

O caso relacionado à unidade do testamento pode ser investigado na maneira como autores posteriores citam e se referem a eventos, pessoas e palavras anteriores, um método que poderia ser usado como precedente em nossos próprios dias. Mas isso é contrário ao espírito principal da sabedoria bíblica contemporânea. A acusação contra a unidade e a capacidade de conexão entre os textos é o fato de que os materiais do Antigo Testamento são demasiadamente variados, distintos e diversificados para possibilitar qualquer motivação central ou plano organizacional. Mas chegar a essa conclusão será abrir mão do fato de que havia uma mente organizadora divina por trás de todo o testamento. Na verdade, com excessiva frequência Deus é apagado da cena e uma multiplicidade de pensamentos, vontades e propósitos é colocada no lugar do pensamento, do propósito e do plano do próprio Deus.

Se há uma chave que destrava esta busca por um centro organizador, qual é ela? Eu afirmo que ela será encontrada no *plano-promessa* de Deus. Nenhum texto demonstra este argumento melhor do que 1 Pedro 1.3-12. Quando Pedro discutiu "a grande salvação" que os crentes cristãos têm, concluiu que era esta mesma salvação que os profetas tinham também estudado. Estes profetas "inquiriram e trataram diligentemente" (v. 10) a respeito desta salvação.

"Mas não é exatamente este o propósito da objeção a qualquer tipo de plano ou centro unificado ou holístico do Antigo Testamento?", protestarão alguns. Afinal, se os profetas estavam quebrando suas cabeças para entender esta salvação, como poderiam ter sido versados ou conhecedores deste mesmo assunto? Eles se mostraram perplexos ou confusos, ou foram precisos no que escreveram e ensinaram?

A resposta é que foram apenas os temas da *ocasião apropriada* e das *circunstâncias* conectadas com o Messias e as suas obras que os frustravam em 1 Pedro 1.10-12. No que diz respeito aos fatos principais, no entanto, eles não tinham dúvidas: (1) eles sabiam que estavam falando sobre o Messias, (2) sabiam que o Messias devia sofrer, (3) sabiam que o Messias também seria glorificado e triunfaria, (4) sabiam a ordem dos acontecimentos, isto é, que o sofrimento viria em primeiro lugar e depois a glória, e, finalmente, (5) sabiam que estavam escrevendo, não apenas para a sua própria época, mas também para "nós", da igreja cristã. Era isso o que Pedro ensinava à jovem igreja a qual escreveu esta epístola na era cristã.

Sendo assim, eu creio que os autores do Antigo Testamento estavam cientes acerca do que diziam. Eles viam alguma unidade e um elo de conexão entre os sucessivos livros. Embora uma estrutura unificadora seja extremamente importante, não deve ser considerada como uma grade colocada sobre a Bíblia ou que fosse imposta a partir *de fora.* Devia ser uma estrutura e um plano que nascia de *dentro* dos sucessivos textos do Antigo Testamento.

O Antigo Testamento Exibe esta Unidade?

Acadêmicos sugeriram todos os tipos de temas centrais para o Antigo Testamento, como a santidade de Deus, a comunhão com Deus, a Lei de Deus, o Reino de Deus e o Concerto. Cada ideia tem seus méritos, mas nenhuma delas consegue mostrar de *dentro* do próprio Antigo Testamento que era o centro organizador divinamente designado para todo o Antigo Testamento.

Se eu fosse escolher um texto do Antigo Testamento que mais sucintamente declara o pensamento divino e congrega toda a multi-

plicidade de temas, eu escolheria Gênesis 12.3. Ali, está escrito: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra". Ali está o plano organizador de toda a Bíblia.[4]

Albrektson escreveu, em sua obra *History and the Gods*: "Se eu pudesse aceitar Gênesis 12.3 como sendo passivo em forma (na forma hebraica do verbo), eu consideraria isso como sendo o plano de Deus".[5] Mas o verbo é realmente passivo[6] na forma em hebraico, e esta é a maneira como é citado no período intertestamentário assim como no Novo Testamento. Assim, o plano de Deus pode ser definido como uma mensagem ou declaração de Deus, de que Ele formaria uma nação e que dela traria aquEle por cujo intermédio a salvação viria a todas as nações. Esse tema pode ser mencionado como o "plano-promessa de Deus".

Somente nos tempos do Novo Testamento os autores decidiram designar este plano com a palavra única, *promessa.* Assim é usada, em todos os livros do Novo Testamento, com a exceção de seis (isto é, Mateus, Marcos, João, Tiago, Judas e Apocalipse). O substantivo "promessa" é usado cinquenta e uma vezes, e o verbo "prometer", onze, no Novo Testamento. Em praticamente cada um desses casos, era usado para referir-se ao plano de Deus em andamento, e à sua declaração repetidamente anunciada no Antigo Testamento. No entanto, no Antigo Testamento não há uma palavra dominante como designação para este plano de Deus. Em vez disso, o Antigo Testamento usava uma constelação de termos, como "juramento" de Deus, a sua "palavra", o seu "reino", a sua "casa" e outros. Este plano-promessa de Deus cresceu por todo o Antigo Testamento, assumindo cada vez mais itens dentro do único plano de Deus. Ele incluía missões, a herança da terra, o temor a Deus, como viver de modo prudente e sábio e como usar o templo livre como uma dádiva de Deus. Incluía até mesmo o amor conjugal e o relacionamento matrimonial.

Paulo fez o mesmo resumo no seu sermão em Antioquia da Pisídia: "E nós vos anunciamos que a *promessa* que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus" (At 13.32,33,

ênfase do autor). E, o que é ainda mais significativo, Paulo resumiu o trabalho de toda a sua vida diante do rei Agripa, em Atos 26.6,7, dizendo: "E, agora, pela esperança da *promessa* que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado, à qual as nossas doze tribos esperam chegar".

Se examinarmos todas as sessenta e duas referências do Novo Testamento, nos vinte e um livros que mencionam "promessa", elas se dividem da seguinte maneira: 20% das referências à promessa são relativas à nação de Israel; 16% tratam da promessa da ressurreição dos mortos; 11% dizem respeito à promessa de Jesus como o Messias; 6% tratam da segunda vinda de Cristo; 20% se referem à promessa de redenção do pecado; 16% estão relacionadas à promessa do evangelho para as nações e outros 5% dizem respeito aos gentios.

Os quatro mais singulares momentos no plano-promessa de Deus que agem como nossos quatro grandes picos no campo do Antigo Testamento, são: Gênesis 3.15, Gênesis 12.2,3, 2 Samuel 7 e Jeremias 31.31-34. Eles são, respectivamente, o plano-promessa feito a Eva, a Abraão, e a Davi, e o novo concerto feito com Israel.

A compreensão da perfeição do plano de Deus facilitará, e muito, o ensino e a pregação das partes individuais desta totalidade no Antigo Testamento. Ou, explicando de outra maneira, é difícil realizar pregação e ensinamento explicativos sem uma teologia bíblica que se origina naturalmente do próprio texto das Escrituras. É preciso ter alguma ideia de como é a floresta, antes de tentar interpretar individualmente as árvores, os ramos ou as folhas. A teologia bíblica se torna um componente muito importante no entendimento do pregador e do professor, quando ele ou ela abordam o texto.

O Antigo Testamento Exemplifica Legalismo ou Graça?

Com muita frequência, os crentes pensam que a expressão "Antigo Testamento" é um sinônimo da lei de Moisés, uma lei que foi extinta agora que veio o Novo Testamento. Se isso for verdade, por que então se preocupar com o Antigo Testamento? Alguns ci-

tam Martinho Lutero para estabelecer esta recente reclamação. Disse Lutero: "Cristo aboliu todas as leis de Moisés que já existiram".[7]

Se Lutero estivesse correto, não haveria leis contra o homicídio, o roubo, a idolatria, o adultério, o falso testemunho, desonrar os pais, e outras. A declaração de Lutero, tal como aparece, precisa de grandes correções.

Irineu, discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João, escreveu em 180 d.C. exatamente o oposto do que Lutero posteriormente defenderia:

> E os apóstolos que estavam com Tiago permitiram que os gentios agissem livremente, entregando-nos ao Espírito de Deus (At 15). Mas eles mesmos, embora conhecendo o mesmo Deus, continuaram com as observâncias antigas... Isto fizeram os apóstolos, aos quais o Senhor fez testemunhas de cada ato e de cada doutrina... agindo escrupulosamente de acordo com a dispensação da lei Mosaica.[8]

A lei jamais foi entregue como meio de salvação ou redenção. Mas foi apresentada, começando em Êxodo 20 (o Decálogo), no contexto da redenção: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão".

Qual, então, teria sido o propósito da lei? Ela foi o meio pelo qual nós viemos a conhecer o que é o pecado (Rm 7.7) e que o pecado é proibido (Rm 4.15). O pecado estava no mundo antes que a lei viesse (Rm 5.13), mas quando a lei veio, não somente proibiu o pecado, mas também nos mostrou o que é certo e como devemos viver.

Naturalmente, a lei prometia a morte para todos os que a infringissem, mas a lei foi dada pelo amor, pela misericórdia e pela graça de Deus. Aqui estava o padrão de santidade de Deus, e a medida para decidir quem e o que era "justo".

Jesus advertiu, em Mateus 5.17: "Não cuideis [aparentemente, Ele sabia que alguns estariam tentados a fazer isso] que vim destruir a lei ou os profetas; não vim ab-rogar, mas cumprir", isto é, cumpri-las. Na verdade, tão sério é este assunto, que Jesus adverte,

em Mateus 5.19: "Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus".

Mas alguns ainda protestam: "Paulo não ensinou que a lei foi abolida?"

Não, ele não fez isso! Ouça, quando ele faz esta pergunta: "Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei" (Rm 3.31).

Não querendo ser derrotado, nosso opositor ainda reclama: "O novo concerto não substituiu o antigo concerto da lei em Jeremias 31.31-34?" Ao contrário, o novo concerto conservou a *mesma lei*, a lei de Deus, dada a Moisés, com a promessa adicional de que Deus a gravaria em nossos corações, em lugar de gravá-las em pedra. Embora haja diferenças na lei em razão da sua obsolescência embutida ou ao fato de que ela só se aplicava a algumas pessoas, em distintas circunstâncias,[9] a lei de Deus ainda está no centro do novo concerto.

Mas alguns ainda continuam afirmando que a graça não está presente no Antigo Testamento. No entanto, quem quer que tenha observado a longanimidade de Deus e a sua firme recusa em rescindir a sua promessa feita para Israel não pode ser sério em fazer tal protesto contra o Antigo Testamento. Tomando um único exemplo, perceba como em meio à enumeração de uma litania de transgressões de Israel durante os dias dos Juízes, Deus afirma: "Nunca invalidarei o meu concerto convosco" (Jz 2.1). O que é isso, senão uma demonstração da própria graça!

O Antigo Testamento Deve Ser Considerado Acabado e Englobado no Novo Testamento?

Se não devemos defender a abolição ou a rejeição do Antigo Testamento, devemos *cristianizá-lo*, perguntam alguns, para preservar a sua utilidade para a igreja? Mas também devemos rejeitar essa ideia. O que então o Antigo Testamento tem que ver com o Novo? Não há diferenças entre os dois testamentos?

A Igreja não deve ser considerada totalmente culpada por estar tão confusa a respeito desta questão, pois lhe foram ensinadas pelo menos seis respostas diferentes a respeito da questão sobre a continuidade ou descontinuidade encontrada entre os testamentos.

O Antigo Testamento Deve Ser Expurgado

A primeira resposta é extrema. Ela declara que o testamento anterior era um desperdício e, em si mesmo, uma religião pagã. Isso é o que ensinavam Marcion, Schleiermacher, Harnack e o jovem Delitzsch. Marcion, um rico comerciante, nascido em Ponto, no mar Negro, separou-se da Igreja Primitiva em 144 d.C., formando a sua própria seita, por causa deste tema. No entanto, as suas opiniões sobre essas questões foram condenadas pelo Edito de Constantino, no século IV. Marcion ensinava que o Deus do Antigo Testamento era um semideus, era rude, duro e cruel. Todo o Antigo Testamento, juntamente com as alusões ao Antigo Testamento ou citações dele feitas no Novo, tinham que ser expurgados do santo livro da Igreja. Friedrich Schleiermacher, Adolph Harnack e Friedrick Delitzsch, todos chegaram a conclusões muito similares.

O Antigo Testamento É uma Lição Negativa

Uma segunda solução é usar o Antigo Testamento como uma lição negativa e uma história de fracasso. As suas mensagens são mais bem resumidas como uma lição do que não devemos fazer, da mesma maneira como muitos interpretam incorretamente os doze capítulos do livro de Eclesiastes como um ponto de vista natural com a única ajuda aparecendo nos dois últimos versículos do livro. Mas, novamente, não deveríamos ser mais inspirados do que o texto que estamos examinando, para determinar o que pode ou não ser aceito como mensagem de Deus? Com base em que critério nós separaremos o que deve ser interpretado como positivo, se é que haverá algo assim, do que é negativo?

O Antigo Testamento Fornece somente Material de Preparação para o Novo Testamento

Novamente, o Antigo Testamento não tem uma mensagem particular para a Igreja ou para as gerações posteriores. De acordo com essa teoria, ele era mera preparação para a verdadeira Palavra de Deus (!) que viria posteriormente, no Novo Testamento. Assim, o primeiro testamento é como um prefácio de um livro que nos diz que boas coisas virão nos capítulos que se seguem.

O Antigo Testamento É meramente uma Preparação Providencial para Cristo

Outro esforço para solucionar o problema da continuidade e da descontinuidade entre os testamentos é o que atribui ao primeiro testamento apenas um papel providencial para preparação para o segundo. Embora as palavras e os eventos que estão registrados no Antigo Testamento não sejam dirigidos à igreja ou a qualquer pessoa nas épocas posteriores, estas mesmas palavras e os eventos prepararam o terreno para a Vinda de Cristo, e a sua verdadeira revelação, que veio na mensagem do Novo Testamento.

O Antigo Testamento Preserva Tipos ou Comparações que Ilustram a Verdade Cristã

Aqui, também, a norma é o Novo Testamento, que, quando interpretado à luz do Antigo Testamento, parece revelar mensagens ocultas que eram codificadas em tipos ou comparações. Estas mensagens podem ser usadas de modo ilustrativo, mas não de uma maneira didática ou direta.

O Antigo Testamento É Parte do Plano Unificado de Deus para todos os Tempos e para todos os Povos

A minha solução consiste em compreender os dois testamentos como parte de um plano contínuo e unificado de Deus. Paulo resumiu este conceito, quando argumentou, em Romanos 15.8,9: "Digo,

pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus pela sua misericórdia". Isso nos recorda Gênesis 12.3, pois Cristo se tornou um servo do povo judeu, com um grande propósito: para que Ele pudesse confirmar o plano-promessa feito a Abraão, Isaque e Jacó de que na semente de Abraão "[seriam] benditas todas as famílias da terra". A prova desta tese, como indica Paulo em Romanos 15.9-12, deve ser encontrada nos seguintes textos do Antigo Testamento: 2 Samuel 22.50; Salmos 18.49; Deuteronômio 32.43; Salmos 117.1 e Isaías 11.10.

"Será que nada mudou entre os dois testamentos?", você pergunta. Sim, a administração mosaica, que apresentou a verdade por meio de numerosos símbolos e cerimônias que tipificam Cristo e a sua obra, mudou. Cristo veio, desta maneira tornando o símbolo e a cerimônia, o próprio tipo, não mais necessários, porque o antítipo e a própria realidade tinham aparecido. Além disso, a administração do antigo concerto não é a atual administração do novo, embora o conteúdo e a substância das bênçãos espirituais de ambos os concertos permaneçam progressivamente os mesmos.

Conclusão

O nosso ensinamento e a nossa pregação sempre continuarão impedidos e atrasados se deixarmos de ver que Deus tem uma perfeição na sua Palavra que abrange os dois testamentos em um único plano unificado. A chave que une os dois testamentos se origina naturalmente do próprio texto, ou seja, o plano-promessa de Deus.

Sem uma forte teologia bíblica, como a doutrina da promessa oferece, a possibilidade de se demonstrar uma grande pregação expositiva (ou explicativa), e um ensino expositivo é, realmente, muito escassa. Eu recomendo a apropriação e o estudo do esquema diacrônico da promessa ao longo dos séculos da história bíblica como a melhor maneira de obter tal teologia bíblica na preparação para realizar a pregação e o ensino explicativos.[10]

3

A Tarefa de Pregar e Ensinar a partir do Antigo Testamento hoje

Uma das mais antigas perguntas na história da Igreja é esta: Qual é a importância do Antigo Testamento para os cristãos contemporâneos? Há alguma relevância, algum ensinamento útil ou continuidade entre os dois testamentos? Ou o cristianismo é sobrecarregado pela sua associação com o Antigo Testamento? A Igreja estaria melhor, se deixasse de considerar o Antigo Testamento?

Quando se avalia quanto tempo é dedicado, em alguns seminários, para ensinar o que corresponde a mais de três quartas-partes de toda a Bíblia, isto já é suficiente para repensar se o Antigo Testamento é tão útil assim. Acrescente a isso o tempo dedicado ao aprendizado da língua hebraica em alguns seminários, e a conclusão parece evidente.

Mas "o problema do Antigo Testamento... não é apenas um entre muitos. É o principal problema da teologia", advertiu Emil G. Kraeling.[1] Kraeling prosseguiu, observando que a importância dominante do Antigo Testamento passa pela história como um fio vermelho. A razão é a seguinte: se alguém cometer um engano, no que diz respeito ao Antigo Testamento, este engano tende a se propagar nos estudos do Novo Testamento, teologia, ética e vida cristã prática. É preciso recordar Marcion, o herege do século II, para avaliar o im-

pacto total da declaração de que fazer um movimento errado, com respeito ao Antigo Testamento, afeta todo o resto. As suas conclusões sobre o Antigo Testamento causaram um impacto sobre o que ele era capaz de extrair do seu Novo Testamento expurgado, e, consequentemente, um profundo impacto sobre a sua teologia.

Onde, então, encontraremos alguma utilidade prática para o Antigo Testamento? Sem dúvida, o apóstolo Paulo instruiu o jovem Timóteo de que o Antigo Testamento era benéfico e útil em 2 Timóteo 3.16,17. Mas como ele deve ser ensinado, apreciado e pregado no mundo de hoje?

Há pelo menos quatro áreas principais em que a importância do Antigo Testamento fica claramente evidente, e onde ele é desesperadamente necessário nos nossos dias. As quatro áreas são: doutrina, ética, vida prática e pregação. Sem as informações do Antigo Testamento em cada uma destas quatro áreas, a Igreja se encontrará falida no século XXI.

Há inúmeras doutrinas que alcançam a sua mais plena expressão no texto do Antigo Testamento. Algumas das que nos vêm à mente são as doutrinas da criação (Gn 1—2), o pecado (Gn 3), a lei de Deus (Êx 20; Dt 5), a incomparável grandeza de Deus (Is 40), a natureza da expiação substitutiva de Cristo (Is 52.13-53.12), os novos céus e a nova terra (Is 65—66), e a segunda Vinda do nosso Senhor ao monte das Oliveiras (Zc 14). A questão é: se evitarmos o Antigo Testamento, e dependermos exclusivamente do Novo estaremos propiciando um terreno fértil para as heresias do amanhã, ou, na misericordiosa providência de Deus, uma oportunidade para que um ministério paralelo recupere o que outros negligenciaram ou deixaram de lado deliberadamente.

Não precisamos falar muito sobre o nosso fracasso em pregar a lei de Deus como interpretada corretamente no Antigo Testamento. No entanto, se todo o ensinamento ético de que precisamos está no Novo Testamento, como objetam alguns, então o que diremos à nossa geração sobre o casamento entre parentes próximos, as vilezas e muitas das novas questões morais e éticas propostas nos nossos dias?

O Novo Testamento não trata de muitos destes temas, pois pressupõe que nós lemos e demos ouvidos ao Antigo Testamento.

Intimamente conectada com este tema está a necessidade da vida prática coerente da vida cristã. Poucas seções da Bíblia são tão práticas e realistas como os livros de sabedoria. A procura por todo o mundo de seminários sobre a família, sobre o casamento e sobre a administração das nossas finanças prova que esta pode ser uma das áreas mais negligenciadas da nossa missão de pregação. E isso provavelmente está diretamente relacionado com o nosso fracasso em pregar o Antigo Testamento tão frequentemente como deveríamos. Onde poderíamos encontrar uma teologia de cultura, lazer e de administração dos bens materiais, melhor do que a do livro de Eclesiastes? Ele ensina que toda a vida e as suas possessões — comida, bebida, salários, conhecimento e até mesmo os cônjuges — são dádivas das mãos de Deus.

Mas outra questão crucial e não satisfeita no mundo de hoje é a necessidade da forte anunciação profética da Palavra de Deus contida no Antigo Testamento no nosso meio. A modernidade reduziu a clara exposição da Palavra de Deus de toda a sua força a pouco mais que ensaios sobre tópicos seguros que não ofendem a ninguém. Por essa razão, eu passo agora a tratar desta questão da pregação do Antigo Testamento.

Razões por que a Igreja Deveria Ouvir o Antigo Testamento

É preciso afirmar imediatamente que o tema central do Antigo Testamento e também do Novo, é Cristo.[2] O nosso Senhor não repreendeu os dois discípulos no caminho de Emaús na tarde daquele primeiro domingo de Páscoa pela sua incapacidade de compreender que Ele era aquEle para o qual toda a Lei, os Profetas e os Textos apontavam (Lc 24.25-27)? Na verdade, embora os profetas fossem ignorantes da época e das circunstâncias relacionadas com a vinda do Messias (1 Pe 1.10-12), eles eram esclarecidos sobre cinco coisas: (1) eles estavam escrevendo sobre o Messias; (2) eles sabiam que o

Messias sofreria; (3) eles sabiam que o Messias também seria glorificado e que triunfaria; (4) eles sabiam que o sofrimento antecederia a glória, e (5) eles sabiam que estavam falando não somente para a sua própria geração, mas a todos nós, que viríamos posteriormente, como os da igreja dos dias de Pedro. Por isso, o desconcerto dos profetas pela sua falta de conhecimento com relação ao dia exato do aparecimento do Messias não deve ser interpretado como prova de que eles falassem "mais do que sabiam" ou de que falassem com uma certa ignorância acerca daquilo que escreviam.

Há mais razões por que a Igreja deva ouvir o Antigo Testamento. Poderíamos citar a sua dimensão, pois aproximadamente 77% da Bíblia se encontra nos primeiros trinta e nove livros do cânone. Além disso, o conteúdo do Antigo Testamento não é basicamente a lei, como muitos pensam, incorretamente. Na verdade, ele se concentra também nas Boas Novas, no evangelho, do nosso Senhor Jesus Cristo. Essa declaração pode ser respaldada por Romanos 1.1,2. Neste texto, Paulo afirma que ele tinha sido "separado para o evangelho de Deus, o qual [Deus] antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras". As "Santas Escrituras" nos dias de Paulo não eram nada além do Antigo Testamento. E neste Antigo Testamento, o evangelho foi apresentado muito antes que Paulo começasse a anunciá-lo!

O mesmo argumento é exposto em Hebreus 3.17-4.2. Nesta passagem, o autor fala como a geração que tinha perecido no deserto não entrou na Terra Prometida de Canaã por causa da sua incredulidade. É por isso que todos nós devemos também ser cautelosos para que a mesma promessa que nos foi feita de entrar no repouso de Deus, não seja perdida da mesma maneira. Quando o evangelho nos é pregado, assim como foi pregado àqueles que morreram no deserto, corremos o mesmo perigo se também não crermos neste evangelho. O que está claro é que o mesmo evangelho pregado nos tempos de Moisés está sendo pregado agora, nos nossos tempos!

Uma última razão deve ser incluída aqui. Observe quantas vezes o pronome passa da terceira pessoa "ele", "ela" ou "eles" para "nós",

"conosco" ou "nosso", quando uma citação é reiterada mais adiante no Antigo Testamento ou no Novo Testamento. Por exemplo, Deus falou com Jacó no livro de Gênesis aproximadamente em 1800 a.C. Este mesmo texto é posteriormente usado pelo profeta Oséias, em 700 a.C. Ele citou muitos dos mesmos episódios e das mesmas palavras de 1800 a.C. para aqueles ouvintes do século VIII a.C. Na verdade, o profeta Oséias declarou que "[Deus] em Betel o achou [a Jacó], e ali falou *conosco*" (Os 12.4, com base no texto em hebraico, ênfase do autor). De modo que Deus ainda estava falando com as gerações futuras com o mesmo texto do livro de Gênesis, escrito aproximadamente 1100 anos antes!

Este mesmo fenômeno ocorre doze ou mais vezes no Novo Testamento. Por exemplo, Hebreus 6.18 declara que Deus afirmou a sua promessa a Abraão por meio de duas coisas imutáveis: a sua palavra, em Gênesis 12, e o seu juramento, em Gênesis 22. Entretanto, fez isso não somente para dar uma forte certeza a Abraão, mas também para encorajar aqueles que vivem nos tempos do Novo Testamento, "*nós*, os que colocamos o *nosso* refúgio em reter a esperança proposta" (ênfase do autor).

Portanto, este texto do Novo Testamento é dirigido a nós, tanto quanto foi dirigido a Israel.

Razões pelas quais a Igreja Perdeu o Antigo Testamento na sua Pregação

Poucas coisas desencorajam mais o uso apropriado de alguma coisa, do que o seu uso indevido. Foi isso o que aconteceu anteriormente, na história da Igreja. Os ataques do herege Marcion ao Antigo Testamento fizeram com que muitos se afastassem do Antigo Testamento. Antes disso, Filo tinha dado início a um programa de interpretação alegórica, exatamente como alguns dos intérpretes clássicos tinham feito, para conservar a respeitabilidade dos deuses e deusas das religiões grega e romana, tratando alegoricamente os seus textos religiosos do panteão do Olimpo. Pensava-se que tudo, na terra, formava uma analogia com alguma coisa similar no céu.

Por isso, alguns acadêmicos e pastores deixaram de tentar explicar as difíceis questões morais, éticas e doutrinárias suscitadas pelo Antigo Testamento. Estas questões logo foram deixadas de lado e substituídas pelo que se supunha ser a sua contrapartida celestial e espiritual. Ninguém, no entanto, conseguiu conferir autoridade divina a esta doutrina de analogia ou teoria de correspondências que se dizia existir entre a cópia terrena e o protótipo celestial.

Outro costume na era medieval e também anterior à reforma, foi supor que muitas coisas, se não a maioria delas, no Antigo Testamento, eram tipos de algo no Novo Testamento. Há tipos verdadeiros na Bíblia, mas todos os tipos bíblicos verdadeiros têm claras designações divinas exibidas nos mesmos contextos que o suposto tipo do Antigo Testamento. Consequentemente, uma pessoa, uma instituição, um ato ou evento que possa declarar por designação divina no Antigo Testamento que é uma imagem parcial de uma realidade maior futura pode ser reconhecido por todos os verdadeiros intérpretes como um tipo. Mas o problema surge quando os detalhes, como tudo o que há no Tabernáculo, é considerado um tipo de alguma outra coisa. Certamente, como um dos meus professores sabiamente observou certo dia na aula, certos ganchos e cordas do Tabernáculo se destinavam a erigi-lo e ajudar a sustentá-lo! O problema com a tipologia é que muitos vão muito além do que somos autorizados biblicamente a fazer. Naturalmente, há mais tipos na Bíblia do que o Novo Testamento afirma serem tipos, mas isto está muito longe de tornar a maioria das coisas no Antigo Testamento um tipo, especialmente se lermos o Antigo Testamento através das lentes do Novo Testamento.

Em um movimento posterior, para demonstrar como o Antigo Testamento pode ser útil para os crentes contemporâneos, o Iluminismo declarou que um texto bíblico era mais importante pela maneira *como* era composto do que pelo *que* dizia. Palavras e eventos sobrenaturais também foram rejeitados, quando um novo racionalismo assumiu o lugar onde a fé antes reinava. Além disso, a Palavra foi atomizada, reduzida, fragmentada e, de modo geral perdida pelo ministério de pregação da Igreja.

Mais recentemente, os resultados do pós-modernismo foram vistos em sistemas de hermenêutica do tipo "resposta do leitor". Para muitos, o significado de um texto agora deixou de ser a declaração dos autores humanos das Escrituras que pertenciam ao conselho de Deus e receberam a sua revelação, e passou a ser o significado que os leitores desejassem atribuir àquele texto. Isso é pouco mais do que uma forma moderna de exegese, "inserir e ler" no texto o que o leitor deseja ver ali. Isso faz da Bíblia algo que pode ser voltado para a direção desejada por cada leitor. Isso constitui um escárnio moderno na autoridade divina!

Nenhum destes sistemas nos ajudou a compreender o Antigo Testamento, mas foram responsáveis por fomentar um declínio e a perda da mensagem do Antigo Testamento em nossas igrejas e academias teológicas.

Razões por que o Antigo Testamento Auxilia na Pregação

Se nós desejarmos ter um ministério equilibrado e pleno, devemos pregar todo o conselho de Deus (At 20.27) a todos. Negligenciar qualquer área das Escrituras propiciará o terreno fértil para que a heresia cresça na Igreja ou ainda que, na misericordiosa providência de Deus, um ministério paralelo recupere o que foi negligenciado ou deliberadamente deixado de lado pelo ministério de pregação da Igreja.

O nosso ensinamento e a nossa pregação do Antigo Testamento devem ser equilibrados no seu uso de gênero, abrangendo todos os tipos de literaturas e ênfases encontrados no Antigo Testamento. Assim sendo, devem incluir louvor, mas também lamentação; devem tratar de passagens em prosa, mas também poéticas. Assim como há textos didáticos, há narrativas. O ensinamento e a pregação honestos e equilibrados devem incluir textos legais, proverbiais, históricos, escatológicos, doutrinários, éticos, proféticos, de sabedoria e apocalípticos do Antigo Testamento.

Pode-se dizer, com confiança, que sem o claro ensinamento do Antigo Testamento a Igreja e o pensamento moderno seriam preju-

dicados. Assim muitas questões modernas, como a santidade da verdade, casamento, propriedade, o coração e suas motivações, encontram o seu reforço e a sua orientação nos ensinamentos do Antigo Testamento.

Como Podemos Pregar a partir do Antigo Testamento?

Um dos maiores problemas no ensino de estudantes e pastores sobre como usar o Antigo Testamento para a pregação contemporânea é aprender como cruzar o amplo abismo que existe entre o texto pré-cristão e a situação de pregação do século XXI. Com muita frequência, o pastor realiza esta jornada, sozinho. Felizmente, mais e mais auxílios foram tornados disponíveis a pastores e professores recentemente. Eu gostaria de indicar rapidamente alguns destes auxílios, na conclusão deste capítulo de introdução.

Uma lista de alguns destes recursos, em inglês, pode começar a estabelecer o ponto a partir do qual algum auxílio começa a aparecer.

Para a pregação da narrativa do Antigo Testamento:

Kaiser, Walter C, Jr. "Narrative", em *Cracking Old Testament Codes: A Guide to Interpreting the Literary Genres of the Old Testament,* ed. D. Brent Sandy e Ronald L. Giese Jr. (Nashville: Broadman and Holman, 1995), pp.69-88.

Matthews, Kenneth A. "Preaching Historical Narrative", em *Reclaiming the Prophetic Mantle; Preaching the Old Testament Faithfully,* ed. George L. Klein (Nashville: Broadman and Holman, 1992), pp.19-50.

Pratt, Richard L., Jr. *He Gave Us Stories: The Bible Student's Guide to Interpreting Old Testament Narrative* (Brentwood, Tennessee: Wolgemuth and Hyatt, 1990). Uma introdução de 500 páginas para evangélicos.

Para a pregação da sabedoria do Antigo Testamento:

Garrett, Duane A. "Preaching Wisdom", em *Reclaiming the Prophetic Mantle,* pp.107-126.

McKenzie, Alyce M. *Preaching Proverbs: Wisdom for the Pulpit* (Louisville: Westminster/John Knox, 1996).

Para a pregação dos Profetas do Antigo Testamento:

Kaiser, Walter C, Jr. *Malachi: God's Unchanging Love* (Grand Rapids: Baker, 1984).

Kent, Dan G. "Preaching the Prophets", em *Reclaiming the Prophetic Mantle,* pp.93-105.

Smith, Gary V. *The Prophets as Preachers: An Introduction to the Hebrew Prophets* (Nashville: Broadman and Holman, 1994).

Ward, James, e Christine Ward. *Preaching from the Prophets* (Nashville: Abingdon, 1995).

Para a pregação da lei do Antigo Testamento:

Averbeck, Richard E. "Law", em *Cracking Old Testament Codes,* pp.113-138.

Bergen, Robert D. "Preaching Old Testament Law", em *Reclaiming the Prophetic Mantle,* pp.51-69.

Para a pregação do Antigo Testamento apocalíptico:

Hanson, Paul D. *Old Testament Apocalyptic: Interpreting Biblical Texts* (Nashville: Abingdon, 1987).

Hewitt, C. M. Kempton. "Guidelines to the Interpretation of Daniel and Revelation", em *A Guide to Biblical Prophecy,* ed. Carl E. Armerding and Ward W. Gasque (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1989), pp.101-116.

Morris, Leon. *Apocalyptic* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972).

Sandy, D. Brent e Martin G. Abegg Jr. "Apocalyptic", em *Cracking Old Testament Codes,* pp.177-196.

Há mais tipos literários, mas esses são uma amostra suficiente para demonstrar que algum progresso foi feito para auxiliar a Igreja a alcançar a relevância contemporânea de cada um destes gêneros literários do Antigo Testamento.

Conclusão

Que esperança há de que o Antigo Testamento seja restaurado ao seu lugar de direito na missão de pregação da Igreja? Há grande esperança, à medida que toda uma nova série de recursos agora se faz disponível, e à medida que os seminários começam a assumir a sua parcela de direito na tarefa de auxiliar a Igreja a descobrir como ela pode ser mais bem-sucedida nesta tarefa.

Muitos dos meus esforços se concentraram na produção de comentários que tentam ir além *daquilo* que o texto dizia. Em vez disso, eu tentei mostrar *como* o mesmo texto do Antigo Testamento tem aplicações contemporâneas no século XXI. Dignas de nota, particularmente, são as minhas obras sobre os salmos 120-134,[3] Miquéias a Malaquias,[4] Lamentações,[5] Êxodo[6] e Levítico[7]. Mas a tarefa está longe de poder ser considerada concluída. Juntos, nós devemos dedicar todos os nossos esforços para ouvir a Palavra de Deus que vem do Céu a partir do Antigo Testamento, à medida que ela se mostra atual e aplicável ao nosso próprio tempo.

4

A Arte e a Ciência da Pregação Explicativa

A cura para muitos dos males que afligem a Igreja e os seminários da atualidade deve ser encontrada na fiel exposição da Palavra de Deus. A fidelidade nesta área é o principal pré-requisito para o alívio das mais profundas inquietações que sentem atualmente a Igreja e a sociedade.

Pregação Explicativa como a Solução

Muitos professores e pegadores da Bíblia afirmam que o que fazem, quando pregam ou ensinam, pode ser chamado de pregação explicativa ou ensinamento explicativo. Mas nem sempre este é o caso. O ensinamento e a pregação explicativa envolvem muito mais do que o uso de uma passagem bíblica como um trampolim ou ponto de referência no que poderia ser chamado de uma mensagem tópica ou temática. Na verdade, o nosso ensinamento e pregação estão tão desesperadamente fracos no presente momento na casa da fé em razão de uma escassez de explicações bíblicas verdadeiras.

Então o que é um sermão explicativo? Um sermão explicativo ou uma lição explicativa toma um parágrafo inteiro no mínimo (uma cena em uma narrativa, ou uma estrofe em poesia) e permite que o

texto bíblico forneça a forma e também o conteúdo da mensagem ou da lição do próprio texto.[1]

A razão para essa limitação é importante. É muito fácil cair na armadilha de derramar o que já conhecemos sobre a graça de Deus nos diferentes vasilhames constituídos de diferentes versículos das Escrituras, sem dar seriamente a cada texto a oportunidade de antes de mais nada nos ensinar o que este texto deseja nos dizer. Não somente esta pregação se torna repetitiva, mas prejudica gravemente a oportunidade de que o pregador cresça e aborde novas áreas. E esta abordagem ampliada é ainda mais importante quando é o momento de se aventurar em um novo livro da Bíblia, especialmente quando se investiga o Antigo Testamento em busca de um sermão ou uma lição.

Uma boa justificativa pode ser o fato de que a pregação explicativa é um dos mais antigos estilos de pregação. Quer observemos a comunidade de Qumran, no mar Morto, os rabinos do início da era cristã ou os mais contemporâneos Donald Grey Barnhouse ou John Stott, o elo comum é a explicação das Escrituras. O que separa a pregação tópica ou temática da pregação explicativa, observou Ronald Allen, é o fato de que a pregação e o ensinamento explicativos começam e continuam com o texto bíblico, sem hesitações, ao longo de todo o sermão.[2] Em lugar de começar com uma necessidade ou inquietação humana como o impulso para o sermão, o sermão explicativo deliberadamente inverte a ação e faz com que o sermão se origine na explicação do texto bíblico. A explicação começa com o texto bíblico e se apega a ele ao longo de todo o sermão ou lição.

Mas quão eficaz é esta estratégia quando se trata de anunciar e explicar o Antigo Testamento? Ela não provoca problemas especiais que são praticamente insuperáveis para o orador e para o ouvinte contemporâneo? Essa é uma grande parte da razão por que cada vez menos professores e pastores usam a explicação como seu estilo preferido, especialmente quando se aventuram no Antigo Testamento.

Que Lente Devemos Usar para Ler o Antigo Testamento?

Sidney Greidanus, em seu livro muito estimulante, *Preaching Christ from the Old Testament,* indica sete maneiras como podemos ler e pregar Cristo a partir do Antigo Testamento. São elas, a progressão histórico-redentora, o método do cumprimento da promessa, o método tipológico, o método analógico, o método do tema longitudinal, o método do contraste e o método da referência do Novo Testamento.[3]

Mas Greidanus deixa absolutamente claro que o nosso propósito, ao pregarmos a partir do Antigo Testamento, não é pregarmos Cristo excluindo "todo o conselho de Deus". Em vez disso, insiste ele, a tarefa do pregador é "considerar todo o conselho de Deus, com todos os seus ensinamentos, leis, profecias e visões à luz de Jesus Cristo".[4] Ele ainda acrescenta um importante modificador:

> Ao mesmo tempo, deve ser evidente que não devemos ler o Cristo encarnado *de volta* no texto do Antigo Testamento, o que seria *eisegesis*, mas devemos procurar maneiras legítimas de pregar Cristo a partir do Antigo Testamento, no *contexto do Novo.*[5]

Desta maneira, ele apresentou o problema de modo mais preciso. A Bíblia foi planejada para ser lida para frente e não para trás. Lê-la para trás significa acabar com uma Bíblia monótona, em que qualquer menção a um tópico requer que todo o ensinamento, de todas as Escrituras seja usado para interpretar qualquer das contribuições feitas àquele tópico. Falaremos mais sobre isso mais adiante neste capítulo. Mas por enquanto, tratemos da primeira pergunta.

Que lente devemos usar para ensinar todo o conselho de Deus a partir do Antigo Testamento? Algum dos sete métodos (ou cada um dos sete) discutidos por Greidanus propicia a visão apropriada do Antigo Testamento?

O ponto em que devemos começar é o significado claro, natural, original e histórico da passagem. Se nós abandonarmos este ponto

de partida, teremos perdido toda esperança de chegar a qualquer sentido consensual de significado para um texto.

Onde Encontrarei o Significado Claro de uma Passagem?

O único lugar apropriado para começar, então, é com o autor humano, que declarou obter este significado por pertencer ao conselho celestial de Deus. No entanto, nós não tentamos chegar ao estado de espírito psicológico do autor, nem nada desse tipo. Em vez disso, o que nós tentamos fazer é compreender o uso que o autor humano faz das palavras, no contexto da sua vida e da sua época, de gêneros literários e conceitos teológicos.

Gordon Fee e Douglas Stuart declararam apropriadamente:

> O único controle adequado da hermenêutica deve ser encontrado na intenção original do texto bíblico... Em contraste com... a [pura] subjetividade, insistimos que o significado original do texto — tanto quanto esteja em nosso poder discerni-lo — é o ponto objetivo de controle.[6]

Quanto ao contexto histórico do texto, devemos, primeiramente, perguntar *o que* o autor quis dizer? Qual, em termos do seu uso original das palavras, foi a compreensão do ouvinte das palavras usadas quando o autor falou ou escreveu? Em que a compreensão da história, o contexto social e geográfico e o propósito dos seus escritos contribuíram para a nossa compreensão da sua mensagem?

No passado, esta abordagem era conhecida como a interpretação histórico-gramatical do texto. A expressão "interpretação histórico-gramatical" foi usada pela primeira vez por Karl A. G. Keil.[7] O termo "gramatical", no entanto, é, até certo ponto, enganador para os nossos ouvidos, pois hoje em dia normalmente significa a organização das palavras e a construção das sentenças. Mas Keil não tinha este significado em mente quando usou o termo. Ele tinha em mente a palavra grega *gramma*, que se aproxima ao que queremos dizer com o termo "literal"

(para usar um sinônimo derivado do latim). O sentido gramatical de Keil era o que nós chamaríamos do sentido simples, direto, claro, normal, natural ou literal das frases, cláusulas e sentenças.

O uso que Keil faz de "histórico" significa que o intérprete tinha que considerar estas palavras com relação à época, circunstâncias, eventos e pessoas daquele período histórico em que o autor escreveu. Assim, o grande objetivo de Keil, como também o nosso, era descobrir ou averiguar o *usus loquendi*, ou seja, o uso específico das palavras empregadas pelo autor considerado, e/ou a sua frequência na época em que ele escreveu.[8]

A Forma Literária de uma Passagem Afeta o seu Significado?

Para limitar ainda mais o escopo dos possíveis significados do autor, devemos perguntar: *Como* este texto assume o seu significado? Em outras palavras, que gênero ou formato literário o autor usou? O autor usou uma prosa expositiva, uma narrativa, uma forma de elogio ou louvor, uma lamentação, ou uma forma profética ou proverbial para encapsular suas ideias? Cada um desses formatos requererá uma estratégia interpretativa diferente. Cada uma das estratégias será discutida nos capítulos que se seguem.

O ensaio de Ronald Allen, no livro de Wardlow de 1993, intitulado *Preaching Biblically*[9] pode ter sido um dos primeiros livros a chamar nossa atenção para a maneira como a forma ou o gênero literário de uma passagem bíblica deve estar refletido no sermão. De repente, ficou claro que muitos de nós modificamos automaticamente as nossas regras de interpretação quando lemos um jornal e passamos do editorial para os anúncios para as tiras cômicas e para as cartas ao editor. Cada gênero no jornal tem seu próprio conjunto especial de diretrizes que exigem alguns ajustes na nossa maneira de lidar com o texto. A Bíblia, de igual maneira, deve ser lida com uma sensibilidade para estas mudanças nos gêneros literários.

Cada gênero incorpora padrões literários característicos que são exclusivos àquela forma em particular. As formas literárias trazem

consigo efeitos especiais para o leitor ou ouvinte que indicam um conjunto particular de condições para interpretar estas formas. As parábolas não devem ser lidas como lamentações ou salmos de louvor. E um gênero apocalíptico não deve ser lido como um gênero narrativo ou de milagres. O ajuste destas diferenças é o que nos propomos a fazer nos capítulos seguintes.

O que Confere Unidade a um Sermão Explicativo?

Um sermão explicativo não pode ser definido como tal meramente pelo fato de que as palavras em hebraico, grego ou aramaico são analisadas, as expressões são examinadas e várias características geográficas, históricas ou arqueológicas, no texto bíblico, são apresentadas nas nossas explicações públicas. Infelizmente, é muito frequente que os estudantes relembrem o que foi feito em algumas das suas aulas de exegese no seminário e confundam isso com explicação ou exposição bíblica. A este método normalmente falta um conceito de unidade e um tema de integração que foi encontrado na própria passagem.

Assim, mesmo depois de termos determinado *o que* a passagem queria dizer, e *como* este significado foi transmitido, na sua época, bem como na nossa, a questão ainda permanece: Há outras lentes que devamos usar para aprimorar ainda mais o nosso foco?

Sim, há outras lentes por meio das quais podemos considerar este texto. Antes de mais nada, as palavras ou sentenças não podem ser separadas e extraídas do texto como se fossem coisas isoladas com significados próprios. Exatamente porque elas representam a verdade de Deus, não podemos tratá-las de uma maneira fraturada, isolada ou misteriosa que confira significados teológicos profundos que importamos de outras partes as Escrituras. Portanto, eu sugiro alguns passos comuns que auxiliarão a orientar o nosso movimento da compreensão do que um texto significava, na sua época, até a aplicação do que ele significa hoje.

Encontrar a Extensão da Perícope

As palavras pertencem a sentenças, que normalmente pertencem a parágrafos, cenas, estrofes ou unidades maiores, dentro da gramática de um gênero. É por isso que eu insisto que um bom sermão explicativo jamais tome *menos* de um parágrafo inteiro ou o seu equivalente literário (por exemplo, uma cena, uma estrofe, ou algo similar) como base. A razão é clara: Somente o parágrafo todo, ou seu equivalente, contém uma ideia ou conceito completo daquele texto. Separar algumas de suas partes é brincar com o texto como se ele pudesse ser curvado de alguma maneira para realizar o que julgamos que é melhor.

Por isso, devemos encontrar ou descobrir a extensão de toda a perícope. A perícope é a história completa de cada episódio da narrativa, ou o poema inteiro, com o qual cada um dos parágrafos, cenas ou estrofes contribuem. Novamente, o nosso desejo é obter a integralidade, a perfeição, a totalidade e a finalidade com a qual cada parágrafo, cena ou estrofe contribui com a ideia total ou unificada de cada bloco de texto (perícope). Muitas vezes esta totalidade pode abranger todo um capítulo da Bíblia. Em outras ocasiões, a perícope abrangerá apenas um parágrafo, ou apenas uma parte de um capítulo da Bíblia.[10]

O sermão, então, está ancorado no significado dado ao texto pelo autor. Este significado é também indicado pelo gênero literário que envolve a mensagem original do texto. E é ainda mais limitado pela extensão do bloco ou perícope que comporá as seções do livro.

Encontrar o Ponto Central da Passagem

Agora, devemos encontrar o "ponto central" desta perícope, ou o ponto mais importante da passagem. Este ponto é onde o tema ou ponto de vista da passagem é apresentado na sua mais plena expressão. Pode ser uma única afirmação, um único versículo, ou às vezes uma sentença inteira em algum ponto da perícope em estudo.

Este ponto central fornece um dos elementos chave da pregação explicativa: o "tema ou tópico unificador" que têm o sermão e tam-

bém o texto. Aqui é onde todo o tema, ou o que Haddon Robinson chama de "Grande Ideia" do texto bíblico e do sermão, pode ser reduzido a uma única afirmação ou anúncio de um tema. É isso que dá coerência à passagem e impede um exame aleatório da passagem bíblica que se perde em temas e ideias que não estão relacionados. Em resumo, o título ou tópico da nossa mensagem é encontrado neste ponto central que agora serve de fator unificador do sermão. E deve simultaneamente estar presente no texto bíblico em estudo, e ser o tema ou assunto dominante da mensagem.

A razão para esta limitação é importante. É muito fácil cair na armadilha de impor sobre os diferentes versículos de uma passagem das Escrituras aquilo que já conhecemos da graça de Deus, sem dar a cada texto uma oportunidade de antes de mais nada nos ensinar o que ele quer dizer.

O que separa a pregação tópica da pregação explicativa, como já observamos com Ronald Allen,[11] é o fato de que ela começa e continua firmemente no texto bíblico. A identificação do ponto central da passagem conservará o sermão e o pregador focados no verdadeiro tópico que é apresentado na Palavra de Deus. Agora temos um título ou um assunto para a nossa exposição e para o sermão.

Encontrar a Palavra Chave da Pregação

Observando cuidadosamente todas as palavras de conexão ou transição (conjunções, preposições e até mesmo advérbios) que aparecem com alguma frequência na perícope, é possível determinar a palavra chave da pregação para toda a passagem. Mas como podemos fazer isso?

Antes de mais nada, esta palavra chave de pregação deve mencionar ou referir-se a algo que é encontrado em cada um dos parágrafos ou seus equivalentes literários. Isto é, devemos usar um substantivo para expressar as conexões que observamos em toda a passagem. Mas não deve ser qualquer substantivo; deve ser um substantivo abstrato, pois nós desejamos expressar o que há nesta passagem sob a forma de um princípio, de modo que possa ser aplicado a todas as épocas

e a todos os lugares. E como normalmente vamos ter mais de um princípio, é melhor usarmos um substantivo abstrato plural que seja capaz de agrupar todos os principais pontos do sermão em uma clara explicação do título ou assunto que descobrimos como o ponto central do texto desta passagem das Escrituras.

Em primeiro lugar, verifique se a passagem em estudo exibe uma série de palavras de conexão ou transição, como uma série de "se", que resultaria em uma palavra chave de "condicionais", ou uma série de "uma vez que", resultando em uma palavra chave de "concessões", ou "porquês", com a correspondente palavra chave de "razões".

Outra abordagem é a de repetir o título ou assunto da passagem, e perguntar, então: O que está sendo dito sobre este assunto neste texto? Tome cada parágrafo (ou cena, ou estrofe) e organize a sentença principal de cada um deles, de modo que você possa ver o desenvolvimento ou a conexão, à medida que avança pela perícope. Depois que tiver escrito o tema ou sentença principal de cada parágrafo (ou cena ou estrofe), pergunte que tipo de ação têm em comum. Todos os parágrafos nos fornecem maneiras de compreender o que havia no assunto? Ou os parágrafos expressam verdades ou princípios para a nossa edificação? Se você ainda estiver confuso ou ainda não tiver a resposta, passe para o passo seguinte.

Encontrar a Interrogação

Há seis interrogações que frequentemente nos ajudarão a descobrir como os parágrafos se relacionam dentro da perícope. As primeiras cinco são: Quem? O que? Por quê? Onde? Quando? A sexta é: Como? Assim, eu posso repetir o assunto ou o título da minha mensagem que obtive do ponto central, e então perguntar qual destas interrogações mostra o que unifica todos os pontos ao redor da afirmação central feita no ponto central.

"Quem" aponta para pessoas, "o que" aponta para verdades e coisas semelhantes, "por que" para razões, "onde" para lugares, "quando" para épocas ou situações, e "como" frequentemente leva a maneiras.

O fato é que essas seis interrogações podem ajudar o pregador a determinar o centro organizador da passagem. Sem dúvida, há outros tipos de perguntas que podem ser feitas sobre o que é que unifica o texto. Mas a maneira mais fácil e simples de começar é usar uma destas seis interrogações. É um "quem", um "que", um "onde", um "quando", um "por que" ou um "como" de que fala este texto?

Tornar os Pontos Principais Relevantes e Contemporâneos

Agora que o título ou assunto da mensagem foi fixado e toda a passagem está relacionada com um substantivo abstrato plural que se alimenta de uma interrogação, é o momento de organizar o esquema da sua mensagem. A tentação agora será deixar o texto com a sua roupagem pré-cristã ou do século I. Mas foi exatamente isso o que deu à pregação explicativa a sua má reputação, de ser tão seca como uma sombria lição de história ou tão entediante como uma história sobre os parentes de outra pessoa!

Há algumas poucas sugestões que, se seguidas ao pé da letra, podem auxiliar o pregador ou professor nesta situação. Em primeiro lugar, evite todo o uso de nomes próprios no esquema, excetuando os nomes de Deus. Isso quer dizer que não deve haver referência a nenhum dos heróis da Bíblia, nem às cidades, nações, territórios ou nada similar, no esquema do sermão. Tudo isso associa uma data ao esquema e o impede de ser uma mensagem contemporânea para as pessoas da atualidade.

Em segundo lugar, nunca use o tempo passado de nenhum verbo no esquema do seu sermão. Esta é outra indicação de que estamos pensando mais em "naquele tempo" do que nas pessoas de hoje em dia.

Em terceiro lugar, não devemos usar pronomes de terceira pessoa *(eles, ela, ele,*, nem mesmo *aquele* ou *aqueles*), pois cada pronome de terceira pessoa coloca o ouvinte fora da ação e meramente ouvindo sobre ela.

No lado positivo, devemos usar o nome de Deus no esquema do sermão. De fato, sempre que estivermos perdidos e confusos quanto

ao que devemos pregar sobre uma passagem, jamais cometeremos erros, se nos concentrarmos em Deus, nas suas ações e nas suas exigências. Mas quando os nomes de Israel, Moisés, Isaías ou Davi são encontrados em um esquema de sermão, eles revelam que estamos pregando um sermão de uma época a.C., e não uma mensagem para o século XXI.

Em vez de usar tempos passados de verbos em nossos esquemas, devemos usar imperativos ou verbos no tempo presente. Na verdade, podemos usar praticamente qualquer outra forma de verbo, exceto os tempos passados se desejarmos nos comunicar com uma audiência contemporânea.

Finalmente, embora eu esteja seriamente consciente sobre o uso dos pronomes de terceira pessoa, recomendo que usemos os pronomes de primeira pessoa do plural (*nós, conosco, nossos*) nos principais pontos do nosso sermão. Naturalmente, poderíamos usar pronomes de segunda pessoa também, mas descobri que é mais humilde e compatível com o nosso trabalho se nos identificarmos com as pessoas às quais pregamos, em lugar de amontoar sobre eles imposições, como se nós e Deus estivéssemos no alto, agora, exigindo que eles, em contraste com Deus e conosco, devessem mudar, em função do que está sendo dito. Assim, use os pronomes de primeira pessoa do plural – "*Nós* devemos, irmãos", "é *nosso* dever, irmãos", e assim por diante.

Concluir o Sermão Fazendo um Apelo Final

Frequentemente nos apressamos demais para chegar ao final da explicação, o que não nos permite fazer mais do que um breve resumo dos pontos que abordamos. Pior ainda é o costume de oferecer uma oração no final da nossa pregação, que reveja os pontos, um a um, aparentemente dando ao Senhor tempo para examinar os pontos como uma revisão, pois é a Ele que estamos agora oferecendo a oração!

Muito melhor é o costume de trabalhar arduamente para averiguar onde o Espírito Santo deseja que nós peçamos ações decisivas,

com base na verdade do que acabamos de pregar. Isso não é fácil para nenhum de nós. Pode tardar de quarenta e cinco minutos a uma hora e meia de fervorosa preparação para concluir como devemos convocar a congregação a modificar seus caminhos e suas obras e a reagir ao que esta passagem particular das Escrituras deseja que nós façamos e sejamos. Frequentemente, tenho que orar durante este aspecto da preparação, ou ter meu coração e alma estimulados ouvindo o *Messias* de Handel para que eu possa tomar os princípios que tinha anunciado em meus pontos principais e apresentá-los como desafios para ação — coisas que eu teria que *fazer* se tivesse a intenção de ser fiel em minha resposta ao texto.

Portanto, a conclusão é uma das partes mais críticas de uma mensagem. Eu devo fazer uma convocação real (isto é, divina) de sugestões específicas para ação imediata. Deve haver um chamado para que Deus nos modifique à luz da pureza da sua Palavra. Mas também é necessário ter cautela aqui: devo convocar para ações específicas que estão baseadas unicamente no que é ensinado precisamente nesta passagem. Com muita frequência, pedimos ações genericamente verdadeiras que poderiam ser encontradas em uma centena de outras passagens — mas, infelizmente, não na que está sendo pregada nesta ocasião. Seja, portanto, cuidadoso para que o desafio esteja contido neste texto.

Uma outra precaução é necessária. Os evangélicos, em particular, são conhecidos por deixar mensagens no nível cognitivo. Nós costumamos pensar que concluímos nosso trabalho quando pedimos que o povo de Deus "pense nisso", "creia nisso" ou "lembre- se disso". Mas certo dia me ocorreu que Belzebu poderia responder igualmente bem aos meus sermões se isso era tudo o que eu pedia que as pessoas fizessem. O Diabo acredita em todas estas coisas, e ainda mais, sabe que elas são verdadeiras; ele não se limita a *agir* sobre cada uma destas declarações, e por isso, devemos convocar as pessoas à ação. Talvez por isso até 30% dos americanos dirão que tiveram uma experiência de nascer de novo com Deus ou pelo menos algum tipo de experiência pessoal com Deus, mas nós vemos pouquíssimo

impacto cristão sobre a cultura. Pode ser que a sua "fé" seja cerebral demais, e não nos faça agir e refletir sobre uma mudança de vida ou de atitude.

Conclusão

A pregação explicativa não é um dos luxos opcionais do púlpito. Na verdade, ela continua sendo uma das habilidades mais fervorosamente desejadas entre os pastores, de acordo com pesquisas recentes. A seriedade dos tempos e a autoridade da Palavra de Deus exigem que nos esforcemos com todo o fervor de nossa existência para ver este talento desenvolvido em nosso ministério se desejarmos sentir mais uma vez o que Deus deseja que a Igreja seja e experimente.

Parte 2

Como Pregar e Ensinar a partir do Antigo Testamento

5

A Pregação e o Ensino de Textos Narrativos do Antigo Testamento

Um dos primeiros livros a chamar nossa atenção para a importância da forma do texto nas Escrituras foi um livro publicado em 1983, intitulado *Preaching Biblically.*[1] Este livro observava como a forma do sermão podia ser afetada e, na realidade, auxiliada, começando com a *forma* do texto bíblico. Este mesmo espírito motiva o trabalho que agora empreendemos neste capítulo e nos seguintes.

A narrativa é o gênero preferido no texto bíblico. Segundo uma maneira de computar, a narrativa pode compor metade do conjunto dos dois testamentos. Isto é porque o coração da mensagem das Escrituras é, por si só, a história do plano redentor de Deus.

Mas há mais explicações para esta preferência pela narrativa do que o olho percebe imediatamente. Observe como muitas pessoas, nos bancos da igreja nos cultos de domingo, parecem ter seus interesses reanimados quando uma história é intercalada na mensagem. Cabeças que estavam inclinadas repentinamente se levantam, e um mar de rostos novamente saúda o pregador, à medida que a história se desenrola. Desde que éramos crianças, todos nós adoramos ouvir ou contar uma história. Não deve nos surpreender, portanto, quando a mais importante revelação já feita aos mortais emprega esta mesma estratégia, por algumas das mesmas razões.

Para se preparar adequadamente a fim de ensinar ou pregar sobre textos narrativos, é necessário compreender como as narrativas são compostas e como funcionam. Este exame da técnica narrativa nos ajudará a diminuir a velocidade no nosso exame do texto e no nosso desejo de chegar ao fim ou à moral da história. Desta maneira, iremos observar os menores, mas importantes, detalhes da narrativa. De igual maneira, isso nos protegerá de interpretar erroneamente o texto, preenchendo as lacunas da narrativa com a nossa própria imaginação e tratando este acréscimo como se fosse o próprio texto das Escrituras.

Os Elementos nos Textos Narrativos

Uma narrativa, pela sua própria natureza, "requer uma história, e alguém que conte esta história".[2] O narrador pode contar a história no estilo de primeira pessoa ou de terceira pessoa. Quando a primeira pessoa é usada, o "eu" da história pode se relacionar com o que aconteceu, do ponto de vista daquilo que o narrador vivenciou ou observou. Mas quando a terceira pessoa é usada — "ele", "ela" ou "eles" — a história pode assumir inúmeras perspectivas diferentes e como resultado a história pode mais facilmente passar de um lugar a outro ou de uma época a outra. Os narradores bíblicos preferem a narração em terceira pessoa, o que lhes dá maior liberdade para apresentar de modo mais amplo o que acontece na história.

Os elementos principais no conjunto de mecanismos literários, usados na narrativa, incluem: (1) situação, (2) enredo, (3) ponto de vista, (4) caracterização, (5) ambiente, (6) diálogo, (7) *leitwort* ou organização das palavras, (8) estrutura e (9) elementos literários de estilo e retórica empregados. É este amplo repertório que o narrador utiliza quando a narrativa vai ser escrita.

Situação

"Na prosa do Antigo Testamento", declarou J. P. Fokkelmann, "a situação é praticamente a unidade mais importante na arquitetura

da narrativa".[3] Cada situação representa algo que aconteceu em determinado lugar ou em determinada ocasião. Neste aspecto, então, a situação funciona praticamente como o parágrafo, na escrita em prosa normal, geralmente com uma ideia principal para cada cena. Isso será uma grande ajuda para o professor ou pregador que está tentando mostrar como a narrativa progride na sua própria lógica interior e como o texto pode fornecer princípios legítimos.

Portanto, quando uma narrativa indica uma mudança em tempo ou lugar, é neste ponto que se pode iniciar uma nova situação ou cena, e, portanto, algo que é equivalente a um novo parágrafo e a uma nova ideia que está sendo construída dentro da lógica e estrutura da história. Diversas versões da Bíblia indicam mais interrupções ou mudanças no texto, pois têm como regra iniciar um novo parágrafo cada vez que uma nova pessoa fala. Mas esta regra, normalmente, não é útil para a análise da situação e para a pregação. Em vez disso, devemos nos limitar à regra geral de que a situação ou a cena muda somente quando mudam tempo ou lugar.

Cada cena normalmente é composta de dois ou mais personagens. Nos casos onde aparece um grupo em uma cena, este grupo funciona como um dos personagens. No entanto, na narrativa bíblica, uma das características que mais de destacam é o que Sidney Greidanus chama de "presença dominante de Deus" nestas cenas.[4] Greidanus observa que Deus é um dos personagens nestas cenas, com grande frequência. No entanto, mesmo quando Deus não é mencionado diretamente, a sua presença é sempre sugerida pelo ponto de vista do narrador.

A tarefa do intérprete, professor ou pregador, então, é começar o estudo de cada narrativa assinalando as cenas em cada história. Este processo é semelhante ao modo como estudaríamos uma passagem em prosa, separando os parágrafos. Uma vez feitas essas divisões, é útil escrever com nossas próprias palavras uma breve sinopse do que está sendo dito ou do que está acontecendo em cada cena, pois isso funcionará de maneira muito similar ao modo como cada tópico ou sentença funciona nos parágrafos em prosa. Desta maneira, o intér-

prete se concentrará na narrativa propriamente dita, permitindo que a forma da história, como aparece agora no texto, defina a pauta de ideias que se conectam a ela. Essa interpretação construtiva do texto evita as incoerências de uma cobertura ideológica destrutiva ou imposta sobre o texto.

Um bom exemplo do uso das cenas pode ser visto em histórias tão diversas como o chamado de Samuel, em 1 Samuel 3, ou o início do ministério de Elias, em 1 Reis 17. No caso da história sobre Samuel, o texto exibe uma mudança de cena com a mudança do tempo, o que pode ser analisado da seguinte maneira:

I. Dias anteriores —1 Samuel 3.1: "Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara" (ARA).
II. Uma noite — 1 Samuel 3.2-14
III. A manhã seguinte — 1 Samuel 3.15-18
IV. Dias seguintes — 1 Samuel 3.19-4.1a

Cada uma destas cenas ou situações se torna a base de um tema principal, ou um algarismo romano, na mensagem que evolui destas quatro cenas. Será necessário limitar cada cena a uma ideia principal que desenvolva a ideia central da passagem, em sucessivos pensamentos, no progresso de toda a história.

Um exemplo similar da mudança de cenas pode ser visto na mudança de lugar, vista em 1 Reis 17:

I. O palácio — 1 Reis 17.1
II. O ribeiro de Querite — 1 Reis 17.2-7
III. A porta da cidade de Sarepta — 1 Reis 17.8-16
IV. Na casa da viúva de Sarepta — 1 Reis 17.17-24

Uma mudança de tempo e lugar determina onde fazer as quebras em um texto narrativo como preparação do texto para proclamação. É simples e claro. Estas cenas funcionarão, agora, para o sermão, praticamente da mesma maneira como os parágrafos funcionam em uma passagem em prosa da Bíblia.

Enredo

O enredo é o que dá movimento à história, pois cada narrativa deve ter um começo, um meio, e um final. A essa sequência, chamamos enredo. Ele acompanha o movimento dos acontecimentos e episódios à medida que eles surgem na história. O enredo deve se mover em direção a um clímax e algum tipo de resolução. Envolvido no conceito do enredo, está o relacionamento que existe entre uma sequência de eventos e as causas e consequências que têm relação com esta sequência.

Alguns enredos têm um formato complexo, mas a maioria dos enredos bíblicos emprega um único enredo que forma um "padrão clássico de pirâmide".[5] Partindo de uma situação inicial pacífica, a ação se dirige a um clímax, até repousar novamente em uma situação tranquila. Bar-Efrat exemplificou este padrão de pirâmide de Gênesis 22, em queonde a história começa com o tranquilo pedido de Deus para que Abraão sacrificasse Isaque.

A ação culmina com o quase sacrifício de Isaque, e então se acalma novamente, quando o menino e seu pai descem do monte Moriá. Um exemplo mais completo, de Bar-Efrat, é a história da bênção de Isaque a Jacó, em Gênesis 27. O clímax é quando Isaque quase descobre o engano em que seu filho o está colocando. A ação se acalma quando Isaque abençoa Jacó, que estava fingindo ser Esaú. Mas outro clímax é imediatamente encontrado, quando Esaú entra e pede a bênção de seu pai, que a tinha acabado de dar. Um novo ponto de calmaria na ação da história é alcançado quando Jacó deixa seu lar e alguma distância é inserida entre os irmãos hostis.

Ponto de Vista

O ponto de vista se refere à perspectiva sob a qual a história é contada. Normalmente, é uma prerrogativa do narrador expressar o ponto de vista sob o qual a história é contada. Às vezes, o narrador cede esta posição privilegiada e permite que um dos personagens da narrativa explique o objetivo da história. Por exemplo, o autor de

1 Reis 17 permitiu que as palavras finais da viúva de Sarepta transmitissem o ponto de vista das quatro cenas anteriores e assim todo o objetivo da história. Ela disse: "Nisto conheço, agora, que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade" (1 Rs 17.24).

O ponto de vista dá coerência a toda série de episódios ou cenas conectados. Uma vez identificado este versículo ou segmento de um versículo na narrativa que indica o ponto de vista para todo o grupo de cenas, nós seremos capazes de declarar qual é o assunto desta passagem e o título que daremos a nossa mensagem. No caso da declaração da viúva, podemos afirmar que esta passagem de 1 Reis 17 é sobre "Descobrir que a palavra do Senhor é confiável e verdadeira".[6]

Assim, o ponto de vista fornece a lente através da qual o leitor, intérprete e expositor pode se relacionar com os atos ou eventos de cada cena. Dessa maneira, a base para a pregação e ensinamento de uma passagem da narrativa começa a se edificar, diante de nossos olhos. Uma vez que tenhamos separado as cenas, observado como o enredo se desenrola e identificado o ponto de vista encontrado na passagem, começaremos a usar o método explicativo de pregação de narrativas.

Deve-se observar, no entanto, que é possível entender mal o que significa o ponto de vista. Afinal, cada pessoa pode expressar inúmeros pontos de vista, sempre sobre o mesmo assunto. Mas isso não pode ser feito com integridade aqui, reivindicando a autoridade do texto ou a voz divina do céu. Podemos falar de um ponto de vista psicológico, de um ponto de vista ideológico, um ponto de vista temporal ou até mesmo da perspectiva dos vários mecanismos retóricos usados em uma narrativa, mas nenhum deles pode competir com o ponto de vista que o autor original, que esteve no conselho de Deus e recebeu a revelação original, expressou no texto desta passagem. O texto não é mais subdividido do que a mente divina que o inspirou, em primeiro lugar. Pode haver inúmeros aspectos que são de interesse quando coadjuvantes são identificados no ponto de

vista oferecido na passagem, mas isso é tudo o que eles são — pontos de vista coadjuvantes ou suplementares, que reforçam o tema dominante da história. Somente quando o ponto de vista deixa de ser expresso e está meramente implicado (como acontece em alguns casos) o ponto de vista será difícil de identificar. Nestes casos, deveremos depender de outros elementos na narrativa, que nos ajudem a reconstruir o ponto de vista do autor e também o assunto ou título da nossa mensagem.

Caracterização

Uma vez feita a análise da maneira como uma narrativa está estruturada, é importante começar a descobrir o que ela expressa. A essência daquilo que uma narrativa traz pode ser encontrada de modo particularmente claro no uso que faz dos personagens.

O real movimento de uma narrativa vem dos personagens, seus atos e palavras. Portanto, é tão impossível retratar um personagem isolado dos eventos, como o é retratar os eventos isolados do personagem.

Richard Bowman observa que o caráter nas narrativas bíblicas é apresentado de quatro diferentes maneiras:

1. através dos atos do personagem e suas interações com os demais personagens;
2. através das palavras do personagem;
3. através das palavras dos outros personagens a respeito de um personagem específico, e
4. através dos comentários específicos do narrador a respeito de um personagem.[7]

O Antigo Testamento raramente descreve os seus personagens, preferindo fornecer breves designações físicas, familiares ou profissionais. Por exemplo, Saul é descrito como alguém que "desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo" (1 Sm 9.2), ao passo

que outros são descritos simplesmente como um amalequita, um amorreu, um heteu, um profeta, uma prostituta ou um pastor. Há informações suficientes para situá-los com referência ao objetivo da história, mas jamais detalhes suficientes para satisfazer a nossa curiosidade. O texto bíblico raramente trata da psicologia dos personagens, mas pode descrever características morais ou intelectuais. Assim, Jacó é "o enganador", ao passo que Nabal é "o tolo". Tudo isso contrasta com a *Ilíada* e a *Odisséia* de Homero, onde são feitas descrições bastante completas dos heróis.

Como, então, determinaremos a caracterização nas narrativas bíblicas, se ela é usada tão raramente? A resposta é: a caracterização pode ser detectada principalmente pelos atos e diálogos dos participantes da narrativa. É preciso ser particularmente observador quando se consideram os diálogos neste aspecto. Esta é a principal maneira como uma narrativa apresenta o seu personagem. Além disso, frequentemente serão encontrados muitos aspectos em um mesmo personagem. Desta maneira, veremos tanto os pontos fortes quanto as fraquezas dos patriarcas, os reis de Israel e até mesmo os profetas e sacerdotes de Israel.

As caracterizações podem ser estáticas ou dinâmicas. Quando um personagem bíblico não muda, ao longo de toda a história, ele pode ser descrito como estático. Mas quando um personagem mostra considerável mudança e evolução durante o decorrer da história, pode ser considerado dinâmico. O primeiro juiz do livro dos Juízes é Otniel, que no decorrer da sua judicatura inicia guerra com a Síria e é bem-sucedido. Não podemos dizer nada mais sobre ele, deste modo ele deve ser considerado um personagem estático. Por outro lado, Sansão é um personagem muito complexo e multifacetado. Apesar de ter sido designado, antes mesmo do seu nascimento, para ser nazireu desde o nascimento e libertador de Israel, ele desperdiça sua mocidade cortejando as filhas dos filisteus, sendo traído por suas amantes.

Frequentemente os personagens agem uns contra os outros, dando-nos uma melhor ideia de ambos, pelo contraste. Por exemplo,

Raabe contrasta com Acã no livro de Josué, ao passo que Samuel é um forte contraste para os filhos de Eli. Certamente Saul é o oposto de Davi, como Rute é o oposto de Orfa. Desta maneira, alguns desses personagens destacam outros.

O personagem central da Bíblia é Deus. Isso não é surpresa, pois em praticamente todas as narrativas Deus está presente, explícita ou implicitamente. Portanto, a atenção do intérprete e do expositor deve estar centrada no papel de Deus na narrativa. Isto nos lembra de que todos os esforços para se concentrar no personagem humano em uma história, enquanto não se consegue situar as ações de Deus na narrativa, são errados. Isso leva a separar o personagem do plano redentor de Deus, ignorando o que o autor queria explicar. Desta forma, uma das nossas questões fundamentais na determinação da caracterização de uma narrativa é: O que Deus está fazendo nesta cena? O que o autor desta passagem das Escrituras está tentando dizer nesta narrativa, com o seu ponto de vista particular, de acordo com o seu propósito para escrever? O expositor não deve se deixar distrair por tentações para ser reducionista, ou para desenvolver o seu próprio conjunto de moralismos, por melhores que sejam, ou por mais frequentemente que possam ser ensinados em outras passagens na Bíblia.

Ambiente

É importante situar o enredo e os personagens no mundo de tempo e espaço em que habitam. Não é nenhum segredo que a narrativa bíblica está intimamente relacionada com a história, pois esta é uma das suas categorias: a narrativa histórica.

Mas o ambiente tem também outras funções. Quando a história do sacrifício de Isaque é estabelecida no monte Moriá, em Gênesis 22, este não é um detalhe descartável que não tem função ou importância para a história. Ao contrário, esta história, e este fato em particular, nos preparam para o fato de que neste mesmo lugar o templo seria edificado e sacrifícios futuros ocorreriam. Isso fica claro por meio de revelações posteriores, quando 2 Crônicas 3.1, quase de

uma maneira trivial, anuncia: "E começou Salomão a edificar a Casa do Senhor em Jerusalém, no monte Moriá". Este ponto pode ser salientado quando sintetizamos o ensinamento desta passagem com a teologia de toda a Bíblia.

O fato de que a narrativa de Elias tenha lugar no reino do rei Acaz e da rainha Jezabel é de igual maneira importante para a compreensão do ambiente histórico no qual protestava contra o politeísmo. Além disso, o pai de Jezabel era rei de Sidom, uma fonte de influência cananita contra a qual o profeta levantou as suas santas objeções. O ambiente, então, pode adicionar um fator significativo para o entendimento que o intérprete tem de uma história.

Diálogo

Se a caracterização é rara nas histórias do Antigo Testamento, o oposto pode ser dito a respeito do uso de diálogos nessas narrativas. Como observou Robert Alter:

> Tudo no mundo da narrativa bíblica gravita, em última análise, em direção ao diálogo. De forma quantitativa, uma parte admiravelmente grande do peso da narrativa é sustentada pelos diálogos, as transações entre os personagens, que tipicamente se desenrola por meio de palavras que eles trocam, com a mínima intervenção do narrador.[8]

O diálogo é uma parte tão importante que frequentemente é possível encontrar, nas palavras de um dos principais personagens da narrativa, o ponto de vista de toda a passagem. Por exemplo, já vimos como em 1 Reis 17.24 o autor evita dizer, diretamente com suas próprias palavras, o que deseja dizer. Em vez disso, o autor usa o recurso de fazer com que a viúva conclua com suas próprias palavras: "Nisto conheço, agora, que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade". Aqui está a diferença entre a prosa expositiva, que é *direta* em suas declarações, e o contar de uma narrativa, que por sua natureza utiliza um meio *indireto* de fazer suas declarações. Mas não devemos concluir que, porque o método direto

de declarar coisas é evitado, o autor não tem algo a dizer claramente na narrativa.

Alter fornece duas regras muito úteis sobre o uso do diálogo, quando interpretamos uma narrativa:

- Observe o ponto em que o diálogo é introduzido, pois este é, frequentemente, o momento importante de revelação do caráter do orador — talvez até mesmo mais importante do que a substância do que é dito!
- Observe, também, onde o narrador escolheu introduzir diálogo, em lugar de narração. Este ritmo de passar da narrativa ao diálogo, e vice-versa, faz parte do efeito que é criado. E na troca de palavras entre eles, o relacionamento entre os personagens e Deus, assim como o relacionamento de um com o outro, será esclarecido.[9]

É particularmente importante prestar atenção àqueles momentos em que um personagem repete uma parte ou o todo do que o outro personagem acabou de dizer. Nestas repetições, frequentemente, há uma pequena e ligeira alteração, uma inversão de ordem, melhoria, supressão ou alguma outra diferença. Isto pode dar ao intérprete uma indicação de alguma coisa que pode ser a chave para compreender o personagem ou o evento descrito.

Alguns exemplos dessas mudanças no diálogo podem ajudar. O mais antigo exemplo é aquele em que as instruções de Deus a Adão, a respeito das árvores do jardim (Gn 2.15-17) são repetidas, com ligeiras diferenças, pela serpente e pela mulher, que desta maneira realizam suas próprias distorções às ordens de Deus (Gn 3.1,2). Da mesma maneira, as ordens dos três capitães de cinquenta homens, que foram enviados a Elias, o profeta, mostram uma evolução, uma vez que os dois últimos sabiam que o primeiro grupo de cinquenta homens tinha sido repentinamente destruído por uma palavra da boca do profeta (2 Rs 1.9-15). Eles passam de "Homem de Deus, o rei diz: Desce" (v. 9) a "Homem de Deus, assim diz o rei: Desce

depressa" (v. 11), e a forma final é: "Homem de Deus, seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha vida e a vida destes cinquenta teus servos. Eis que fogo desceu do céu e [Deus] consumiu aqueles dois primeiros capitães de cinquenta, com os seus cinquenta; porém, agora, seja preciosa aos teus olhos a minha vida" (vv. 13,14).

O que é admirável, a respeito do diálogo na Bíblia, é o fato de que ele sempre acontece entre dois personagens ou grupos e raramente entre três ou mais. Mas é o diálogo que adiciona cor, vivacidade e realismo à narrativa bíblica, desta maneira tornando ainda mais memorável a verdade ensinada.

Leitwort, *ou Organização das Palavras*

Frequentemente a história usará a mesma palavra ou o mesmo padrão de palavras semelhantes em som ou forma em partes importantes da narrativa. Neste caso, estas palavras podem ser usadas para enfatizar a unidade temática de toda a perícope, ou para estabelecer uma ideia na história. Assim, uma palavra ou um conjunto de palavras recebe a proeminência, por causa da sua frequência de uso ou a maneira como é empregada estrategicamente.

Kenneth Matthews mostra como Gênesis 22 tem uma tripla repetição de "o teu filho, o teu único filho" (Gn 22.2,12,16) nesta narrativa.[10] Essa é outra maneira de enfatizar que o menino é um aspecto muito importante desta história. Outro exemplo é o uso frequente de "casa" (com o significado de "dinastia") em 2 Samuel 7, onde Deus promete edificar uma dinastia, com origem em Davi, em lugar de permitir que Davi lhe edifique uma casa.

Robert Alter reviveu um antigo exemplo de uma palavra chav, para explicar como Gênesis 37 está conectado com Gênesis 38, pois segundo muitas opiniões, o capítulo 38 parece ser uma interrupção da narrativa anteriormente uniforme de José.[11] No entanto, quando se considera a justaposição de *Leitworten* "cabrito", e do verbo "conhecer" nas duas histórias (37.31,33; 38.17,25,26), uma descoberta assombrosa pode ser feita. Assim como o cabrito foi usado pelos irmãos de José, para enganar seu pai Jacó, fazendo-o crer que José

estava morto, talvez por ataque de um animal feroz, também Judá (aquele que sugeriu que os irmãos vendessem José aos midianitas) foi pessoalmente enganado por sua nora ressentida. Ele finalmente "reconheceu", em um momento extremamente embaraçoso, por que o "cabrito" jamais foi entregue à mulher à qual ele tinha assediado! Essa é apenas outra forma de repetição usada na narrativa bíblica.

Estrutura

As narrativas hebraicas exibem estruturas que são uma "malha de relacionamentos entre as partes de um objeto ou unidade".[12] Uma vez que cada narrativa contem algum tipo de arranjo deliberado para todas as suas partes, é importante examinar como estas partes se encaixam e se relacionam. Desta maneira, não somente a unidade da história se torna aparente, mas também os seus temas, ênfases e o seu enredo são revelados.

A parte mais natural da estrutura a observar é o clímax da história. É o seu desenlace ou clímax, que normalmente serve também como foco da história. Assim, a história de José atinge o seu ponto alto quando ele revela aos seus irmãos quem ele é, em Gênesis 43—45.

Em outras narrativas, como a história de Jó, a estrutura pode ser percebida por expressões repetidas. Por exemplo, Jó 1.13-19 é pontuada com a expressão repetida dos quatro mensageiros sendo que cada um deles veio "estando ainda este [o anterior] falando", e disse, depois de relatar suas trágicas notícias, "só eu escapei".

Mas também há uma estrutura maior que une um complexo de narrativas. Assim, vemos o ciclo de Abraão (Gn 11.27; 25.11), o ciclo de José (Gn 37-50), o ciclo de Samuel (1 Sm 1-16) e o ciclo de Elias e Eliseu (1 Rs 17; 2 Rs 13). Aqui, é importante observar como cada perícope individual, dentro da estrutura maior, contribui e expande o tema de toda a estrutura, assim como da estrutura individual. No caso do ciclo de Elias e Eliseu, aparentemente 2 Reis 2.14 é o desenlace. Com a transladação de Elias ao céu em um redemoinho, a pergunta é feita retoricamente: "Onde está o Senhor, Deus de Elias?" Desta formamaneira, o poder de Deus pode ser visto em

cada episódio destes dois profetas. Em 1 Reis 17, é demonstrado o poder da palavra de Deus. Em 1 Reis 18, o poder de Deus, em ação, como fogo vindo do céu. No episódio seguinte, 1 Reis 19, o poder de Deus é visto na sua capacidade de restaurar o seu servo do colapso emocional e espiritual. Mas tudo isso é parte do poder de Deus.

Mecanismos de Estilo e Retórica na Narrativa

Nas palavras que cada autor escolhe, há evidência do estilo de cada autor. Uma das maneiras pelas quais o estilo pode ser evidenciado é observar o que é repetido e o que é omitido, assim como o uso que o autor faz de quiasma, ironia e outras figuras de linguagem. Cada um desses mecanismos retóricos é merecedor de uma breve discussão.

Repetição

Nós já destacamos o uso de uma palavra chave, ou *leitwort*. Além desta forma de repetição, também podemos ver o que parece uma redundância aos ocidentais. No entanto, pode ser que estas repetições indiquem a própria genialidade da história, enfatizando o que deve ser enfatizado.

Além de propiciar a ênfase da narrativa, a repetição pode propiciar o começo e o fim desta perícope. Isso é o que chamamos *inclusão*, uma forma de colchetes, em que o início e o final de um bloco de material são indicados pelo uso das mesmas palavras ou expressões. Desta maneira, o apêndice ao livro de Juízes é marcado. Ali está escrito, "Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (Jz 17.6; 21.25).

Surpreendentemente, a mesma fórmula aparece, modificada, dentro da própria unidade, em Juízes 18.1 e 19.1, unindo a estrutura maior com a macroestrutura.[13] Outro exemplo deste tipo é a estrutura usada pelo autor de Gênesis no seu livro: "Estas são as

origens [história, gerações] de..." (Gn 2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1,9; 37.2), formando assim onze blocos de material.

Finalmente, a repetição pode apontar para aspectos do caráter de uma pessoa. Só precisamos observar as ligeiras variações em uma ordem divina que é repetida para detectar falhas no caráter de uma pessoa. Dessa maneira, nós somos avisados sobre o caráter da serpente e o da mulher, quando elas repetem a proibição de Deus sobre as árvores no jardim do Éden, mas com suas próprias distorções (Gn 2.15-17; 3.1,2). Este cuidado em ler e interpretar o texto frequentemente resulta em grandes discernimentos quanto ao caráter daqueles com quem lidamos, embora o texto hebraico normalmente ofereça muito pouca caracterização.

Omissões

Tão importantes como as repetições são as omissões de um texto. Às vezes há informações que não estão declaradas e que são essenciais para se alcançar o significado de uma passagem. Estas "lacunas" ou "sistemas de lacunas", como Meir Sternberg as chamou,[14] têm um papel importante na narrativa.

DIRETRIZES PARA INTERPRETAR NARRATIVAS

1. Em primeiro lugar, identifique cada cena ou situação da narrativa. Cada vez que há uma mudança de tempo ou lugar, há uma mudança de cena. Estas cenas constituirão os principais pontos da sua mensagem.
2. Analise o enredo da passagem. Observe o movimento da ação, do início ao clímax e desenlace e então de volta à sua conclusão. Isso lhe dará o início, o meio e o final da narrativa.
3. Determine o ponto de vista da narrativa. Onde o texto chega a um ponto focal de modo que o assunto da passagem e o título da sua mensagem se tornam claros?
4. Veja como o autor usa o seu diálogo e figuras especiais de linguagem para aplicar o ponto de vista expresso em cada uma das cenas.
5. Observe como as cenas estão relacionadas umas com as outras através do ponto de vista ou do assunto de toda a narrativa.
6. Observe quais mecanismos de estilo são usados para detectar a ênfase, caracterização e outros.

É necessário ter cuidado, neste ponto, para não interpretar na narrativa algo que pode não ter sido tencionado. Muitos desconstrucionistas exageraram o papel das omissões para introduzir o que é basicamente estranho à história e às suas intenções. Mas há questões naturais que surgem e podem revelar um motivo não declarado. Por exemplo, no caso de Urias, o soldado de Davi: Por que não foi para casa, para dormir com sua esposa, quando foi chamado de volta da

linha de combate? Ele estava preocupado com as provisões da guerra santa? Ou ele já suspeitava de Davi e sua esposa Bate-Seba? Essas perguntas não têm uma resposta real, mas o próprio fato de que o texto deixe uma lacuna aqui nos faz pensar ainda mais sobre os motivos de Urias.

Quiasma

O quiasma é um mecanismo literário cujo nome deriva da letra grega *chi*, que parece e funciona como o nosso "x". Ele envolve o cruzamento ou a inversão de elementos em construções paralelas, sejam palavras, cláusulas, linhas paralelas de poesia ou toda uma narrativa.[15]

Esta figura de linguagem está intimamente relacionada com o arranjo das palavras, o clímax, o desenlace e a inclusão. Em um conjunto de linhas quiásticas, a primeira e a última ideia são correspondentes entre si, ao passo que o par intermediário de ideias, também é equilibrado e correspondente uma à outra.

Ironia

A ironia é uma forma especial de linguagem em que o autor diz o oposto exato ao que tenciona. Elias usou magistralmente este tipo de linguagem quando fez suas sugestões aos adoradores de Baal pelo fato de Baal ainda não ter feito uma aparição (1 Rs 18.27). Jó, de igual maneira, diz ironicamente aos seus três supostos consoladores: "Na verdade, que só vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria" (Jó 12.1).

Essas palavras, que funcionam quase como uma hipérbole, tendem a exaltar um objeto além da realidade com o propósito expresso de mostrar como o verdadeiro estado das coisas é exatamente o oposto.

Um Exemplo de Pregação de um Texto Narrativo: 1 Samuel 3.1-4.1a

O texto é 1 Samuel 3.1-4.1a. Ele se intitula: "O poder da Palavra de Deus". Este título se deve ao ponto focal encontrado

em 1 Samuel 3.19: "E nenhuma de todas as suas palavras [Deus] deixou cair em terra". Os nossos principais argumentos se seguirão às quatro cenas que foram mencionadas anteriormente: (1) Os dias anteriores, v. 1; (2) Uma noite, vv. 2-14; (3) A manhã seguinte, vv. 15-18; e (4) Os dias seguintes, vv. 19-4.1a. Acredito que esse texto nos fornece informações com relação a *quais* (a interrogação da nossa mensagem) são as *características* (nossa palavra chave na pregação) que demonstram o poder da Palavra de Deus até hoje.

Vamos examinar a exposição deste texto da maneira como uma típica audiência de domingo o ouviria.

*

O lema de Genebra, na Suíça, no início dos anos 1500 era: "Depois das trevas, a luz!" Uma afirmação ousada de Calvino e de sua geração de que a "luz" viria ao povo de Deus por meio da pregação da Palavra de Deus. Portanto, para que as trevas daquela cidade se dissipassem, seis sermões da Bíblia eram obrigatórios para cada cidadão, cada semana. Um sermão teria lugar no amanhecer do domingo e outro no horário usual de 9 horas da manhã do mesmo dia. Ao meio-dia se realizava o discipulado das crianças, com outro sermão às 3 horas da tarde. (Aparentemente, naquele tempo não havia jogos de futebol nas tardes de domingo!) Nos dias da semana, havia sermões adicionais, às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras.

O argumento de Calvino e das autoridades de Genebra era o mesmo de Provérbios 29.18. Ele advertia que "Não havendo profecia [a palavra hebraica significa 'revelação divina'], o povo se corrompe [ou, como Êxodo 32.25 traduz, 'o povo estava despido' ou 'desenfreado'" (na versão ARA). Na nossa época, e na nossa geração, podemos reconhecer que os mesmos resultados vêm da ignorância sobre a Bíblia e a teologia? Certamente, pois existe profunda preocupação com uma sociedade que parece ter perdido suas amarras. As nossas cidades se tornaram mais parecidas com

selvas humanas em que nós nos devoramos, uns aos outros, por pequena ou nenhuma razão. Somente a palavra de Deus pode nos salvar do caminho da autodestruição em que parecemos estar.

Mas como este estado modificado de coisas pode acontecer? A resposta é: Da mesma maneira como aconteceu nos dias de Samuel. Acontece quando Deus nos mostra a primeira característica da sua poderosa Palavra, ou seja, Deus pode tornar a sua Palavra tão *rara* para nós como o fez para aqueles dos dias de Samuel (v. 1). Deus pode retirar de cena seus professores, de modo que ouvir a sua Palavra se torna raro. E quando Ele o faz, a sociedade parece se tornar descontrolada e toda a fúria do mal é liberada. O elo de coesão dos nossos relacionamentos cede com tal força que nós nos surpreendemos com quão brutais os seres humanos podem ser. As escolas subitamente se tornam tão perigosas como os campos de matança do Vietnã. Grande parte disso acontece porque decidimos que podemos conseguir os resultados sozinhos, sem a revelação de Deus, e sem a sua ajuda. A dádiva da Palavra de Deus só é inferior à dádiva do Filho de Deus. Mas com enorme facilidade ela é perdida na vida e no púlpito e trocada por algum outro substituto.

Os indivíduos não podem substituir nem atender com qualquer outra coisa uma necessidade básica da nossa vida: precisamos viver a partir de cada palavra que procede da boca de Deus. Nós não podemos manipular esta Palavra, produzir outra forma dela, nem duplicá-la. Ela é única e singular; é vivificadora. Somente o Senhor pode dá-la. Portanto, dizemos que esta Palavra pode se tornar escassa e rara na sua exposição às pessoas, o que traz o resultado trágico que nós, juntamente com culturas anteriores, testemunhamos e vimos em dias recentes.

O nosso Senhor também pode fazer com que esta Palavra tenha seus efeitos escassos em nós e nos nossos tempos. Amós 8.11,12 adverte sobre uma ocasião em que o Senhor enviará uma fome, não de pão e água, mas "de ouvir as palavras do Senhor". Portanto, quando o Senhor fica em silêncio, as trevas ficam mais densas, e frequentemente as profundezas da nossa tristeza se tornam quase insuportáveis.

A segunda característica da sua poderosa Palavra pode ser vista nas maneiras como Deus pode tornar esta Palavra *assombrosa* para nós (vv. 2-14). Nós podemos nos assombrar pela maneira como esta Palavra nos chama, como fez com Samuel. Onze vezes, nos versículos 4-10, alguma forma da palavra "chamar" aparece, quando o Senhor tenta conseguir a atenção do jovem Samuel.

Enquanto isso, Eli estava perdendo sua visão física, senão, o que era mais sério, a sua visão espiritual. Samuel era necessário para assegurar que a luz de Deus não se apagasse no Tabernáculo. Deus tinha providencialmente fornecido Samuel por meio das súplicas agonizantes de Ana ao nosso Pai Celestial.

Foram necessários quatro chamados de Deus para alcançar Samuel. Será que Samuel foi um tanto lento, e pouco inteligente aqui? Eu duvido, pois ao explicar a sua resposta, o versículo não parece atribuir culpa a Samuel. A questão é que o estado dos sentimentos religiosos na época era tal que um menino criado na casa de Deus era ignorante a respeito da Pessoa e da obra de Deus. Antes de criticarmos estes homens e seus tempos, devemos considerar a condição atual da ignorância bíblica das pessoas que cresceram no centro de nossas igrejas evangélicas! Este não é, absolutamente, o caso, perceba, mas é suficientemente comum para fazer com que os mesmos avisos encontrados neste texto soem também para nós.

Mas perceba a bondade e amabilidade do Senhor. Ele não acumula pilhas de escárnio sobre Samuel; em vez disso, Ele "ali esteve", como em outras ocasiões, chamando Samuel. Não há uma frase como "Rapaz, você nunca vai aprender nada". Em vez disso, nós vemos um Salvador que é paciente, terno e bondoso.

O nosso Senhor pode tornar a sua Palavra assombrosa, não somente no seu chamado, mas também no seu conteúdo. Na verdade, tão assombrosos eram os conteúdos do chamado de Samuel que fariam latejar os ouvidos de todos os que o ouvissem. O juízo visitaria a casa de Eli porque ele também tinha deixado de agir de acordo com a palavra que Deus lhe tinha enviado em 1 Samuel 2.27-29.

Eli nada tinha feito para restringir a iniquidade de seus dois filhos sacerdotes. Trivializar a santidade de Deus é verdadeiramente sério. Os seus filhos tinham literalmente "blasfemado" contra o Senhor (v. 13, na versão em grego deste texto hebraico). Tão grave era o pecado e a culpa que jamais poderiam ser expiados fosse por sacrifício ou oferta!

É esta natureza dupla da mensagem que ouvimos das Escrituras que algumas vezes é perturbadora. A mensagem atrai e também repele. O livro de Dale Ralph Davis, sobre esta passagem, tem uma ilustração de Andrew Bonar.[16] A história é sobre um pintor grego, que pintou a imagem de um menino que levava um cesto de uvas sobre a cabeça. Tão glorioso era o quadro, que todos insistiram que o artista o exibisse no foro grego. Tão reais eram as uvas no cesto, que os pássaros voavam até a tela e tentavam bicá-las. Os cidadãos elogiaram muito o artista, pois diziam que até mesmo os pássaros se iludiam pelas imagens representadas na tela. Mas o artista declinou de todo este louvor, dizendo: "Não, eu deveria ter feito muito mais. Eu deveria ter pintado o menino tão fiel à vida, que os pássaros não teriam ousado se aproximar". Ele achava que o retrato deveria ter sido atraente e repulsivo, ao mesmo tempo. Aqui está, exatamente, a tensão encontrada na Palavra de Deus. Sufocar as pessoas com a consolação do evangelho, sem jamais dizer a elas sobre o seu pecado, é algo assimétrico. Mas pregar com furor e se concentrar somente no juízo, sem nenhum incentivo ou preocupação pelas pessoas, também não capta o objetivo da revelação. Os mensageiros de Deus devem se apegar à verdade de Deus, ao seu juízo e também à sua consolação. Como professores e ministros do evangelho devemos afligir os que estão confortáveis, e consolar os aflitos.

Uma terceira característica da poderosa Palavra de Deus é o fato de que ela é *soberana* sobre nós (vv. 15-18). O nosso Senhor é soberano sobre o orador. Esta soberania domina tudo, pois a maioria dos oradores tem a tendência natural de temer anunciar juízo. Samuel claramente sentia este temor (v. 15), mas quando Eli chamou Samuel, para ouvir o que Deus tinha dito, Samuel "lhe contou todas aquelas

palavras" (v. 18). Por que deveríamos esconder a Palavra que Deus disse, uma vez que ela é verdadeira e virá a acontecer quer sejamos fiéis ao anunciá-la quer não. Na verdade, o texto sugere que se nós, como mensageiros de Deus, retivermos e ocultarmos a verdade a culpa que recai sobre os ouvintes também recai sobre nós, por falharmos em dar o aviso, de modo que eles pudessem ter uma chance de mudar e evitar a calamidade ameaçada.

Mas Deus também é soberano sobre os ouvintes. Eli não rejeitou, não discutiu nem argumentou sobre a validade da mensagem que Samuel lhe transmitiu. Em um gesto louvável, simplesmente disse: "É o Senhor" (v. 18). O povo de Deus é ensinado a dizer "Amém" aos juízos de Deus, e também às bênçãos do alto. Ele é realmente o Senhor.

A razão é muito clara: Se Deus não julgasse os maus, então os bons e os justos se sentiriam desencorajados. Deus não é uma ameaça fictícia, nem alguém que ameaça mas nunca cumpre as suas ameaças. Se o púlpito desse socos, por assim dizer, estes golpes aconteceriam no momento em que Deus desprezasse o púlpito e não lhe desse uma reputação sadia diante de um mundo vigilante, ou até mesmo diante da sua Igreja.

A última característica da poderosa Palavra de Deus encontrada nesta passagem é o fato de que a palavra de Deus *protege* e reconhece os servos que Ele envia até nós. Não é nenhum segredo que muitos ministros de púlpito recebem pouca consideração de amigos e de adversários, igualmente. Isso é porque a palavra *pregar* é usada de uma maneira pejorativa. Por exemplo, as pessoas dizem: "Não pregue para mim", ou "Não dê uma de pregador comigo". Entretanto, não há necessidade de se preocupar com estas opiniões quando se está centrado na mensagem da Palavra de Deus.

Nada que for dito sobre a revelação de Deus, pelos seus servos, cairá por terra (v. 19). Ela não falhará na sua tarefa, como a chuva e a neve não falham na tarefa que o céu as envia para realizar (Is 55.10,11). A questão é esta: A nossa confiança na Palavra de Deus é assim tão forte? Nós pensamos que Deus, na sua revelação, há

séculos, será um adversário à altura da crise que enfrentamos hoje? É adequado alcançar os nossos próprios jovens, as pessoas que não foram alcançadas ou até mesmo o cínico moderno que sente que ninguém tem o direito de dizer a outra pessoa o que é certo ou errado, verdadeiro ou falso?

Apesar de todos os prognósticos na nossa época, e daquela época em Israel, todos sabiam que a obra e a mensagem de Samuel eram reconhecidas e autorizadas por Deus. Isto suscita a questão: O que, realmente, autentica os nossos ministros como professores e pregadores do evangelho? É o crescimento das instalações físicas? É o crescimento do número de ouvintes? É o crescimento de receita? Ou nós somos mais autenticados, como ensina este texto, pelas palavras ensinadas e pela habilidade que estas palavras evidenciam para realizar transformações na vida das pessoas, para a glória de Deus? Mas uma coisa *é* certa: Quando tais declarações de autoridade vêm da palavra de Deus, o seu poder é visto por todos. Um subproduto desta pregação efetiva é o fato de que a sua relevância e eficácia serão evidentes a todos (4.1a).

O que podemos dizer de tudo isso? A luz da revelação poderá brilhar através das trevas atuais? E se puder, como somos levados a dizer, de que outra maneira ela poderá irromper senão pela pregação fiel da Palavra de Deus?

A verdade é: Não havendo profecia [isto é, informação da revelação de Deus], o povo se corrompe (Pv 29.18). E o preço por permitir que se inflame uma fome da palavra de Deus é que uma explosão de mal aparece em quase todas as outras áreas da vida.

Já é tempo de que pregadores e professores retornem ao básico, novamente. Embora muitos tenham pensado que o ensinamento da Palavra, por exposição direta, agora fosse muito antiquado para ser eficaz, é o momento de se arrepender e mudar o menu na mesa dos ensinamentos que espalhamos para a população em geral, assim como para o povo de Deus. Devemos fazer o concerto diante de Deus de que seremos fiéis à sua Palavra desejando apenas ver como evidência o poder que a Palavra promete. Devemos nos decidir a não

atender meramente os apetites dos bancos da igreja, ou acompanhar os modismos da época no que diz respeito aos métodos de proclamação. Em vez disso, devemos formar um novo quadro de homens e mulheres: "Proclamadores e Guardadores" para a glória de Deus. Somente então um poder novo, exclusivo e singular poderá ser visto na Igreja quando Deus nos mostrar novamente o seu poder na sua Palavra!

6

A Pregação e o Ensino dos Livros de Sabedoria do Antigo Testamento

Fred Craddock afirmou, há algum tempo:

> Por que a multidão de formas e estados de espírito na literatura bíblica e a multidão de necessidades da congregação devem ser reunidas em um molde invariável [de pregação], e que é copiado da retórica grega de séculos atrás? O resultado é uma monotonia desnecessária, mas, mais profundamente, há um conflito interior entre o conteúdo do sermão e a sua forma.[1]

Na verdade, por que deveria ser assim?

E assim, tornou-se necessário permitir que a forma e o gênero das passagens das Escrituras moldem a forma da mensagem. Esta é a revolução que ocorreu no campo da pregação nos últimos 25 anos.

Mas até que ponto podemos levar esta linha de raciocínio? John Holbert, por exemplo, se queixou de que a Bíblia era "mal utilizada" quando o texto das Escrituras era lido em busca de temas ou pontos que eram destilados de todos os textos bíblicos.[2] Em vez de procurar por um tipo de sermão discursivo, didático ou conceitual, que "diz o

que deseja, que alcança o seu intento", Holbert, como fez Craddock na citação acima, advertiu que os pregadores deviam se afastar 180 graus deste tipo de retórica helenista. Holbert, no entanto, não estava dizendo que a pregação didática não era mais eficaz nem mesmo desejável. O que queria dizer era que há alternativas importantes ao método discursivo de pregação.

Não tenho nenhum problema em afirmar que há uma amplitude de pregações tão grande quanto há tipos literários nas Escrituras. Eu não tenho tanta certeza, entretanto, de que o uso de todos estes variados tipos nos afastará de "alcançar o nosso objetivo" ou de aspectos didáticos do ministério. Afinal, toda Escritura, disse Paulo, foi dada com inúmeros e diferentes propósitos (2 Tm 3.14-17), mas tudo contribui para nos apresentar à fé em Cristo ou para nos edificar e desafiar a todos nós para que cresçamos como crentes.

A questão é que a pregação sensível a gênero deve ser governada pelas estratégias retóricas deste gênero. Se isto quer dizer que "alcançar o objetivo" nos sermões será deixado de lado, em favor de outros substitutos para os resultados dos sermões, é outra questão. Isso poderá ser investigado mais adiante, neste capítulo.

O Gênero do Provérbio

De algumas maneiras, os provérbios não são tão diferentes das narrativas, pois, sob alguns aspectos, os provérbios se originam de enredos repetidos. Não é de admirar, então, que os provérbios tenham sido definidos como "sentenças curtas baseadas em longa(s) experiência(s), e contendo uma verdade".[3] Padrões repetidos de histórias dão origem a uma sentença curta, que tende a resumir a verdade da narrativa em uma frase ou sentença memorável.

Os provérbios abundam em todas as áreas da vida, assim como na Bíblia. Uma pessoa sábia pode se lembrar desta sentença perspicaz e conectá-la no momento apropriado com a nova situação que apresenta similaridades assombrosas com a situação passada. Assim sendo, os provérbios têm o potencial de dar orientação, análises em grupo ou individuais, e formação ética diante de situações comple-

tamente novas. Os provérbios funcionam desta maneira porque condensam muita sabedoria em uma generalização relativamente ampla, que capta a essência de padrões que tendem a se repetir. Estas generalizações vêm em várias formas, cenários, situações e tamanhos.

Mas se é assim, por que é que tão poucos sermões buscam os materiais de sabedoria como uma base de uma palavra de Deus? Inúmeras explicações normalmente emergem para responder a essa pergunta.

A mais óbvia é a de que muitos expositores consideram a pregação do livro de Provérbios simplesmente difícil. À primeira vista, não parece haver nenhuma ordem, unidade ou estrutura no livro. Como se pode dar a ele a aparência de um sermão explicativo, que é considerado como a forma modelo neste livro, quando o material parece resistir a tal abordagem em todos os pontos?

Alguns expositores evangélicos se sentirão particularmente relutantes em pregar sobre o livro de Provérbios, porque não conseguem encontrar o anúncio do evangelho neste livro. Mas isso suscita outra questão: A única razão para pregar é trazer as Boas Novas da salvação em cada mensagem? Não é possível pregar para se dirigir ao crente e pedir uma resposta, à luz do ensinamento da Palavra de Deus sobre a ética, a moral e um modo de vida exemplar? É preciso apenas observar como são predominantes, na nossa cultura, hoje em dia, as questões de desonestidade, infidelidade conjugal, divórcio, violência doméstica, com os maus tratos físicos resultantes, o abuso de drogas, filhos incontroláveis, submissão à pressão de colegas, má administração financeira e formas de logro na sociedade e na própria igreja, para perceber quão relevantes são os provérbios que abrangem estas questões! Tais questões pedem uma proclamação corajosa e a instrução bíblica.

A questão da pregação da sabedoria do livro de Provérbios pode ser ainda mais expandida. Ele vai além da moral e da ética, como notou Brevard Childs:

> A função didática da literatura de sabedoria bíblica é muito mais ampla do que a que normalmente é sugerida pelo termo "ética". Quando

> o sábio desafiou seus alunos, para que buscassem a sabedoria, isso não somente envolveu decisões morais, a respeito do comportamento certo e errado, mas foi uma atividade intelectual e pragmática que buscou abranger a totalidade da experiência. No entanto, é assombroso que o padrão do comportamento humano, que o sábio procurava inculcar, se sobreponha, em grande parte, àquilo que foi definido como um comportamento obediente dentro do Pentateuco, e prescrito para o povo do concerto.[4]

Há algum tempo, cheguei a uma conclusão similar, observando que grande parte do livro de Provérbios é uma mera representação, em forma proverbial, do que foi anunciado nas seções de Lei na Torá.[5] Por isso, a sabedoria não é oferecida como um substituto para a fé ou para a incredulidade; ela é oferecida para ensinar àqueles que encontraram a fé na semente vindoura da promessa, pela linhagem de Abraão, Isaque e Jacó, além de Davi, sobre como nós devemos viver uma vida de obediência como uma evidência da nossa fé.

Diferentemente da lei de Deus na Torá, em que tantos fragmentos do livro de Provérbios encontram a sua fonte espiritual, a sabedoria expande os mesmos temas e instrui sobre como se pode colocar estes mesmos princípios em uma aplicação prática e útil na vida cotidiana.

O seu ensinamento pode parecer tão "secular" e vazio de princípios espirituais que simplesmente exija boas graças sociais e bom senso. Mas temos a certeza de que Deus é Justo e que está tão interessado no que podemos transferir ao campo do mundano e do trivial, como está interessado nas mega-decisões e movimentos da nossa época. Ele deve ser Senhor sobre todos os aspectos da vida e dos vivos.

A Interpretação da Sabedoria dos Provérbios

Se desejarmos pregar a partir do livro de Provérbios, como deveremos abordar este livro e interpretá-lo para os nossos dias? Certamente ele está em um plano diferente do livro de Benjamin Franklin, *Poor*

Richard's Almanac! Naturalmente, ele se apresenta como a Palavra de Deus; esta é uma das suas características mais marcantes. Mas ele compartilha muitas outras similaridades com os provérbios, de modo geral. O mais importante, Alyce M. McKenzie mostra como os provérbios bíblicos compartilham muitas propriedades sintáticas com os provérbios seculares.[6] Ela relaciona cinco destas propriedades dos provérbios: (1) independência de coisas externas, (2) formato fixo, (3) o uso do tempo presente ou futuro do verbo, (4) ausência de pronomes de primeira pessoa, e (5) presença de características poéticas. Em lugar de ser uma frase incompleta, os provérbios contêm um pensamento completo. Além da sua forma fixa usual, o aspecto mais característico de um provérbio é o fato de que ele envolve uma generalização parcial que resulta de uma situação específica, que por sua vez é aplicada para corresponder a uma nova situação.

É importante perceber que estas não são verdades universais que se aplicam igualmente a todas as situações. Os provérbios também preferem usar o tempo presente do verbo e evitar o uso de pronomes de primeira pessoa e possessivos. Essa qualidade tende a dar ao provérbio a sua aparência atemporal e tenta o intérprete a universalizar o seu significado, de modo que se encaixe a cada situação, sem exceção. Mas esta tentação deve ser evitada, para que o pregador não se torne excessivamente simplista e reducionista, supondo que o significado *prima facie* deve ser universalizado em cada caso, ou que não contem nenhuma exceção. Em vez disso, o provérbio tende a abranger a maioria dos casos, sem declarar que se encaixa em cada exemplo imaginável de coisas que pareçam semelhantes. Declarar que ele se encaixa em todas as coisas, em todas as partes, é dilatar exageradamente o gênero e tratá-lo como se fosse uma forma de prosa explicativa!

A forma mais básica de um provérbio é aquela que tem um único elemento descritivo, como "O dinheiro fala", ou "O tempo voa". Contudo, é mais comum que o provérbio exiba uma estrutura mais complexa. McKenzie descreve esta forma como consistindo de três componentes essenciais: (1) a *imagem* do provérbio, que é o nível

literal do provérbio, (2) a *mensagem* do provérbio, que é o seu significado essencial, ou a referência do provérbio, e (3) uma *fórmula arquitetônica*, que é a relação entre o assunto e os comentários feitos sobre este assunto.[7] Estas fórmulas arquitetônicas, consistindo de relações entre os assuntos e os comentários, assumem basicamente duas formas, de acordo com McKenzie: *provérbios de equação*, em que a fórmula A é igual a B, e *provérbios de oposição*, em que A não é igual a B. Estes podem ser exemplificados pelos seguintes provérbios:

Provérbios de Equação:

"Não ames o sono, para que não empobreças" (Pv 20.13).
A forma: A é igual a B

"Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Mt 6.21).
A forma: Onde há A, há B

"Não havendo bois, o celeiro fica limpo" (Pv 14.4).
A forma: Onde não há A, não há B

Provérbios de Oposição:

"Todo caminho do homem é reto aos seus olhos, mas o Senhor sonda os corações" (Pv 21.2).
A forma: A não é igual a B

"Melhor é o pouco com o temor do Senhor do que um grande tesouro onde há inquietação" (Pv 15.16).
A forma: Melhor A do que B

"Melhor é a comida de hortaliça onde há amor do que o boi gordo e, com ele, o ódio" (Pv 15.17).
A forma: Melhor A do que B

Além do significado comum que as palavras têm em suas comunidades, os Provérbios também exibem um uso frequente de metáfora, metonímia e alegoria. Por exemplo, uma *alegoria* é uma comparação formal (usando a palavra "como") feita entre dois objetos diferentes. Assim: "*Como* jóia de ouro em focinho de porca, assim é a mulher formosa que se aparta da razão" (Pv 11.22, ênfase do autor). Da mesma maneira: "*Como* a porta se revolve nos seus gonzos, assim o preguiçoso, na sua cama" (Pv 26.14, ênfase do autor). Novamente, "*Como* nuvens e ventos que não trazem chuva, assim é o homem que se gaba falsamente de dádivas" (Pv 25.14, ênfase do autor). A palavra "como" indica ao intérprete a presença de uma comparação expressa (A é como B).

Uma *metáfora*, por outro lado, é uma comparação implícita, que não está expressa. Por exemplo, o texto em Provérbios 10.15 traz: "A fazenda do rico é a cidade da sua fortaleza". Gênesis 49.9 diz: "Judá é um leãozinho". E em Lucas 13.32, Jesus disse sobre o rei Herodes: "Ide e dizei àquela raposa..." Herodes tinha uma única coisa em comum com a raposa: ambos eram ardilosos e furtivos.

Outra figura de linguagem é a *metonímia*, que significa uma mudança de nome ou substituição de nome, para dar força e impressão que não seriam obtidas de outra maneira. Em Provérbios, o "lábio" e a "língua" são frequentemente usados para representar outra coisa. Por exemplo: "O *lábio* de verdade ficará para sempre, mas a *língua* mentirosa dura só um momento [literalmente, 'até que eu pisque', minha tradução]" (Pv 12.19, ênfase do autor). Considere este exemplo: "A *língua* branda quebranta os ossos" (Pv 25.15, ênfase do autor). Nestes exemplos, o "lábio" ou a "língua" representam o que estas partes anatômicas *produzem* ou o que é produzido por elas e não as partes anatômicas por si mesmas.

O professor ou pregador deve ter cuidado de observar estas figuras de linguagem, pois não somente afetam a interpretação, mas o que é muito mais interessante, também dão uma certa matiz e elegância ao ensinamento e à pregação que, não fosse por isso, não estariam presentes.

Passando do Provérbio ao Sermão

O pregador normalmente é bem aconselhado a não usar provérbios individuais (isto é, uma ou duas camadas) como textos separados em si mesmos, mas a empregar grupos de provérbios que se refiram a temas similares. Há mais conexão e relacionamento contextual entre um provérbio individual e os que o antecedem e seguem do que já foi reconhecido. Isso é básico para a nossa afirmação de que se pode ensinar ou pregar a partir de grupos de provérbios, em lugar de se limitar a tratar cada provérbio apenas isoladamente ou de uma maneira tópica. Estudos recentes sobre o livro de Tiago, do Novo Testamento, chegaram à mesma conclusão. Em cada contexto há mais coisas que se ligam em unidades de pensamento e que, não fosse por isso, pareceriam ser partes separadas; isso está sendo mais percebido hoje do que anteriormente.

Quais são as perguntas que o professor ou pregador precisa fazer, se deseja passar de um conjunto de provérbios para uma lição ou um sermão? Em que ordem estas perguntas devem ser feitas para que ele progrida facilmente rumo a uma apresentação contemporânea da verdade encontrada nestas sábias palavras?[8]

1. Verifique, em primeiro lugar, se este provérbio faz parte de um grupo de provérbios sobre um assunto em particular. Um exemplo deste tipo de grupo pode ser encontrado em Provérbios 11.1-21, como ressaltou Duane Garrett. Provérbios 11.1-21 forma um *inclusio* com os conceitos do que é uma abominação ao Senhor e o que é o seu deleite, nos versículos 1 e 20. Os grupos menores que são encontrados entre estes dois limites formam sub-unidades deste tema principal. Os versículos 1-4 descrevem a abominação a Deus pela fraude (v. 1) e a sua promessa de que a riqueza obtida ilicitamente pelo ímpio não lhe traria nenhum bem no dia do juízo (v. 4), ao passo que a humildade e a integridade são os melhores guias (vv. 2, 3). Um segundo sub-tema dentro deste tema mais amplo da abo-

minação que Deus sente pelos ímpios, e o seu deleite pelos justos, é encontrado nos versículos 7 e 8. Estes dois versículos são unidos por outro *inclusio* com "ímpio" no início do versículo 7, e o final do versículo 8. Novamente, a desesperança, a infelicidade e a falta de propósito da vida ímpia é comparada com a libertação e a vida cheia de esperança dos justos.

Um terceiro sub-tema é encontrado nos versículos 9-13. Os versículos 9 e 12 são semelhantes, pois tratam da destruição de um próximo pela calúnia, ao passo que os versículos 10,11 têm uma semelhança óbvia.

O versículo 13, embora fora do *quiasmo,* produz um comentário acerca do assunto da língua: Não apenas os ímpios são perversos no uso de suas línguas como não são discretos e não são dignos de confiança!

Há muitos outros grupos de provérbios que frequentemente os intérpretes deixam de perceber. Alguns dos mais óbvios são Provérbios 22.17-24.22, e os diferentes grupos em Provérbios 25-31, como indicam, em parte, os seus títulos.

2. Investigue se há alguma conexão literária entre o provérbio em estudo e o texto que o antecede ou segue. Isso é similar à pergunta anterior, mas dramatiza a necessidade de estudar o contexto mais rigorosamente. Por exemplo, alguém pode escolher Provérbios 6.27,28 como o texto desejado para ensinar ou pregar: "Tomará alguém fogo no seu seio, sem que as suas vestes se queimem? Ou andará alguém sobre as brasas, sem que se queimem os seus pés?" Mas o contexto destes dois versículos é Provérbios 6.20-35. É no contexto de uma advertência contra o adultério que estas perguntas metafóricas são feitas, nos versículos 27 e 28. O jovem é aconselhado a evitar a mulher má (v. 24), pois "o que entrar à mulher do seu próximo" não "ficará inocente" (v. 29).

   Da mesma maneira, alguém poderá, por acaso, escolher Provérbios 19-20,21 como texto, mas isso será reducionista ou

interpretado equivocadamente, se esta pessoa não reconhecer que o contexto destes versículos é, na verdade, Provérbios 19.16-23. Garrett opina que estes oito versículos tratam do tema da vida disciplinada e prudente. No início e no final desses versículos sobre a vida de bem, estão os temas equivalentes de guardar os mandamentos de Deus (v. 16) e de viver no temor a Ele (v. 23). A estrutura se parece com esta, segundo Garrett:[9]

A: A adesão ao caminho de Deus é vida (v. 16)
B: Dá ao pobre (v. 17)
C: Castiga o teu filho (hebraico: *ns'*, v. 18)
C': Permite que a ira pague o preço (hebraico: *ns'*, v. 19)
D: Submete-te à instrução (hebraico: *'sh* v. 20)
D': Reconhece a Providência (hebraico: *'sh*, v. 21)
B': É melhor ser pobre, mas honesto (v. 22)
A': O temor do Senhor é vida (v. 23)

3. Investigue quais estrofes, subunidades ou construções paralelas constituem o agrupamento maior ou o tópico unido dos provérbios agrupados. Assim como devemos determinar o tema principal ou a sentença tópica de cada parágrafo em um gênero de prosa ou a ideia principal de cada cena em um gênero de narrativa, também aqui devemos ver como cada agrupamento melhor de provérbios individuais contribui ao tema do grupo maior neste capítulo ou fragmento de capítulo. Quando estes grupos menores forem identificados, então devemos perguntar como cada um deles contribui com o assunto total ao qual estão relacionados. O exemplo de Provérbios 6 pode servir como exemplo novamente. Assim, a sexta exortação (de sete exortações, em Provérbios 1.8-9.18) trata do tema do adultério (Pv 6.20-35). Tipicamente, a exortação começa com um apelo para que o filho dê ouvidos às palavras de seu pai (vv. 20-23). Os versículos 24-26 declaram claramente que a mulher imoral é atraente, bela e cativante,

mas também é mortal, em termos morais. A seguir, vêm as perguntas metafóricas sobre tomar fogo em seu seio e andar sobre brasas, nos versículos 27 e 28, com o ponto desejado finalmente declarado no versículo 29: semelhante a isto será dormir com a mulher de outro homem! Finalmente, os versículos 30-35 mostram que, embora possa haver alguma maneira de salvar a honra do ladrão que é flagrado (por causa do que o impeliu a roubar), há apenas um duro juízo por parte de um marido ultrajado, que derramará fúria sobre a cabeça do adúltero e se recusará a ser acalmado por qualquer tipo de compensação. Assim, há quatro subgrupos desta única exortação nos versículos 20-35, que podem constituir os quatro pontos principais de um sermão ou lição.

4. Quais são as normas teológicas e doutrinas informativas anunciadas em passagens anteriores das Escrituras que agora estão contidas neste novo agrupamento de provérbios que formam a base para a nossa lição ou para o nosso sermão? O livro de Provérbios ensina que toda a vida humana é vivida no contexto de um Deus soberano que nos mostrou como devemos viver. Há um padrão ou uma ordem que vem como uma dádiva de Deus para toda a vida e para todos os seus relacionamentos.

A Sabedoria não Proverbial

Os materiais de sabedoria aparecem por todo o Antigo Testamento. Com exceção daqueles casos em que livros inteiros são dedicados a um gênero de sabedoria, há exemplos de sabedoria não proverbial incorporados em outros gêneros. Somente precisamos pensar no enigma de Sansão, em Juízes 14.14 ("Do comedor saiu comida, e doçura saiu do forte") ou nas fábulas contadas por Jeoás, rei de Israel, em 2 Reis 14.9 e João em Juízes 9.7-15 (as duas únicas fábulas na Bíblia). Mas há três livros do Antigo Testamento em que há uma mistura de gêneros e que requerem atenção especial.

Eclesiastes

Muitos julgaram a sabedoria exibida no livro de Eclesiastes como sendo particularmente difícil, porque parece muito especulativa, pessimista e contrária ao que se esperaria no cânone do Antigo Testamento. Na verdade, Eclesiastes é uma mistura de formas de sabedoria, pois podemos identificar alegoria (sobre a velhice, em 12.1-7), uma história sobre um exemplo (9.13-16), provérbios (7.1-29) e mais.

Mas, como demonstra o epílogo de Eclesiastes 12.9-14, seria um equívoco considerar este livro como uma coletânea livre de declarações contraditórias e polarizadas. A única maneira de defender esta tese negativa é argumentar que os dois últimos versículos do livro foram acrescentados posteriormente ou com o objetivo de purificar o livro para que fosse possível incluí-lo no cânone. O problema com esta perspectiva é o fato de que não existe um manuscrito completo do livro de Eclesiastes sem este final, e não existe evidência que demonstre que um grupo confiável e autorizado decidiu que este livro (ou qualquer outro) era realmente "canônico" ou, por qualquer meio, "legitimado"! Assim, tão logo o epílogo é adaptado como parte original do livro, este argumento evapora.

Este livro tem um plano claro e consistente. As suas divisões são facilmente detectadas pelo mecanismo repetido de retórica que aconselha: "Que coma e beba e que faça gozar a sua alma do bem do seu trabalho?" (Ec 2.24; 5.18; e 8.15), desta maneira dividindo o livro em quatro seções claramente demarcadas. Estas divisões e o argumento são como segue:

1. A vida é uma dádiva de Deus (1.2-2.26)
2. Deus tem um plano abrangente (3.1-5.20)
3. Este plano deve ser explicado e aplicado (6.1-8.15)
4. O desânimo deve ser removido dos crentes que aplicam este plano de Deus (8.16-12.7)[10]

Jó

Há outro livro que é uma mistura de diversos gêneros. Juntamente com hinos (por exemplo, Jó 28), provérbios (por exemplo, 5.17) e enigmas (por exemplo, 41.1-5), o livro tem uma forte ênfase no diálogo e na discussão. No meio desses longos diálogos entre Jó e seus supostos consoladores há gêneros de processo judicial (23.1-7), solilóquio (capítulo 31) e o uso de grande número de figuras de linguagem como ironia (12.2), alegorias (14.2), metáfora (16.13) e metonímia (16.19).

O livro de Jó, então, não é facilmente classificado em uma classificação de gênero único. Ele também não tem um paralelo literário na literatura de sabedoria do Oriente Médio antigo. Ele é *sui generis* = tem o seu próprio tipo exclusivo de literatura.

É preciso pregar ou ensinar o livro de Jó na forma de diálogos, o que propõe as perguntas das falas dos três supostos amigos e encontrar as respostas de um ponto de vista de revelação nas refutações apresentadas por Jó. Deus declara a sua opinião sobre o que dizem os três amigos de Jó quando conclui: "A minha ira se acendeu contra ti [Elifaz], e contra os teus dois amigos [Bildade e Zofar]; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó" (Jó 42.7b). Assim, embora o sofrimento tenha uma grande participação no livro, não é Jó quem está sendo tentado, mas Deus! O professor e o pregador devem ter cuidado, portanto, para *não* tornar normativos os discursos dos supostos amigos de Jó, pois em Jó 42.7, Deus declara que o que eles diziam estava incorreto e, como consequência, não era revelação!

Cantares de Salomão

Cânticos de Salomão, ou Cântico dos Cânticos, como este livro também é conhecido, de igual maneira provou ser um enigma para muitos professores da Palavra de Deus. É melhor interpretar o livro como um cântico dedicado à dádiva do amor conjugal, como desejava Deus, uma vez que não há, no livro, indicações que sugiram que

ele deve ser interpretado de modo alegórico. Portanto, aquilo que o Verbo encarnado (o próprio Jesus) fez pelo casamento, comparecendo ao banquete de boda de Caná também a Palavra escrita (a Bíblia) fez, dando-nos este livro.

Naturalmente, a expressão "Cântico dos Cânticos" é a maneira dos hebreus de expressar a forma superlativa; desta maneira, este é o melhor cântico que Deus poderia nos dar sobre este tópico dos prazeres do genuíno amor conjugal.

A indicação hermenêutica para este livro pode ser encontrada nos termos similares usados na alegoria encontrada em Provérbios 5.15-23, como demonstraremos mais adiante neste capítulo. As metáforas vívidas usadas para o casal e o ato conjugal do amor não devem nos afastar da seriedade do tema em que a revelação divina deve ter uma participação.

O livro, na verdade, tem *três* personagens principais e não apenas dois. Há Salomão, a jovem e o jovem pastor da cidade natal da jovem. Embora a jovem sulamita seja levada um pouco abruptamente para Jerusalém a fim de preparar-se para entrar para o harém de Salomão, ela continua a sentir saudades do pastor ao qual ela tinha sido prometida, na sua cidade. No final, ela é reunida ao pastor e todo o significado do livro se torna evidente, em Cantares 8.6,7.

> Põe-me como selo sobre o teu coração,
> como selo sobre o teu braço, porque o amor
> é forte como a morte,
> e duro como a sepultura o ciúme; as suas
> brasas são brasas de fogo,
> labaredas do Senhor.[11]
> As muitas águas não poderiam apagar esse amor
> nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse
> toda a fazenda de sua casa por este amor,
> certamente a desprezariam.

É desta perspectiva que o livro deve ser ensinado e pregado. O amor que Deus designou para o casamento não é algo que possa ser comprado ou procurado por todos os tipos de truques ou promessas de posição pessoal ou riqueza; é uma dádiva de Deus que deve ser apreciada, guardada e usada exclusivamente nos limites do casamento!

Um Exemplo de Pregação de Sabedoria: Provérbios 5.15-23

Muitos intérpretes descrevem apropriadamente Provérbios 5.15-23 como uma alegoria.[12] A razão é o vasto uso de palavras ou conceitos extraídos de um campo de pensamento, como a natureza, para retratar conceitos que pertencem a outra esfera de pensamento. Uma alegoria é uma ampliação de uma série de metáforas, que são unidas em um único conceito, e apresentadas e um ponto de vista unificado.

Mas o que realmente mostra a mão do autor é o fato de que o versículo 18 repentinamente exclama: "Alegra-te com a mulher da tua mocidade". Depois de usar cinco metáforas usando água, esta repentina passagem para uma forma direta de declarar as coisas, mostra que o autor desejava que as suas referências a uma pessoa beber água do próprio poço fossem interpretadas como ter relações sexuais apenas com a própria esposa. O esquema de pregação ou ensinamento a seguir desenvolve este tema:

I. O nosso cônjuge deve ser a nossa fonte de prazer (v. 15)
II. O relacionamento com o nosso cônjuge deve ser protegido (vv. 16,17)
III. O nosso deleite deve estar no nosso cônjuge (vv. 18-20)
IV. O nosso relacionamento com nosso cônjuge está perante os olhos de Deus (vv. 21-23)

Desta seção, não somente vamos ganhar um texto essencial para o ensinamento sobre relações conjugais, mas também uma poderosa sugestão para a interpretação do livro de Cantares. Nós somente pre-

cisamos comparar Cantares 4.12; 6.2,3 e passagens similares, para ver as assombrosas comparações. Ainda mais importante, Provérbios 5.15-23 é mais do que relevante para o mundo de hoje, pois nos ajuda a tomar uma posição sobre a questão da fidelidade conjugal. Vejamos como o texto ainda nos fala tão dramaticamente, sobre as mesmas questões que confrontaram o povo nos dias de Salomão

*

Poucas vezes na história vimos um ataque mais aberto ao código bíblico de conduta sexual do que nos nossos dias. A comunidade secular frequentemente acusa os cristãos de serem contrários ao sexo. Ela zomba abertamente da insistência dos cristãos de que os relacionamentos sexuais devem se limitar ao casamento, como uma antiga visão que parece puritana.

Mesmo na igreja, muitos têm começado abertamente a abandonar o caminho de Deus, passando para os novos padrões desta geração. Não é apenas um problema de adolescentes, isto é, cada vez mais, um problema para os adultos em sua meia idade e em sua velhice, quando muitos escolhem a infidelidade e a falta de castidade como um modo de vida.

O texto em Provérbios 5.15-23 descreve os resultados destas relações fora do casamento. Mas em lugar de defender uma visão pudica do sexo, como alguns acusam alguns cristãos e a Bíblia de fazer, esta passagem celebra a alegria da sexualidade humana, mas dentro de um compromisso de casamento. Ninguém pode acusar Provérbios 5.15-23 de ser contra o sexo. Na verdade, esta passagem reflete o fato de que a nossa sexualidade é uma dádiva de Deus e que é isso o que a torna tão sublime e seus carinhos tão prazerosos.

Declarar que todos os padrões bíblicos deste tipo são medievais, porque agora temos antibióticos e vários tipos de "pílula" é colocar a ciência no lugar de Deus, como nosso novo Salvador. Nem todas as infrações às leis de Deus são facilmente tratadas pela ciência, pois a presença da AIDS forneceu novas razões (refiro-me aqui somente e especificamente aos casos de AIDS e HIV que têm relação com a promiscuidade sexual) para deixar de considerar a confiabilidade das Escrituras.

É verdade, Alvin Toffler tinha predito, em seu livro de 1970, *Future Shock* que os casamentos futuros tornariam os cônjuges descartáveis, depois de que um ou o outro tivesse "se livrado" do cônjuge com o qual ele ou ela tinha se comprometido. Charles A. Reich, em seu livro muito aclamado, *The Greening of America* afirmou, de maneira similar, que os jovens não desejavam os confusos relacionamentos que o casamento traz. Eles apenas queriam ser livres para amar como, quando, e a quem quisessem. Se isso era a verdadeira liberdade ou mera exploração, ficaria evidente nas duas décadas que se seguiram: Revelou ser exploração, a um nível extremo.

No entanto, em contraste com estas filosofias emergentes de exploração e experimentação, o propósito de Deus para o casamento permanecia e permanece o mesmo de Gênesis 2.18: "Não é bom que o homem esteja só". Os dois, o homem e a mulher, "serão ambos uma carne".

O primeiro de quatro lembretes é encontrado em Provérbios 5.15, e é este: O nosso cônjuge deve ser a nossa fonte de prazer. Os substantivos "cisterna" e "poço" são usados aqui como símbolos da esposa. Ambos são fontes de água potável, além de profunda satisfação e alívio. O prazer aqui mencionado não é apenas espiritual, mas sensual, sem nenhum intento de fazer comparações com a forma ou anatomia feminina. A imagem é de prazer e conexão. É o nosso *próprio* poço e a nossa própria cisterna que propiciam o alívio. Desta forma, a metáfora nos ordena que sejamos fiéis aos nossos cônjuges. Cada relacionamento clandestino ou atração anormal viola a lei mais clara de Deus. O desígnio permanente e original de Deus é que cada um de nós tenha *uma* fonte (a forma singular dos substantivos é ainda mais assombrosa, diante de alguns exemplos da poligamia não autorizada que era encontrada nos tempos do Antigo Testamento). Como diz Cantares 4.12: "Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada". Da mesma maneira, Cantares 4.15 diz: "És a fonte dos jardins, poço das águas vivas".

O segundo lembrete é igualmente direto: O relacionamento com o nosso cônjuge deve ser protegido (Pv 5.16,17). Percebemos ime-

diatamente a mudança, dos substantivos no singular do versículo 15 para as referências no plural a "fontes" e "ribeiros". Aqui a imagem é de desperdício, uma dispersão de água preciosa (consequentemente, a sexualidade de alguém) pelas ruas e praças públicas.

A tranquilidade doméstica do lar foi de alguma maneira destruída, pois a esposa foi à procura de casos extraconjugais, derramando desta maneira os seus preciosos bens por toda a cidade. A imagem não é o varão, como sugeriram alguns, com a água representando o esperma masculino que gerou filhos por toda a cidade. Nem é a de um poço que secou pela falta de uso, e assim é desperdiçado por causa da negligência e falta de sensibilidade do seu esposo. O que define a questão é o fato de que no versículo 17, as fontes dos versículos 15, 16 e 18 são mencionadas como sendo "para ti só", isto é, para o esposo, com o substantivo plural ainda se referindo à esposa do versículo 15.

O terceiro lembrete é: O nosso deleite deve estar no nosso cônjuge (vv. 18-20). A fonte é abençoada quando é aproveitada como Deus pretendia — isto é, dentro dos laços do casamento. Na Septuaginta em grego, o versículo 18 diz: "Que a tua fonte seja somente para ti".

A Palavra de Deus recomenda que cada um entenda a paixão e o prazer entusiasta do próprio cônjuge como dádiva e desígnio dEle para os casais. Há uma atração divinamente ordenada pelo sexo oposto, mas se mal utilizada, levará à destruição (Pv 7). Mas no estilo monogâmico, é melhor do que o vinho (Ct 1.2). É uma labareda do Senhor (Ct 8.6). Portanto, devemos "nos alegrar com a mulher da nossa mocidade" (Pv 5.18), pois o nosso texto a associa a "uma cerva amorosa e gazela graciosa" (v. 19). Estes animais são usados aqui como comparação, pois dão a ideia de graça, forma e agilidade de movimento, exatamente como em Cantares 4.5 e 7.3.

Existe uma satisfação que deve ser derivada dos aspectos sensual e físico do ato sexual conjugal. Mais do que isso, ele é considerado como uma intoxicação em Provérbios 5.19,20. O verbo traduzido como "atraído" também significava, de maneira mais literal, "embriagado". Quão satisfatórios e prazerosos são os prazeres do sexo

físico para aqueles que usam suas dádivas sexuais como foram designadas divinamente no casamento.

Finalmente, um último lembrete: O nosso relacionamento com nosso cônjuge está perante os olhos de Deus (vv. 21-23). Aos argumentos anteriores a favor da fidelidade conjugal, são acrescentadas duas novas razões para ser fiel ao próprio cônjuge. Em primeiro lugar, Deus observa tudo o que acontece no planeta terra. Jamais houve um encontro amoroso secreto que escapasse à observação de Deus (v. 21). Todos os nossos caminhos são examinados, ponderados e verificados, para que possamos ser julgados com justiça (v. 21b). Assim, vemos o motivo para a pergunta retórica do versículo 20: "Por que, filho meu, andarias atraído pela estranha?" O Deus que nos deu a sexualidade humana tem o direito de esperar o uso adequado e justo desta dádiva. Em poucas palavras: Não há um motel ou beco onde Deus não possa ver e saber o que está acontecendo!

O segundo motivo para ser fiel ao próprio cônjuge é encontrado nos versículos 22,23. O cônjuge que decide viver de modo promíscuo acabará percebendo que está preso nas cordas de seus próprios pecados. Não somente esta falta de disciplina resultará na escravidão do seu próprio ser corrupto, como também destruirá o seu casamento e provocará a sua própria morte. Essa é a dimensão da loucura (v. 23). O prazer que ele buscava irá evaporar, e zombar dele, e assim a ironia será o final de tudo.

Qualquer conclusão que não veja o terrível impacto que um texto como este poderia ter na nossa cultura contemporânea, será cega. Está claro que os casamentos mortos são casamentos não bíblicos; eles não honram a Deus. Os casais devem lutar ferozmente por uma renovação e um crescimento diários no seu casamento. Deus decretou que deve haver alegria, satisfação, exclusividade, atenção, mistério, beleza, poder e consciência na presença de Deus. O seu olhar se estende até mesmo ao leito onde o ato conjugal acontece. O sexo no casamento não é sórdido, mundano e nem pecaminoso por causa dEle. Esta é uma das mais belas dádivas dadas aos mortais que seguem ao Senhor. Na verdade, é um "cântico dos cânticos", o melhor

de todos os cânticos! Que pela sua graça, possamos resistir ao fluxo da cultura dos nossos dias e renovar os nossos votos de sagrado matrimônio para a glória de Deus.

Conclusão

Há muito tempo, os materiais de sabedoria estão esquecidos na missão de pregação da igreja. As pessoas procuram ajuda com as questões básicas e mundanas da vida, e a pregação sobre cada um dos livros de sabedoria pode satisfazer a sua fome, além da mais louca imaginação. Particularmente relevantes são os textos de Provérbios e os dos Cantares de Salomão. Se a Igreja não reagir mais uma vez a este pedido de ajuda nestas áreas, podemos apenas esperar que na graciosa providência de Deus os ministérios paralelos preencham o vazio oferecendo coisas como seminários de enriquecimento do casamento e sessões para tratar de conflitos básicos da juventude. Devemos tomar a Palavra de Deus e pregar todo o conselho dEle a uma geração que está esperando e está faminta!

7

A Pregação e o Ensino de Textos dos Profetas do Antigo Testamento

Normalmente os cristãos julgam mais fácil ler e aplicar as mensagens dos profetas do que qualquer outra seção do Antigo Testamento, com as possíveis exceções dos Salmos e do livro de Gênesis. Mas isto não equivale a dizer que tudo o que os profetas tinham a dizer era transparente e igualmente fácil de pregar. Em Números 12.6-8, foi dito a Moisés: "Se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras". Há algo enigmático (ou como "figuras") na pregação e no ensinamento dos textos dos profetas (ou, pelo menos, partes das mensagens proféticas) em comparação com a mesma coisa feita com textos da Torá.

Particularmente difíceis são as suas mensagens sobre juízo e palavras de ameaça. Constantemente, eles advertiam o povo de Deus sobre o juízo que pairava sobre eles, se deixassem de se arrepender e de se desviar do mau caminho que decidiram seguir. Por isso os profetas usaram todos os mecanismos literários que puderam imaginar para captar a atenção e a boa vontade de seu público.[1]

Mas mesmo se falassem no nosso próprio tempo com tão assombrosa vivacidade, enfrentaríamos outra questão: Como ouvir a Palavra de Deus a partir dos seus textos hoje em dia? Se os profetas falavam tão diretamente sobre as questões do seu tempo, como muitos afirmaram, de que maneira as suas mensagens são confiáveis e autorizadas e, portanto, relevantes para nós hoje em dia?

É tentador, para alguns, desdenhar, ao apontar Hebreus 1.1-2a, que diz: "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho". A noção incorreta, que alguns derivam destes versículos do Novo Testamento, é que a pessoa de Jesus agora substituiu as palavras relativamente incompletas anteriormente dadas como uma revelação de Deus pelos profetas. Mas esta não é somente uma leitura injusta de Hebreus 1.1,2a; ela também deixa de considerar o fato de que tanto a igreja do século I como as gerações posteriores de cristãos continuaram a preservar e usar os profetas do Antigo Testamento como mais do que curiosidades históricas. Ou, propondo a pergunta, como William L. Holladay tão explicitamente colocou:

> Deus se comunica conosco por meio destas antigas palavras, e, caso afirmativo, como devemos ouvir esta comunicação? Podemos soltar o barco chamado "Isaías" de seu ancoradouro no século VIII a.C. e levá-lo pelo lago até um ancoradouro no século XX (ou XXI) d.C. e ainda reconhecer que se trata de "Isaías"? Como isto pode ser feito?[2]

Isto é precisamente o que este capítulo tentará fazer. Uma vez que é o mesmo Senhor que se dirige a nossa geração com o mesmo padrão de santidade e justiça, não deve ser extremamente difícil ouvir, nos avisos e insistentes chamados dos profetas por transformação, arrependimento e retorno a Deus uma mensagem para nós — apesar da distância no tempo.

Analisando as Palavras de Juízo dos Profetas

Se desejarmos ouvir as palavras dos profetas de uma maneira que seja fiel ao seu contexto original e, ao mesmo tempo, de utilidade contemporânea para nós, devemos antes de mais nada determinar o tema ou propósito básico de cada livro profético que desejamos pregar. Também será útil mostrar como o propósito do livro se encaixa no tema global e unificador do Antigo Testamento e no tema ou plano central de toda a Bíblia.

Depois de definirmos o propósito do livro, devemos, então, assinalar as principais seções literárias que constituem a estrutura do livro. Normalmente, existem mecanismos de retórica que assinalam onde tem início uma nova seção no livro. No entanto, quando tais mecanismos não estão presentes é preciso observar outros marcadores. Uma mudança de assunto, uma mudança de pronomes, ou uma mudança em aspectos de ação verbal, tudo isso pode ser um sinal revelador de que teve início uma nova seção.

Por exemplo, a segunda parte do livro de Isaías exibe três seções principais, cada uma com o mesmo colofão (ou "apêndice") — "Mas os ímpios não têm paz, diz o Senhor" (Is 48.22; cf. 57.21). Uma expansão no mesmo tema forma o colofão em Isaías 66.24. Assim, a última parte de Isaías é dividida em três principais seções (ou conjuntos de 9 capítulos) determinados por este mecanismo repetido de retórica:

I. A incomparabilidade de Deus *Pai* em Isaías 40-48
"Mas os ímpios não têm paz" (Is 48.22).
II. A expiação de Deus *Filho* em Isaías 49-57
"Os ímpios... não têm paz" (Is 57.21).
III. A obra de Deus, o *Espírito Santo*, em Isaías 58-66
"O seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará" (Is 66.24).

De maneira similar, os profetas Miquéias e Amós exemplificam o uso de mecanismos repetidos de retórica para definir as seções das

suas profecias. Em vez de usar um colofão, estes dois profetas usam "cabeçalhos" para definir as seções de seus livros.

"Ouvi", adverte Miquéias em 1.2, 3.1; 6.1. Consequentemente, o seu livro contém três principais seções: Miquéias 1—2; 3—5; e 6—7.

Amós usa um cabeçalho muito mais complexo. Nos capítulos 1 e 2, oito vezes ele inicia com "Por três transgressões de... e por quatro". Estes cabeçalhos unificam a primeira seção do seu livro como um conjunto de profecias dirigidas às nações. Na sua seção seguinte, ele repete uma expressão que lembra Israel do grande *Shema*: "Ouvi esta palavra" (Am 3.1; 4.1; 5.1). A seção seguinte modifica o cabeçalho para "Ai daqueles" (Am 5.18; 6.1). Finalmente, o livro termina com cinco visões, cada uma delas começando com "O Senhor Jeová assim me fez ver" (Am 7.1, 4, 7; 8.1; 9.1 [9.1 usa uma variação do tema para concluir a série]). Assim, o livro tem estas quatro seções: Amós 1—2; 3.1-5.17; 5.18-6.14; 7—9.

Estes mecanismos de retórica são de grande ajuda para o professor e pregador na determinação dos pontos onde o texto apresenta uma "costura" que indica outra seção no argumento do livro.

Um terceiro passo nos pede que identifiquemos o gênero em particular que foi usado para uma mensagem específica do profeta. Este estudo é importante, pois na vida diária, as mesmas palavras usadas em diferentes contextos podem querer dizer coisas diferentes dependendo da ocorrência destas palavras em um anúncio, um sermão, um romance. Portanto, devemos investigar o gênero ou a forma literária usada pelo profeta, e observar como ela funciona para captar a sua mensagem e para ter uma ideia de como podemos aplicá-la nos nossos dias, na nossa geração, na nossa cultura.

Um quarto passo que normalmente é seguido neste ponto é uma investigação do contexto histórico e social do livro. Isso nos ajuda a nos concentrar na obra do intérprete, de modo que as palavras sejam ouvidas e entendidas da mesma maneira como a audiência original as ouviu e as entendeu. No entanto, corre-se um risco ao mesmo tempo. É possível prestar tanta atenção ao contexto histórico

e social (isto é, às coisas *[res]* indicadas pelo texto) que a mensagem *(verba)* do texto propriamente dita, juntamente com a sua importância para gerações futuras, jamais será ouvida apropriadamente. Em outras palavras, às vezes a nossa busca pelo *Sitz im Leben,* ou "contexto na vida", supera o *Sitz im Literatur,* "contexto literário". É frequente que o intérprete sinta que a tarefa da exegese do texto foi cumprida quando as questões históricas, isoglóticas (isto é, questões de introdução bíblica, como data, autor, audiência e similares), e apologéticas (a respeito de questões éticas, filosóficas, arqueológicas, ou teológicas) foram solucionadas.

Tipicamente, um conservador tratará Josué capítulo 6 mostrando que as muralhas de Jericó realmente caíram no exterior da cidade, em lugar de desmoronar para dentro da cidade, durante o período que pertence a Josué. Este é um bom tema para ser tratado pela arqueologia e apologética, e é um assunto importante. Mas não é a mesma coisa que tratar a mensagem deste tema ou suas declarações. A apologética, neste caso, engoliu e usurpou os interesses da exegese bíblica, preparando uma passagem para a pregação.

Retornemos, agora, ao terceiro passo mencionado acima, a identificação do gênero, pois este passo permitirá que comecemos corretamente uma audição autêntica do texto. Cada gênero também terá a sua forma correspondente para o sermão. Vejamos, agora, como estas formas literárias vieram a existir.

Os dezesseis profetas que escreveram (os quatro Profetas Maiores e os doze Profetas Menores) edificaram sobre os precedentes que os primeiros profetas, como Samuel, Natã, Elias e Eliseu estabeleceram para eles. Por exemplo, não era incomum que estes profetas anteriores (encontrados nos quatro livros dos Primeiros Profetas: Josué, Juízes, Samuel e Reis) de forma ousada, entrassem na sala do trono da corte real, para anunciar uma mensagem de Deus. Consequentemente, os profetas posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e os doze Profetas Menores) assumiram um papel similar de entrar no palácio real, agindo como mensageiros ou embaixadores de Deus.[3] Desta experiência surgiu uma maneira

formal de apresentação que o contexto social exigia: os discursos dos embaixadores.

Típicos de tais discursos de embaixadores eram os seguintes componentes, quer os discursos fossem transmitidos oralmente ou (posteriormente) entregues à escrita. As duas partes principais que eles incluíam eram: (1) a transmissão das palavras exatas do rei, fosse uma acusação ou um anúncio; e (2) a explicação do mensageiro/embaixador destas palavras. É necessário acrescentar o fato de que, nas formas escritas, o mensageiro introduzia o seu relato declarando a sua comissão como mensageiro do grande rei/suserano, ou, no caso dos profetas, como alguém comissionado por Deus. Por exemplo, 1 Reis 21.17 diz: "Então, veio a palavra do Senhor a Elias, o tisbita". Isso é uma referência à *comissão* do profeta.

Ela era normalmente seguida pela *fórmula do mensageiro:* "Assim diz o Senhor". Esta fórmula funcionava como o elo e o meio pelo qual a comissão e a acusação ou o anúncio eram conectados. Frequentemente, uma segunda acusação ou anúncio de juízo era acrescentado ao primeiro, com uma segunda fórmula do mensageiro.

A razão destas formas de linguagem era o fato de que o rei e o povo tinham infringido a lei de Deus e estavam sob a possibilidade de juízo, se não fossem vistas mudanças evidentes. O anúncio de juízo frequentemente não era mais do que uma sentença terrível, mas memorável. Todas estas partes, para que não mergulhemos em generalidades, precisam ser exemplificadas, como a seguir.

Exemplo de uma Profecia de Juízo: Jeremias 44

Jeremias 44.1-6

I. Introdução
   A. A comissão: "Palavra que veio a Jeremias acerca de todos os judeus habitantes da terra do Egito" (v. 1).
   B. O discurso do mensageiro: "Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel" (v. 2).

II. Corpo da mensagem
   A. Uma indicação da situação: "Vós vistes todo o mal que fiz cair sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá; e eis que elas são, hoje, um deserto, e ninguém habita nelas; por causa da sua maldade que fizeram, para me irarem, indo queimar incenso e servir a deuses estranhos" (vv. 2b-5)
   B. O desenvolvimento da situação: "E eu vos enviei todos os meus servos, os profetas, madrugando e enviando a dizer: Ora, não façais esta coisa abominável que aborreço. Mas... eles não deram ouvidos... para se converterem da sua maldade, para não queimarem incenso a deuses estranhos" (vv. 4,5).
   C. A citação do juízo (frequentemente começando com um "portanto" ou "pois"): "Derramaram-se, pois, a minha indignação... e elas se tornaram em deserto e em assolação, como hoje se vê" (v 6)

Jeremias 44.7-30

I. Introdução (de uma nova declaração [ou continuação da anterior, vv. 1-6])
A. A comissão: [Ausente, ou supostamente continuação do versículo 1]
B. O discurso do mensageiro: "Agora, pois, assim diz o Senhor, Deus dos Exércitos, Deus de Israel" (v. 7)
II. Corpo da mensagem
A. Uma indicação da situação, introduzida por duas perguntas: "Por que fazeis vós tão grande mal contra a vossa alma, para desarraigardes ao homem, e à mulher, à criança, e ao que mama do meio de Judá, a fim de não deixardes ali resto algum; irando-me com as obras de vossas mãos, queimando incenso a deuses estranhos na terra do Egito, onde vós entrastes, para lá peregrinardes?" (vv. 7b-8a).
B. O desenvolvimento da situação: "Para que a vós mesmos vos desarraigueis. Esquecestes já as maldades de vossos pais, e

as maldades dos reis de Judá... Não se humilharam até ao dia de hoje, nem temeram, nem andaram na minha lei, nem nos meus estatutos, que pus diante de vós e diante de vossos pais" (vv. 8b-10, parafraseados).

C. A predição do desastre (introduzida, uma vez mais, por "portanto"): "Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel" (v. 11a).

D. A citação do juízo: "Eis que eu ponho o rosto contra vós, para mal e para desarraigar a todo o Judá" (v. 11b). "E o resto de Judá será todo consumido na terra do Egito... E serão uma execração, e um espanto, e uma maldição, e um opróbrio. Porque visitarei os que habitam na terra do Egito, como visitei Jerusalém, com a espada, com a fome e com a peste... De maneira que não haverá quem escape e fique da parte remanescente do Judá que entrou na terra do Egito" (vv. 12-14, parafraseados).

III. Reações de conclusão: Todos os homens que sabiam o que suas mulheres tinham feito, disseram: "Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te obedeceremos a ti" (vv. 15,16). Antes, certamente [no tempo do rei Josias] tivemos, então, fartura de pão, e andávamos alegres, e não vimos mal algum. Mas, desde que cessamos de queimar incenso à Rainha dos Céus e de lhe oferecer libações, tivemos falta de tudo e fomos consumidos pela espada e pela fome (vv. 17b-18, parafraseados). Jeremias respondeu: "Perfeitamente confirmastes os vossos votos [a Aserá] e perfeitamente cumpristes os vossos votos" (v. 25b). Mas o Senhor diz: Vamos esperar e ver "se subsistirá a minha palavra ou a sua" (v. 28b).

Assim eram as profecias de juízo. Com o uso deste gênero nós estamos preparados para formar os pontos do nosso sermão ou ensinamento. Esta forma de juízo frequentemente é comparada com os oráculos ou profecias de salvação, que agora consideraremos.

Analisando as Profecias de Salvação

O fio comum que une o Antigo Testamento e o Novo é o tema da promessa de Deus.[4] Este fio da promessa é conhecido por inúmeros outros termos, tais como *bênção*, o *conteúdo* de inúmeros concertos na Bíblia, ou a *história redentora da salvação de Deus.* Independentemente dos termos, a ênfase está na bondade e na graça de Deus, que recolhe os pecadores que são incapazes de se salvar.

O Novo Testamento, refletindo a mensagem principal do Antigo Testamento, usa a palavra "promessa" (em grego, *epangelia*) para retratar tudo o que o Salvador fez por uma humanidade perdida. A força total desta linha do plano-promessa de Deus começa em Gênesis 3.15 e 9.27, mas chegou ao seu pleno florescer nas promessas frequentemente repetidas feitas aos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó.

Estas palavras de salvação prometida têm continuidade nos oráculos proféticos de salvação. A única diferença entre as promessas anteriores, e as mensagens proféticas de salvação e promessa é o contexto da palavra de Deus que o profeta transmite. Normalmente, elas aparecem no meio de uma ameaça de juízo a Israel, pelo rompimento do concerto, pela sua idolatria e pelo seu pecado. Uma vez que a promessa tinha sido feita somente por Deus, e uma vez que fazia parte de um concerto unilateral em que os mortais não tinham que se obrigar como um requisito para receberem os benefícios da salvação, o pecado de Israel não poderia impedir o plano de Deus para abençoar Israel e as nações (Jz 2.1; Jr 5.18).

A ocorrência destas palavras de promessa e bênção parece tão fora de lugar nos contextos das mensagens de juízo, que os acadêmicos frequentemente decidiam que a mensagem era, originalmente, de juízo ou de bênção: ela não podia ser as duas coisas. Mas na realidade eram ambas as partes verdadeiras da tradição.

Exemplo de uma Profecia de Salvação: Jeremias 32.36-44

As palavras proféticas de salvação exibem muitas das mesmas partes das profecias de juízo.[5] Estas profecias podiam aparecer em uma

narrativa histórica ou nos próprios textos proféticos, mas as características eram praticamente as mesmas. Para começar, havia a fórmula do mensageiro. Ela começaria com: "Assim diz o Senhor", ou "Assim diz o Senhor, o Deus de Israel".

Então viriam as palavras dirigidas aos indivíduos (como era normalmente o caso, nos dias dos Primeiros Profetas, nos livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis) ou grupos de pessoas. Estes eram os oráculos de salvação, ou palavras de encorajamento de que, apesar da falha humana, Deus interviria normalmente ao menor sinal de arrependimento e de retorno a Ele.

Estes oráculos de salvação se enquadravam em duas categorias principais: promessas de salvação e proclamações de salvação. Cada uma delas tinha tradicionalmente três componentes: (1) uma certeza de que a promessa de Deus ainda era verdadeira, (2) a base para esta certeza e (3) a transformação futura do juízo em salvação e bênção.

Poucos correspondentes formais a estes oráculos de salvação podem ser encontrados em outra literatura do antigo Oriente Médio. Certas fórmulas estereotipadas podem ser verificadas, como: "Não temais" ou "[os templos] ou [as chuvas] vos serão restaurados", mas isso não é a mesma coisa que o gênero discutido aqui.

Um exemplo de uma profecia de salvação pode ser visto no rico capítulo 32 de Jeremias, especialmente nos versículos 36-44. O esquema do gênero seria algo assim:

I. A fórmula do mensageiro: "Assim diz o Senhor, o Deus de Israel" (vv. 36c).
II. A certeza: "Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne. Acaso, seria qualquer coisa maravilhosa demais para mim?" (v. 27; veja também v. 17)
III. A transformação futura
    A. "Eis que eu os congregarei de todas as terras, para onde os houver lançado na minha ira, e no meu furor, e na minha grande indignação" (v. 37a).
    B. "E os tornarei a trazer a este lugar e farei que habitem nele seguramente" (v. 37b).

C. "E eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus" (v. 38).

D. "E lhes darei um mesmo coração, e um mesmo caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos, depois deles" (v. 39).

E. "E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem" (v. 40a).

F. "E alegrar-me-ei por causa deles, fazendo-lhes bem; e os plantarei nesta terra certamente, com todo o meu coração e com toda a minha alma" (v. 41).

IV. A certeza: "[Eu] os farei voltar do seu cativeiro" (v. 44b).

Na interpretação das promessas de salvação, é preciso ter cuidado ao relacionar estas novas certezas, que vieram no contexto de algumas das piores tragédias da nação, à revelação das promessas anteriores de Deus encontradas em textos anteriores das Escrituras. Elas são parte da "promessa" continuada de Deus. Mas baseiam-se na palavra anterior de Deus e a complementam.

Outros Gêneros Proféticos

Além das mensagens de juízo e salvação, há outros gêneros literários que eram usados pelos profetas. Eles podem ser mencionados rapidamente, uma vez que são subconjuntos dos dois tipos principais.

Os Oráculos de Lamentação

Estas mensagens começam com uma exclamação de desânimo, usando "Ai!" (hebraico: *hoy*). Esta exclamação é normalmente seguida por um particípio que descreve a ação que é citada como ofensiva a Deus, ou é seguida por um substantivo que caracteriza o povo de uma maneira negativa. Alguns crêem que o contexto social destas palavras foram os clamores de desespero que eram proferidos em um funeral. Independentemente do modo de vida em que as formas/gêneros se originaram, os profetas clamaram expressando uma mensagem de desespero pela beligerância do povo.

Estes grupos de mensagem carregadas de lamentação podem ser encontrados em Isaías 5; 10.1-11; 28.1-4; 29.1-4, 15; 30.1-3; 31.1-4; Amós 5.18-6.7; Miquéias 2.1-4 e Habacuque 2.6-19.

O Processo Profético (rib)

Neste gênero, o Senhor convoca Israel ou Judá a comparecer à corte para uma audiência do caso que foi apresentado contra eles. As partes deste processo são as seguintes: (1) Um pedido para que o júri ouça com atenção (um júri normalmente constituído dos céus e da terra), (2) o interrogatório das testemunhas e uma declaração da acusação, (3) as palavras da acusação à corte, normalmente contrastando com os atos redentores de Deus para com o pecado do povo e (4) um chamado para que retornem e obedeçam a Deus. Essa forma reflete, em grande parte, muitas das características das formas de tratados internacionais daqueles dias. O melhor exemplo deste gênero é Miquéias 6.1-8. O caso é igualmente dramático em Isaías 41 em que um conselho de todos os povos da terra é reunido e testemunhas são convocadas quando Deus expõe a sua demanda nos versículos 21-29. Durante este julgamento temos o repentino anúncio da convocação que Deus faz a um homem do oriente, e que mais adiante será revelado a todos: o rei Ciro. Essa é a surpresa central do julgamento.

Os Oráculos contra as Nações Estrangeiras

Somente os Profetas Maiores, com mais de 25 capítulos e 680 versículos (um volume de material que excede a todos os capítulos e versículos de todas as epístolas escritas na prisão pelo apóstolo Paulo) são entregues a esta forma literária (Is 13-23; Jr 46-51; Ez 25-32). Também se poderia acrescentar Amós 1—2 e os livros de Naum e Obadias, integralmente.

O contexto, no livro, de cada um destes blocos, é muito interessante. Por exemplo, a seção em Isaías 13.23 tem como limite as profecias do primeiro advento do Messias, em Isaías 7—12, e profecias

do segundo advento do Messias, em Isaías 24—27. Certamente, isso tem importância para o intérprete assim como as formas do texto.

As mensagens a estas nações abrangem todas as formas anteriores usadas pelos profetas. Mas o seu contexto, em cada livro, traz uma força exclusiva como vimos no exemplo de Isaías.

Diretrizes para a Interpretação dos Profetas

Com muita frequência, os profetas são considerados principalmente como pessoas que predizem o futuro. Mas a verdade é que eles eram, principalmente, *anunciadores*, pois anunciavam a palavra de Deus contra a crescente maré de idolatria, apostasia e pecado da nação. As mensagens de anunciação ocupam mais de duas terças partes dos seus livros; somente uma terça parte é dedicada a qualquer tipo de predição do futuro — as profecias.

Mas neste aspecto, algum cuidado deve ser tomado para distinguir entre as palavras proféticas que eram incondicionais e unilaterais, *versus* aquelas profecias que estavam condicionadas às reações das pessoas às quais as mensagens se destinavam. As promessas incondicionais de Deus eram as do concerto de Abraão, e Davi, e o novo, em que Deus se comprometeu a cumprir o que dissera. Paralelas a estas promessas incondicionais encontradas nos principais concertos estavam aquelas como o concerto com as estações, em Gênesis 8 e a promessa de novos céus e nova terra em Isaías 65 e 66. Nada, nestas promessas, dependia da obediência dos mortais; somente Deus faria com que elas se cumprissem. Nem todos participariam destas bênçãos, entretanto. Mesmo alguns da família de Davi, simplesmente transmitiram estes benefícios à próxima geração na linhagem do Messias e não participaram deles, porque não os recebiam pela fé.

Mas todas as outras palavras de juízo declarado tinham uma cláusula, expressa ou não, de contingência nas suas palavras de condenação. O melhor exemplo disso está na história de Jonas. Embora ele tivesse uma mensagem confiante de que em quarenta dias o juízo desceria sobre Nínive, tinha o terrível sentimento de que se os assírios se arrependessem então Deus se mostraria mais brando e haveria uma pausa na ques-

tão do juízo durante algum tempo. Para grande desgosto do profeta, foi exatamente isso o que aconteceu. Mais de um século depois, a mesma nação, em outra geração, sentiu que o profeta Jonas deu um "alarme falso", e que os seus parentes tinham se arrependido quando não havia necessidade de fazê-lo. Por isso, não se arrependeram, e o juízo que Jonas teria se comprazido em ver, finalmente, veio sobre eles.

O princípio para esta declaração sobre a interpretação dos profetas pode ser encontrado em Jeremias 18.7-10. Neste texto, Deus anunciou claramente este mesmo princípio. Estas eram as suas provisões: Sempre que o Senhor anunciava que uma nação seria destruída, e esta nação se arrependia, Deus não trazia o desastre com que os tinha ameaçado, apesar do fato de que não havia cláusulas de dependência, do tipo "se" e "a menos que" relacionadas diretamente com a ameaça. No entanto, igualmente verdadeira era a situação oposta: Deus poderia declarar a sua bênção sobre uma nação, mas ficaria patente que esta nação se interessava muito pouco por Ele, ou até mesmo não se interessava pelo Senhor precioso e bendito. Deus, então, rescindiria a sua palavra de promessa de abençoar este povo, trazendo um desastre a esta nação que Ele teria abençoado se o povo tivesse respondido de maneira diferente.

As mensagens sobre o Messias nos textos dos profetas são tão confiáveis como as outras mensagens de promessa e salvação. Elas também pertencem a uma longa e continuada tradição da semente prometida nos vários concertos. São oráculos de salvação com uma história redentora como sua herança. Isso não equivale a dizer que o Messias pode ser encontrado por trás de cada arbusto proverbial do Antigo Testamento, e muito menos nas profecias de juízo contra as nações estrangeiras. Mas não se pode negar que o plano-promessa de Deus é Cristocêntrico, sem ser "Cristoexclusivístico".

Um Exemplo de Pregação Profética: Isaías 40.12-31

A pergunta ainda pode estar na mente de muitos: Como, então, devemos ensinar ou pregar os textos dos profetas do Antigo

Testamento? Poucas passagens foram de maior ajuda e consolação para mim, pessoalmente, do que Isaías 40. É, sem dúvida, o meu capítulo favorito.

Esse capítulo se encaixa no gênero de uma mensagem de salvação no grande plano-promessa de Deus. Ele começa nos versículos 1,2 com uma forma modificada da fórmula do mensageiro: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai benignamente a Jerusalém".

Então, vêm as palavras de salvação no versículo 2: "Bradai-lhe que já a sua servidão é acabada, que a sua iniquidade está expiada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados".

Mas qual é a base para uma série tão ousada de declarações? Este raciocínio se origina de uma voz não identificada que clama para que todos os mortais endireitem o caminho e aplainem os vales em preparação para a chegada do Rei dos reis. Essas metáforas de construção de estradas apontam para a preparação moral e espiritual que é necessária, se desejarmos nos preparar para a chegada do Messias, da mesma maneira como os antigos limpavam o caminho que seria usado pelo governante da sua época. De modo que isso acontecerá e qual é a base para as palavras de salvação? O versículo 5 responde, afirmando que "A glória do Senhor se manifestará, e toda carne juntamente verá que foi a boca do Senhor que disse isso".

É verdade, as pessoas são belas, e florescem como as flores no campo, mas somente por um breve momento (vv. 6-8). A nossa esperança e confiança não está nas pessoas, que frequentemente vacilam.

A nossa certeza desta palavra de graça e promessa é: "A palavra de nosso Deus subsiste eternamente" (vv. 8b).

Com este prólogo, o profeta inicia uma das mais fantásticas séries de declarações e confirmações que podemos encontrar em todas as Escrituras sobre o "Filho incomparavelmente grande". O título ou assunto da nossa mensagem se origina da pergunta repetida que forma um cabeçalho com cada uma das duas estrofes finais nos versículos 18 e 25. Eles perguntam: "A quem, pois, fareis semelhante

a Deus ou com que o compararеis? ou para que lhe seja semelhante? — diz o Santo". Esses versículos também servem como ponto central da passagem, e, portanto, nos dão os temas para os nossos sermões ou ensinamentos.

Ponto Focal: Isaías 40.18, 25

Palavra chave para a pregação: Comparações

Pergunta: O que? ou Qual? (*Quais* são as comparações adequadas que fazemos com o nosso Senhor, que é incomparavelmente grande em tudo o que é e faz?)

O professor e exegeta encontrará três estrofes claramente assinaladas nos versículos 12-31. Elas podem ser esquematizadas da seguinte maneira:

I. Introdução: O nosso Deus incomparavelmente grande
   A. No seu poder sobre nós (vv. 12-17).
      1. Em comparação com todo o poder da natureza (v. 12).
      2. Em comparação com a sabedoria dos indivíduos (vv. 13,14).
      3. Em comparação com o poder das nações (vv. 15-17).
   B. No seu ser com relação a nós (vv. 18-24).
      1. Em comparação com ídolos inertes (vv. 18-20).
      2. Em comparação com príncipes e nobres (vv. 21-24).
   C. Nos seus cuidados/provisões pastorais por nós (vv. 25-30).
      1. Em comparação com todas as coisas finitas (vv. 25,26).
      2. Em comparação com pessoas abatidas ou cansadas (vv. 27,28).
      3. Em comparação com o vigor dos jovens (vv. 29,30).
II. Conclusão (v. 31).

Este oráculo de salvação, depois de introduzido nos versículos 1-8, começa com um clamor àqueles que levam as Boas Novas do

comparação, também reduzidos ao espaço entre o seu polegar e
dedo mínimo. Todo o pó da terra não é mais do que uma medic
(um terço de alqueire), se realmente estivermos pensando em te
mos do Deus Trino de todo o universo. Não menos superados sã
os montes e outeiros da terra, pois o nosso Senhor é tão maior d
que estas pilhas de rocha, neve, gelo e pó, que pode colocá-los en
balanças e facilmente ultrapassar o seu peso. Por que então somc
tão intimidados por todos os pretendentes a poder nos nossos dia
Se o nosso Deus tão facilmente supera toda a natureza o que tende
provocar o nosso assombro, por que não cremos que Ele pode vence
qualquer e todo desafio na vida?

Mas pode não ser a natureza que nos ameaça e intimida: pode se
a inteligência e a sabedoria das pessoas. O nosso Deus pode acom
panhar todos os computadores e as investigações dos tempos mo
dernos? Cinco novas perguntas são propostas nos versículos 13,14
Elas perguntam se Deus, alguma vez, nos consultou, em um supost
momento de deficiência sua. Ele já estudou em alguma das nossa
escolas? Toda a série de perguntas é tão retórica e tola que propô-las
obter uma resposta imediata: Deus, e somente Ele, é a fonte de tod
a sabedoria, por que, então Ele se amedrontaria ou intimidaria com
estes servos inferiores?

Três comparações são feitas no versículo 15, para nos mostrar qu
nem mesmo as nações, com toda a sua pompa e circunstância, s
comparam ao Deus vivo, pois as forças das nações são como "a got
de um balde" e, em comparação ao nosso Deus, são tratadas como "
pó das balanças"; na verdade, o "pó miúdo". O mesmo é válido par
o poder militar, os cartéis de drogas e a riqueza econômica. Tudo iss
realmente não merece a nossa preocupação em comparação ao pode
que encontramos no nosso Deus vivo.

Podemos construir um modelo que se equipare ao poder do nos
so Deus? O versículo 16 sugere que tomemos os famosos cedros d
Líbano (o que deveria ser como tomar as gigantescas sequóias d
Califórnia) e todos os animais daquela famosa área de criação d
gado (como a do Texas) e construamos um imenso sacrifício, par

Mas se a condição de pessoa dos ídolos não é uma conclusão lógica, o que pode ser dito sobre os reis e príncipes (vv. 21-24)? Eles também se esquecem de que o Deus do universo está assentado no trono, acima do círculo da terra. Nada escapa à sua observação ou atenção. Príncipes, reis, governantes, juízes e todas as outras pessoas de autoridade vêm, mas deixam os seus cargos e a sua vida com a mesma rapidez. Mal se começa no cargo, e já se vai. Por quê? Porque Deus os sopra, e este é o seu fim. Eles são removidos de seus cargos e da terra.

Por que, então, nos sentimos amedrontados e intimidados por estas máscaras vazias dos nossos dias? É por que pensamos que eles são mais reais do que Deus? Que grande engano o que Israel cometeu e que grande engano para que nós repitamos!

A comparação final diz respeito ao *cuidado ou provisão pastoral* que o nosso Deus é capaz de nos proporcionar (vv. 25-31). Uma vez mais, o autor, sob a inspiração de Deus, pergunta: "A quem pois me fareis semelhante para que lhe seja semelhante? — diz o Santo".

Por exemplo, veja as estrelas. Algum de nós faz alguma ideia sobre quem criou todas elas (v. 26)? "Deus", todos respondemos, em coro. Correto! Ele as traz todas as noites, com tal regularidade, que os nossos relógios são ajustados pelo padrão do sistema solar. Mais do que isso, Ele chama cada estrela pelo nome. Mas isso suscita outra pergunta: há mais estrelas nos céus do que pessoas no mundo? Uma imensa maioria, há milhões e bilhões de estrelas mais do que os seis bilhões de pessoas no mundo. Assim, se Deus conhece todos os seus bilhões de estrelas pelo nome, por que eu penso que Ele não me conhece pelo nome, a mim, que fui feito à sua imagem e redimido pela sua graça? Uma vez que somente os pais podem dar nome a seus filhos, Deus é o Pai e o Criador das estrelas, pois Ele lhes deu os seus nomes.

Mas nós ainda objetamos, como as pessoas desanimadas, mencionadas no versículo 27. Elas pensam que Deus não as considerou, nem aos seus direitos. Mas elas também se esqueceram de que o Deus eterno não se cansa de todo o trabalho de conduzir e fazer funcionar o universo. Ninguém pode colocar um regulador na sua

compreensão, na sua compaixão ou no seu terno cuidado pelas pessoas que sofrem. O nosso Deus é fantasticamente grande, além de qualquer comparação de qualquer magnitude. Ele é a fonte de toda a força que todos — desde os bebês até aqueles que têm excelente saúde — necessitam.

Por que então depositamos a nossa esperança e confiança em outra coisa? Aqueles que depositam toda a sua confiança no Deus que está acima de todos os deuses, todos os senhores, todos os poderes e todos os competidores, são aqueles que irão voar e correr, e andar, em lugar de fraquejar e se desesperar.

O nosso Deus é infinitamente grande e além de qualquer comparação com qualquer coisa ou qualquer pessoa que possamos ter pensado ou imaginado. É a Ele que devemos nos curvar e, em reverência, dar graças e louvor. Nós confessamos que todos os outros competidores são imitações baratas às quais jamais deveríamos elevar a um lugar sequer próximo do lugar do nosso Senhor. O nosso Deus é um Deus impressionante.

Conclusão

O poder da pregação e do ensino dos textos dos profetas dificilmente poderá ser apreciado, se não examinarmos estes textos, ou se o fizermos superficialmente. O volume das palavras dos profetas é quase igual a todo o Novo Testamento. Mas além do grande espaço que ocupam na revelação de Deus, trazem uma extraordinária influência com respeito, tanto ao juízo ameaçado de Deus quanto à sua redenção e às suas libertações prometidas, tanto no presente como no futuro.

Afastar a Igreja destas palavras seria permitir que a ela flutuasse no ar, sem raízes e sem uma história ou sem uma âncora, no espaço e no tempo. A Igreja deve estar conectada com as promessas feitas a Israel no passado. Pregar estas palavras fielmente é liberar a orientação, a consolação e a esperança do povo de Deus a um nível que ultrapassa qualquer outra expectativa que os mortais possam imaginar ou aspirar no planeta terra!

evangelho: sobe a um monte alto e levanta a voz fortemente: "Eis aqui está o vosso Deus" (v. 9). É uma epifania, uma aparição do Ser mais Poderoso de todo o universo: Aqui está o Senhor e governante de tudo.

O que se segue, nos versículos 10 e 11, é muito semelhante ao que é uma abertura com relação a uma sinfonia. Aqui estão declarados os temas que serão desenvolvidos nas três estrofes que vêm a seguir (que acabamos de esquematizar acima). Em primeiro lugar, existe a declaração de que o Senhor soberano vem com poder e autoridade que não encontra rivais (v.10a). Este tema será abordado na primeira estrofe dos versículos 12-17. Mas então a abertura continua no versículo 10b, observando que Deus não é uma filosofia, uma força, nem mesmo uma doutrina. Ele é uma pessoa viva! O seu galardão vem com Ele, e a sua recompensa o acompanha, pois Ele está ciente de tudo o que aconteceu enquanto Ele esteve afastado. Este tema de Deus como o Deus vivo, que supera todos os ídolos, príncipes, governantes e nobres é apresentado na segunda estrofe dos versículos 18-24. Entretanto, neste momento o tema é meramente introduzido, e sugerido, até que o profeta possa chegar à sua anunciação plena. Finalmente, a introdução em forma de abertura é concluída no versículo 11, com uma observação sobre quão pastoral e terno é este que vem, pois é aquEle que pode prover — e o fará — ao seu rebanho tudo o que eles necessitam. Este é o último tema que será desenvolvido na estrofe dos versículos 25-31. Agora estamos preparados para a grande sinfonia dos próprios temas nos versículos 12-31.[6]

A abertura da nossa mensagem foi agora concluída, começamos com a primeira das nossas tentativas de comparação no versículo 12. O nosso Deus é incomparável no seu *poder*.

A primeira candidata a tentar se comparar ao nosso Deus é a natureza. São feitas cinco perguntas, tentando abranger todo o campo de possíveis desafios ao poder de Deus. Desta maneira, o volume dos sete oceanos é, em comparação com o nosso Senhor, apenas um punhado de água na palma da sua mão. Os céus celestiais são, em

8

A Pregação e o Ensino dos Textos das Lamentações do Antigo Testamento

As duas grandes categorias de gêneros do Antigo Testamento são a prosa e a poesia. A poesia se dividia em sabedoria e salmos, sendo que os salmos exibem lamentações e louvor como suas duas principais divisões. Uma vez que neste capítulo estamos interessados principalmente em lamentações, é melhor explorar o que significa uma lamentação e depois observar onde as lamentações são encontradas no Antigo Testamento, estudar a forma da lamentação e finalmente perguntar como se pode ensinar ou pregar o texto de uma lamentação.

O que É uma Lamentação?

As lamentações bíblicas foram caracterizadas, desde os primeiros dias de críticas de formas (por Gunkel[1] e Begrich[2]) como lamentações individuais e lamentações comunitárias. As razões para a distinção dessas duas categorias é determinar se a lamentação é feita por um indivíduo ou se representa as questões presentes na comunidade.

Isso pode parecer bastante claro, no entanto, o orador de primeira pessoa, "eu", nos salmos, frequentemente age como representante

de todo o grupo. Ou, se a lamentação é feita pelo rei, também ele pode ser um representante de todo o grupo.

Uma vez que a lamentação é um gênero poético, ela apresenta muitas características da poesia. Tradicionalmente, a poesia hebraica era caracterizada pela sua ênfase característica no equilíbrio das ideias entre as linhas (chamado de paralelismo hebraico) e não em um padrão rítmico distinto. Na verdade, até hoje, nenhuma escola de pensamento em rítmica ou métrica foi capaz de convencer as outras escolas de ter descoberto a fórmula adequada para definir a métrica poética hebraica. Ninguém que professe ter descoberto qual é a métrica nos dirá a fórmula, de modo que possamos todos observá-la. Em vez disso, eles desejam nos mostrar como a desenvolvem, pessoalmente, em textos selecionados.

Alguns crêem que a métrica pode ser determinada observando as sílabas acentuadas e não acentuadas (Holscher, Mowinckel, Horst, e Segert). Outros afirmam que a chave para encontrar a métrica deve ser encontrada nos acentos e não nas sílabas acentuadas (Ley, Sievers). Outros, ainda, se concentram no número de sílabas por linha do texto em hebraico (Freedman). Pode ser, afinal, que a poesia hebraica, como a ugarítica ou cananéia, não tenha nenhuma métrica, como argumentou G. D. Young, há alguns anos.

A poesia hebraica tem paralelismo (um equilíbrio de ideias). No entanto, ficamos desapontados por saber que Hillers[3] descobriu que 104 das 266 linhas de Lamentações (39%) não exibiam nenhuma forma de paralelismo, a menos que se considerasse o paralelismo sintético ou formal. O paralelismo hebraico sintético ou formal ocorre quando as linhas poéticas são colocadas lado a lado a fim de formar uma sentença completa com uma pausa artificial na sentença para formar as duas linhas. O problema que isso cria é o fato de que frequentemente é difícil, senão impossível, decidir sintaticamente onde entra a linha de divisão *(caesura)*. Isso afetará o significado e o comentário nestes casos.

Embora este capítulo seja, de modo geral, dúbio com respeito à questão da presença da métrica na poesia hebraica, podemos afirmar

que a identificação que fez Karl Budde em 1882, da métrica *qinah* tende a permanecer.[4] Este tipo de versículo oco, ou manco, tende a estar associado com poemas de lamentações. No padrão *qinah*, a primeira linha poética é, pelo menos, uma palavra ou uma unidade gramatical mais longa que a segunda linha, dando-nos o padrão mais típico de 3 + 2, mas também padrões de 4 + 3 ou até mesmo 4 + 2. Por exemplo, e, Lamentações 3.4,5 há um típico padrão 3 + 2 (palavras hifenizadas representam uma palavra em hebraico).

	1	2	3
v. 4	Fez envelhecer... quebrantou	a minha carne... os meus ossos	e a minha pele...
v. 5	Edificou contra mim... com fel	e me cercou... com trabalho árduo	me cercou...

O resultado que a ausência do terceiro elemento na segunda linha cria é de vazio ou um ritmo manco. É como esperar que o outro sapato caia, mas isso nunca acontece. Este formato intensifica o estado de espírito sombrio e a tristeza que corresponde ao conteúdo do poema.

Onde São Encontradas as Lamentações no Antigo Testamento?

O livro de Lamentações é, quase indiscutivelmente, o principal exemplo da forma de lamentação. O livro de Lamentações é uma lamentação comunitária (com a exceção do capítulo 3), e por isso é similar a outras lamentações comunitárias encontradas no Antigo Testamento. Alguns bons exemplos destas lamentações *comunitárias* são: Salmos 44; 60; 74; 79; 80; 83; 89; Isaías 63; Jr 14; Habacuque 1. Outros salmos com uma lamentação comunitária parcial são Salmos 68; 82; 85; 90; 106; e 115.

Muito mais abundantes são os exemplos de lamentações *individuais*. Alguns representantes deste gênero seriam: Salmos 3-7; 10-14; 16-17; 22,23; 25-28; 1.31; 35-36; 38-43; 51-59; 61-64; 69; 71; 73; 77; 86; 88; 102; 109; 120; 130; Jeremias 11; 15; 17-18; 20; inúmeros textos no livro de Jó; e, naturalmente, Lamentações 3.

A Forma da Lamentação

Muitos concordam que há alguma flexibilidade na ordem em que os vários elementos da lamentação aparecem e o número de vezes em que um elemento pode aparecer. No entanto, aqui estão os sete elementos clássicos em uma lamentação, que tendem a aparecer com alguma regularidade.

1. Uma invocação
2. Um pedido de ajuda a Deus
3. Uma ou mais queixas
4. Confissão do pecado, ou declaração de inocência de alguém
5. Uma maldição sobre os inimigos de alguém
6. A confiança de que Deus responderá
7. Um hino ou bênção

O ponto central da lamentação está em um ou mais elementos de queixa, pois estes frequentemente nos dirão por que o autor chegou ao ponto de compor a lamentação. Assim como a oração de Salomão apresentava sete situações que poderiam convidar as orações no templo (1 Rs 8), também aparentemente quatro das suas sete situações também serviriam de base para oferecer uma lamentação a Deus no caso de desastres nacionais.[5] Estas quatro situações eram: (1) derrota na batalha (vv. 33,34), (2) seca (vv. 35, 36), (3) outros desastres naturais ou doenças (vv. 37-40) e (4) cativeiro (vv. 46-50). Um exemplo deste tipo de queixa pode ser visto em Salmos 73.13.

Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência.

Outro exemplo pode ser visto em Salmos 120.2.

> Senhor, livra a minha alma dos lábios mentirosos
> e da língua enganadora.

Frequentemente, a invocação a uma lamentação é combinada com o pedido de ajuda a Deus, como em Salmos 7.1.

> Senhor, meu Deus, em ti confio; salva-me de todos os que me perseguem e livra-me.

O Salmo 13.1 fornece outro exemplo.

> Até quando te esquecerás de mim, Senhor? Para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto?

A confissão do pecado ou a declaração de inocência pode ser exemplificada em Salmos 7.3-5.

> Senhor, meu Deus, se eu fiz isto, se há perversidade
> nas minhas mãos, se paguei com o mal àquele que tinha
> paz comigo (antes, livrei ao que me oprimia sem causa);
> persiga o inimigo a minha alma e alcance-a; calque aos pés a minha
> vida sobre a terra e reduza a pó a minha glória. (Selá)

Uma maldição sobre os inimigos pode ser vista em Salmos 109.8-10.

> Sejam poucos os seus dias, e outro tome o seu ofício.
> Sejam órfãos os seus filhos,
> e viúva, sua mulher. Sejam errantes e mendigos
> os seus filhos e busquem o seu pão longe da sua
> habitação assolada.

Finalmente, em Salmos 109.30-31 podemos ver um hino ou uma bênção.

> Louvarei grandemente ao Senhor com a minha boca;
> louvá-lo-ei entre a multidão. Pois se porá à direita do pobre,
> para o livrar dos que condenam a sua alma.

O livro de Lamentações tem emoções variadas, de queixas a declarações de inocência, a louvor a Deus pela sua libertação. Deus, que ouve a queixa, é o mesmo Deus que responde com garantias de perdão e ajuda, dessa maneira motivando um hino de louvor ao Deus da bênção.

Por que Estudar ou Pregar os Textos de Lamentações?

Deus inseriu lamentações pessoais e nacionais nas Escrituras, aparentemente, como uma correção contra as noções eufóricas e festivas da fé, que retratam romanticamente a vida como consistindo somente de doçura e luz. Essa visão unilateral e exclusivamente de felicidade deixa de lidar com as realidades da vida. Ela leva o lado da vida que é doloroso aos rincões da fé e da prática, deixando poucas orientações ou consolações por parte dos mortais ou da Palavra de Deus.

Entretanto, Deus nos deu, nas lamentações das Escrituras, um alívio, onde todo o espectro da nossa jornada terrena pode ser representado. Isso é particularmente verdadeiro a respeito do livro de Lamentações.

O livro de Lamentações é um livro profundamente emocional. Ele reconhece abertamente a presença do pranto (1.2), da desolação (1.4), do escárnio (1.7), dos gemidos (1.8), da fome (1.11), e da angústia (2.11), para citar apenas algumas das dores e tristezas encontradas neste livro. Alguns pensam que falta espontaneidade ao livro, uma vez que é um dos livros mais formais do Antigo Testamento. Os seus quatro primeiros capítulos estão arranjados em vinte e duas estrofes, cada uma delas na forma de um acróstico alfabético, sendo que somente o capítulo 5 não participa do acróstico, apesar do fato de que o capítulo 5 tem, também, vinte e dois versículos. Podemos imaginar quanto esforço foi necessário para construir quatro acrósticos alfabéticos para o livro de Lamentações.

Mas uma expressão de emoção profunda e genuína não exige espontaneidade.[6] As orações impensadas, que não foram escritas nem premeditadas, nem sempre são as mais verdadeiras, apaixonadas, sinceras, genuínas ou vivazes. Ao contrário, as nossas emoções são como um rio que flui do coração, e as formas usadas são como as margens do rio que permitem que ele ganhe alguma profundidade. Sem estas "margens", estas formas que dão estrutura às nossas emoções, os nossos sentimentos se tornariam rasos e superficiais, e inundariam todas as partes. Mas a estrutura do acróstico alfabético, em lugar de inibir a sinceridade e a profundidade verdadeira, propicia as categorias em que o rio pode correr profundamente.

Com excessiva frequência, culpamos a forma e a ordem na adoração, quando o verdadeiro culpado é a fonte seca dos nossos próprios corações. Portanto, em momentos de angústia e dificuldades, pode ser bom deixar que o rio se aprofunde na nossa oração, pregação e no nosso modo de vida.

Desta maneira, Lamentações, como as outras lamentações, nos força a lidar com o sofrimento, dirigindo o nosso desespero, não para *longe* de Deus, mas *em direção* a Ele. O livro também realiza a obra pastoral de nos consolar, sem subestimar as realidades humanas de sofrimento e dor. Às vezes, é também necessário lidar com a culpa que acompanha a dor. Mas o livro de Lamentações sempre reconhece a presença real da dor e nos estimula a "expressá-la" na presença de Deus. A presença de Deus é prometida onde a dor, a angústia e o sofrimento estão. No final, aprendemos que é apenas o Senhor que é a nossa porção (Lm 3.24).

Alguns se perturbam com o uso da forma acróstica. Ela se destina a auxiliar a lembrança de Israel do pesadelo da destruição em 586 a.C.? Dificilmente! Qualquer judeu que estivesse ali, e todos os que vieram depois, jamais poderiam ter se esquecido da perda e da dor sofrida (da mesma maneira como os Estados Unidos jamais se esquecerão do dia 11 de setembro de 2001) quando a nação, o templo, o trono e a casa de Davi, como pareceu naquele momento, todos entraram no esquecimento.

O acróstico está aqui para ajudar o povo de Deus a superar cada faceta da angústia e sofrimento, de A a Z, como diríamos, usando o alfabeto da língua portuguesa. A angústia deve ser subdividida em itens e completamente exposta. Mas também devemos nos lembrar de que a angústia e a dor não são soberanas nem intermináveis; há um final. Sem este *finis*, o povo de Deus estaria incapacitado e permanentemente frustrado. De modo que a lamentação foi dada para nos ajudar a lidar com a angústia. Ao fazer isso, o Antigo Testamento nos dá o mais abrangente tratamento para o problema do sofrimento, do ponto de vista da revelação divina, que se encontra em toda parte. Assim, o livro de Lamentações rejeita o estoicismo e a vida sem emoções. Como Romanos 12.15, este livro nos incentiva, dizendo: "Alegrai-vos com os que se alegram [mas] chorai com os que choram". As emoções apropriadamente controladas não são repugnantes para Deus, às vezes nós precisamos chorar!

Como Ensinar ou Pregar o Texto de uma Lamentação

Lamentações 2

Este capítulo proporciona um bom exemplo de lamentação, não porque exemplifica cada característica de uma lamentação, pois não o faz, mas porque mostra o quanto esta forma, como a maioria dos gêneros, é.

Título do sermão/ensinamento: "Aceitando o sofrimento pessoalmente"

Texto: Lamentações 2.1-22

Ponto Focal: Versículo 17: "Fez o Senhor o que intentou; cumpriu a ameaça que pronunciou desde os dias da antiguidade; derrubou e não se apiedou; fez que o inimigo se alegrasse por tua causa e exaltou o poder dos teus adversários".

Palavra chave para a pregação: Razões

Pergunta: Por quê?

I. (Sem invocação)
II. Queixas
Porque o sofrimento vem do Senhor (vv. 1-10)
Porque o sofrimento afeta o servo de Deus (vv. 11-13)
III. Confissão do pecado
Porque o sofrimento provoca reações pessoais (vv. 14-19)
Porque o sofrimento faz as suas queixas ao Senhor (vv. 20-22)
IV. (sem maldição ao inimigo)
V. (sem hino ou bênção)

Há muitos que fazem o bem, que, com bondade mal orienta-da, aconselham: "Não aceite pessoalmente o sofrimento. Não pense nada sobre ele". A verdade é que o sofrimento é intensamente pes-soal. Os dez primeiros versículos de Lamentações 2 trazem quarenta referências ao juízo ou à ira de Deus com o pecado que forçou esta censura. No entanto, a ira de Deus é medida e controlada pelo seu amor e pela sua justiça. É a expressão de Deus da sua indignação pelo pecado, ao mesmo tempo em que é também a sua expressão do seu continuado carinho e cuidado por nós.

Salmos 120

Um segundo exemplo de uma lamentação pode ser visto em Salmos 120, o primeiro dos quinze salmos de ascensão. Aqui estão os elementos de lamentação deste salmo.

1. Uma invocação: "Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me ouviu" (v. 1).
2. Um pedido de ajuda a Deus: "Senhor, livra a minha alma dos lábios mentirosos e da língua enganadora" (v. 2).
3. Uma maldição aos inimigos (imprecação): "Que te dará, ou que te acrescentará a língua enganadora?" (v. 3)
4. Confiança na resposta de Deus: "Flechas agudas do valente, com brasas vivas de zimbro" (v. 4).

5. Declaração de inocência: "Ai de mim, que peregrino em Meseque, e habito nas tendas de Quedar. A minha alma bastante tempo habitou com os que detestam a paz. Pacífico sou, mas, em eu falando, já eles estão em guerra" (vv. 5-7).

Título do sermão/ensinamento: "Encontrando uma maneira de lidar com a calúnia"

Texto: Salmos 120.1-7

Ponto Focal: Versículo 2: "Senhor, livra a minha alma dos lábios mentirosos e da língua enganadora".

Palavra chave para a pregação: Maneiras

Pergunta: Como?

I. O nosso pedido de ajuda deve dirigir-se ao Senhor (vv. 1,2)
II. A nossa confiança deve ser de que Deus responderá (vv. 3,4)
III. A nossa busca pela paz deve ser constante (vv. 5-7)

A calúnia é uma arma tão mortal como um revólver! Portanto, quando os peregrinos israelitas viajavam para as festas religiosas em Jerusalém, não podiam deixar de se perguntar se seriam vítimas de uma campanha perversa de difamação em casa, enquanto estivessem fora.

Mas por que este assunto foi colocado em primeiro lugar, nesta coletânea de salmos de peregrinos? Samuel Cox respondeu: "Dificilmente será um exagero dizer que metade das desgraças da vida humana se origina do uso maligno e incauto da língua. E estas línguas perversas geralmente se estimulam às costas da pessoa... Nós julgamos estes pecados da língua muito suavemente, a menos que nós mesmos sejamos ofendidos por eles".[7]

Salmos 77

Este sermão do salmo 77, feito pelo Rev. Dr. Dorington Little foi proferido em 21 de janeiro de 2001, na First Congregational Church, Hamilton, Massachusetts.[8] Ele nos fornece um excelente exemplo sobre como pregar um texto de lamentação.

Durante a guerra de 1912, o Capitão Charles Barnard navegou de Nova York aos mares do sul para participar de caçadas de focas. Ao chegar, ele e sua tripulação encontraram e resgataram um grupo de marinheiros britânicos que haviam naufragado em uma ilha próxima às ilhas Falklands...

Embora as suas duas nações estivessem em guerra, foram tomadas providências para que os marinheiros britânicos retornassem à sua terra natal. Mas para poder fazer isso eram necessárias medidas adicionais. Assim, o Capitão Barnard e um pequeno grupo dos marinheiros resgatados atracaram em outra ilha próxima a fim de passar alguns dias procurando recursos para alimentar o seu navio, agora cheio.

Para seu desalento, enquanto ele investigava a ilha, os seus hóspedes recém resgatados deliberadamente zarparam, deixando-o totalmente sozinho. Parece que eles gostaram do seu barco e da sua tripulação mais do que gostaram dele. Eles levaram inclusive as suas roupas de reserva, seu sobretudo, seu cobertor, suas peles de foca, suas ferramentas, suas armas, seu polvorinho, para fazer fogo e até mesmo seu cão de caça. Tudo isso foi feito em um esforço calculado para se certificar de que ele morresse na desolação.

Tendo subido ao topo de uma colina alta, ele observava, enquanto o seu barco agora capturado saía do alcance da sua vista e gritou com toda a força de seus pulmões seu grito de despedida: *"Vão, então, pois vocês são todos maus sujeitos!"* Posteriormente, ele se referiu a eles como *"britânicos de coração duro"* e *"ouvidos surdos"* e *"corações impenetráveis"*, que cometem um *"ato de infâmia inigualável"*.

Ali ele permaneceu, totalmente sozinho em uma ilha desabitada — por um período que totalizaria dois anos — sobrevivendo, como Robinson Crusoé. Completamente ciente da grave e sombria realidade diante de si, na primeira noite depois de ser abandonado, Barnard diz que se deitou e *"orou a Deus, para que o orientasse e inspirasse com coragem para que ele se submetesse com paciência a esta* ***provação duplamente aflitiva***".[9]

"A tentação ou a provação duplamente aflitiva" — é uma expressão de estranha redundância, você não acha? Mesmo assim, nós sabemos

exatamente o que ela significa, uma vez que nós todos a temos. Todos nós, em nossa opinião, temos provações duplamente aflitivas que, por sua vez, motivam uma determinada resposta espiritual e emocional.

Hoje, vamos examinar uma resposta a determinadas tentações registradas pelo salmista de nome Asafe. Asafe, você sabe, escreveu doze dos salmos.[10] Sendo ele membro da tribo de Levi, o rei Davi o incumbiu da música de adoração na tenda da congregação... antes da edificação do Templo.

Compositor de sinceridade corajosa e impressionante, ele descreve a sua fé, que balbucia e luta, quando encara as perplexidades da vida; as provações duplamente aflitivas! Como tal, o salmo 77 — lido na íntegra anteriormente no culto de adoração — é uma resposta honesta a sentimentos de ter sido abandonado por Deus. Na verdade, é um salmo com que todos nós provavelmente nos identificaríamos, em algum ponto. A razão para isso é o fato de que ele deixa fluir um realismo prático. Ele lamenta. Ele chora. Ele sofre. Ele se angustia. Nele, a fé nem sempre consiste somente de afirmações e sentimentos positivos.

Em vez disso, aqui nós vemos a fé maltratada na dura arena da vida real. Experiências de angústia e até mesmo desconcerto não são estranhas ao salmista. Aqui, ele clama, e ainda, no mesmo processo é levado a ver como Deus trabalhou e ainda estará trabalhando. Pois, como você pode ver, o salmo é mais do que emoção. É emoção reprimida pelos movimentos ou atos de Deus, para o bem do seu povo.

As circunstâncias históricas deste salmo particular de Asafe nos são desconhecidas. É este o resultado de um trauma horrível em escala nacional ou é um grito de dor em um contexto estritamente pessoal? Realmente, não sabemos. Mas, qualquer que seja o contexto, o salmista fala pungentemente. O que nós o ouvimos dizendo a nós?

O Povo de Deus Pode Clamar — e Clama — com Angústia e Dúvida (vv. 1-9)

Em primeiro lugar, nos versículos 1-9, vemos que há ocasiões quando o povo de Deus pode clamar — e realmente clama — com

angústia e dúvida. Literalmente, o salmo começa com: "Clamei a Deus com a minha voz; a Deus levantei a minha voz". Essa é a oração de Asafe. O acúmulo de palavras e expressões é calculado para nos apresentar uma angústia sem alívio. Este é um clamor pesaroso, melancólico. Ele não desaparece. Não é uma tristeza passageira. Há um período longo de dor para esta provação. Ela implora persistentemente por atenção e cuidado.

Por isso o salmista ora. Ele busca o Senhor, com as mãos erguidas e estendidas para os céus. Com voz infatigável e mãos incansáveis, ele invoca e estende as mãos a Deus, repetidas vezes, pois a sua alma, diz ele, "recusava ser consolada".

Mas o problema, como nos mostra o versículo 3, é que quando ele pensa em Deus, não se sente particularmente consolado: "Lembrava-me de Deus e me perturbava; queixava-me, e o meu espírito desfalecia *(Selá)*. ("Selá" indica uma pausa musical — lembre-se, isto é adoração!) A falta de atenção de Deus para com as necessidades imediatas de Asafe o deixa desanimado e fraco. Ele não encontra consolação.

Mas nos parece estranho, e talvez até mesmo embaraçoso, o fato de que Deus não responda. Afinal, nós não dizemos que Deus atende as orações? E não é estranho, para nós, que o fato de nos lembrarmos de Deus não traga paz ao coração — mas agitação?

No entanto, é este o caso aqui. E assim será às vezes, conosco — se formos brutalmente honestos. Às vezes, também nos encontramos neste estado de clamor. Nós buscamos o nosso Deus repetidas vezes e não há resposta. Portanto, o fato de pensarmos em Deus nos perturba, em lugar de nos consolar. E nos fere, em lugar de curar.

Talvez neste caso inclusive percamos o sono! E, como o salmista no versículo 4, pensamos que Deus nos impediu de dormir, que Ele sustenta e mantém abertas nossas pálpebras para prolongar o nosso sofrimento. Deus nem mesmo nos concede a fuga do sofrimento interior, que o sono profundo frequentemente nos propicia. Em vez disso, nós ficamos deitados na cama, e mentalmente meditamos sobre cânticos melhores, para épocas melhores (vv. 5,6) — mas isso

também é inútil. A nossa voz pode ser silenciada, mas o coração me dita de forma incessante e ritmicamente ressoa a sua queixa. Tum tum. Tum-tum. Tum-tum.

Em última análise, a grande pergunta surge em nossos espíritos É impossível evitá-la. Ela é expelida, rodeada por seis criadas retóricas nos versículos 7-9:

1. Rejeitará o Senhor para sempre?
2. [Ele] não tornará a ser favorável?
3. Cessou para sempre a sua benignidade?
4. Acabou-se já a promessa que veio de geração em geração?
5. Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?
6. Encerrou ele as suas misericórdias na sua ira?

Aqui está! Está tudo declarado, agora. Todas as inquietações vêm à superfície. Elas borbulham e não podem ser contidas. Embora certamente, a resposta a estas perguntas seja "não", ainda assim há uma sugestão de algo mais que espreita sob a superfície, uma questão maior, fervendo nas águas escuras da alma.

Você consegue ver aqui o verdadeiro problema? É a dúvida. O salmista está dizendo: "Aqui está a minha dor. Ali está o meu Deus Esta é a minha voz. E onde está a sua resposta? Ele responderá?"

Ele me rejeitou?
Ele se esqueceu de mim?
E onde está o seu amor?
E as suas promessas?
E a sua misericórdia?
É tudo ira, agora?
É tudo o que eu realmente posso esperar dEle?
Dúvida terrível — Deus realmente se importa?

Esteja certo, não há dúvida de que Deus existe. Asafe não tem dúvidas disso. Isso é mais moderno do que antigo. Isso é pós-ilu

minismo e sub-bíblico. Mas Asafe realmente duvida de que Deus se importe com ele ou com a sua nação.

Novamente, esta não é uma batalha incomum para o cristão. Há ocasiões em que nós nos perguntamos onde Deus está e o que Ele está fazendo. Como Ele pode fazer isso conosco? Como Ele pode nos deixar, aparentemente, abandonados? Por que Ele é tão aparentemente incoerente e inconstante?

Sim, nós admitimos que há momentos de dúvida, e com o salmista nós aprendemos que é melhor falar sobre eles do que silenciá-los. Naturalmente, aqui devemos ter cuidado. Embora Asafe nos dê permissão para expressar nossas emoções diante de Deus, ele não nos dá permissão para pecar em meio ao processo. E há momentos em que ele mesmo se arrepende das suas emoções (cf. Sl 73.21,22).

Neste caso, se aplica o sábio e prudente conselho de Alexander MacLaren: "É melhor que as dúvidas sejam expostas em palavras claras, e não fiquem difusas e obscuras, como névoas venenosas no coração... expressá-las é como abrir um canal em um pântano para que flua a água".[11]

E é isso o que são os versículos 1-9 — como a água saindo do pântano da mente e do espírito perplexos e sofredores de Asafe. Estas são palavras que dão vazão às suas emoções e à sua dor, palavras que expressam as suas dúvidas.

Se fôssemos deixados aqui — no final do versículo 9 — seríamos deixados em um lugar muito difícil. Seríamos deixados em futilidade, e não fé. Mas não é o caso! Veja os versículos 10-15.

O Povo de Deus Prossegue para Esclarecer a sua Perspectiva (vv. 10-15)

Nos versículos 10-15 vemos que embora o povo de Deus dê vazão à sua angústia de tempos em tempos, eles também prosseguem para esclarecer as suas perspectivas. O versículo 10 é o ponto decisivo desse salmo. Ele é um pouco enigmático, mas podemos interpretar algo como: "É a minha dor que a mão direita do Altíssimo modificou". Sendo assim, então isto está de acordo com as queixas anteriores

— ele pensa que Deus mudou. Não há base segura onde ficar, pois Deus é inconstante.

Ou, isso pode ser interpretado como a versão NVI em Inglês o interpreta — como um apelo à estabilidade de Deus. Sendo assim, então funciona como uma articulação entre as duas seções principais do salmo, passando da introspecção desesperadora (e possível futilidade) para a meditação enaltecedora (e a reafirmação da fé no final).

O salmista diz o que está pensando (v. 10), recordando (v. 11), meditando (v. 12), e considerando (v. 12): Deus — não ele mesmo, não a sua condição, não a sua dor, não a sua agitação. Não, agora ele está fazendo o supremo esforço de contemplar a Deus.

Enfatizando este esforço está o fato de que nos versículos 11,12 os verbos são repetidos: lembrar/lembrar e meditarei/falarei. Isso intensifica a intenção do salmista. Na sua batalha contra a dúvida e o desespero, ele sabe que o alívio somente é encontrado por uma luta deliberada para se lembrar de Deus em primeiro lugar e acima de tudo. Esta é a estratégia de Asafe, para si mesmo e para o seu povo.[12]

Outro dia fiquei sabendo que na Bíblia hebraica não existe uma palavra para *dúvida*. Por outro lado, há muitas palavras que expressam assombro, reverência e surpresa — com quem é Deus e com o que Ele fez. "Assim, a grandeza inigualável da realidade de Deus impedia que o poder da dúvida estabelecesse a sua própria dinastia independente".[13]

Eu penso que é por isso que, neste salmo, repentinamente há uma mudança dramática, da mórbida introspecção à meditação divina. Se você dedicar um momento para contar, perceberá que os pronomes de primeira pessoa do singular, "eu", "meu", "minha", "mim" dominam os seis primeiros versículos, aparecendo cerca de oito vezes na versão NVI em Inglês. Mas a partir do versículo 13, Deus domina. Ele é mencionado nada menos de vinte e uma vezes! Agora o tema é Ele, e não a aflição pessoal. Agora a visão é dos feitos de Deus dos milagres de Deus das obras de Deus — e acima de tudo — os santos caminhos de Deus (v. 12).

E meditar sobre tudo isso é perceber que Deus é incomparável (v. 13). Ele é incomparável porque Ele é um Deus redentor que derrama o seu poder para o bem do seu povo. O seu braço forte realmente está em ação para o bem deles (v. 15). Tudo isso deve ser lembrado, se desejarmos ter alguma esperança e capacidade de lidar com as nossas próprias circunstâncias. Sem isso, nós estaremos confinados ao desespero e à futilidade e ao fardo da nossa mortalidade. Mas este é o processo bíblico pelo qual nós escapamos do desespero da alma. Nós nos lembramos de Deus. Nós revemos e examinamos as obras de Deus. Nós adoramos a Deus.

Os seus caminhos são santos, o que significa que são perfeitos e justos o tempo todo, ainda que nós não os compreendamos perfeitamente. Ele está sempre acima de qualquer crítica ou reprovação. E nós nos consolamos ao recordar o fato de que somos o seu povo (v. 15). Como tal, pertencemos a Ele, irrevogavelmente. É essa a perspectiva esclarecedora de que precisamos.

O Povo de Deus se Lembra da sua Redenção (vv. 16-19)

Examine, agora, os versículos 16-19. Neles, vemos os detalhes do que Deus fez precisamente para redimir o seu povo. Sim, o povo de Deus pode dar vazão à sua angústia de tempos em tempos, mas o povo de Deus deve prosseguir, para esclarecer as suas perspectivas, e isto é feito, principalmente, lembrando-se da sua redenção.

Você sabe o que Ele é! A redenção aqui retratada é a grande ação de Deus, para o bem do seu povo, ao cruzar o mar Vermelho. Este foi o seu momento de definição (Êx 14). Foi quando Deus os chamou e os tirou do Egito e os libertou espetacularmente. No mesmo momento em que sentiam que estavam sendo aniquilados, quando estavam encolhidos à beira do mar, aprisionados entre o mar e um cruel exército que continuava avançando — naquele mesmo momento do seu mais profundo terror — Deus apareceu, como poderíamos dizer.

Moisés levantou a sua vara sobre o mar, e as águas se abriram. Cercados dos dois lados pelo formidável mar, os hebreus passaram

para o outro lado. E os egípcios que os seguiam foram engolidos pelas ondas, e Deus libertou o seu povo dos seus inimigos.

Sim, como diz o salmista, as águas tremeram e se abalaram. As nuvens derramaram chuva, os céus trovejaram, o relâmpago de Deus disparou como flechas, e a terra tremeu. Tudo isto foi feito para abrir um caminho através do mar, para redimir um povo insignificante.

Foi isso o que Deus fez — Ele, que é um Deus santo, grande, carinhoso, poderoso e que se preocupa com as pessoas. É isso o que Ele é, e por isso, foi isso o que Ele fez. E esta é a redenção que o salmista relembra como resultado da sua perspectiva esclarecida! É isso o que lhe dá esperança de que o seu presente e o seu futuro estão nas mãos de Deus — as mãos de Deus que abriram o mar, que são redentoras, salvadoras, carinhosas e que cuidam de cada um de nós.

Nesta hora de dúvidas sombrias, aqui está o seu Deus. Esta é a sua voz. Esta é a sua resposta. Esta é a sua resposta às dúvidas expressas nos versículos 7-9.

Ele se esqueceu?	*Não.*
E o seu amor?	*É verdadeiro.*
E as suas promessas?	*São verdadeiras.*
E a sua misericórdia?	*Você pode confiar nela.*
Ele é somente ira?	*Não seja tolo.*
Deus realmente se importa?	*Certamente!*

Não espere nada além dos seus atos de redenção!

E assim será para nós. Em dias de sombria dúvida, quando nós precisarmos de uma perspectiva esclarecida, devemos confiar em Deus e nos lembrar. Devemos nos lembrar do ato supremo de redenção para o qual o mar Vermelho aponta. A "minha voz" do versículo 1 é eclipsada pelo "trovão" da voz redentora de Deus (v. 18). Nós nos lembramos da dor do seu Filho sem pecado, com os braços ensanguentados estendidos em uma cruz pelos nossos pecados. Nós

recordamos a beleza da graça imerecida. Nós nos permitimos ser arrebatados na maravilha disso tudo, apesar de tudo. Deus falou. Mesmo. E "falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hb 1.1).

Isso anula as nossas circunstâncias?

Apaga a nossa dor?

É claro que não, mas nos lembra de que Deus realmente se preocupa, Ele não é impotente e voltará a sustentar e libertar o seu povo. O nosso problema não está esquecido; apenas está eclipsado por uma realidade maior.[14] A dor não é a soma total da jornada. Em meio à dor tudo pode parecer confuso, mas o nosso Deus falou e nos libertará. De modo que, enquanto meditarmos e recordarmos, nós também podemos dizer: "O teu caminho, ó Deus, está no santuário. Que deus é tão grande como o nosso Deus?" (Sl 77.13), e "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31).

O Povo de Deus Expressa a sua Suprema Confiança (v. 20)

Agora, na conclusão, examine o último versículo do salmo. Como resultado de se lembrar das obras do nosso Deus, vemos que o seu expressa a sua suprema confiança.

"Guiaste o teu povo, como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Arão" (v. 20).

Foi isso o que Deus fez.

E é isso o que Deus faz.

De modo que esta é a nossa suprema confiança. Nós passamos da dúvida e do desespero para Deus, para o seu poder redentor, e para a confiança — em Deus. Deus conduz o seu povo. Ele é o nosso bom pastor, Jesus. E nós somos o seu rebanho, as suas ovelhas, que precisam do seu constante cuidado e sabedoria. E assim, somos lembrados do fato de que a sua orientação e o seu cuidado redentores são a nossa confiança, para o presente e para o futuro.

Com isso em mente, o versículo 20 não é realmente, na minha opinião, um pós-escrito anticlímax. Na verdade, este é o ponto a que todo o salmo nos conduz, e nos aponta, e nos leva. Em vez de sermos

despedaçados nas rochas da dúvida, somos conduzidos pelo Senhor, carregados como ovelhas nos braços do nosso bondoso pastor.

Você percebe, enquanto os versículos 1,2 são um retrato da inquietude da alma em desespero — que não consegue ver além de si mesma — o versículo 20 é o retrato da alma que se lembra de Deus e assim volta a confiar em nEle. É a confiança reforçada e motivada pela meditação bíblica, concentrada em Deus.

Esta alma é conduzida por Deus.

Aqui se encerra a questão.

Esta é a nossa fundação segura: o cuidado pastoral de Deus.

Portanto, nisso meditamos.

Irmãos e irmãs, como um pós-escrito prático; é por isso que a meditação bíblica é tão importante. Ela nos familiariza com os caminhos de Deus, de modo que possamos confiar nEle quando a vida estiver difícil. E, como já observamos em outra ocasião, a memorização das Escrituras e a meditação sobre a Bíblia são diferentes — ainda que entrelaçadas e inseparáveis. Uma simples analogia nos ajuda a esclarecer o que eu quero dizer.

Na sua cozinha, você tem armários. Por quê? Porque nestes armários você armazena todos os alimentos saudáveis que a sua família gosta de comer — cereais matinais, salgadinhos, e barras de chocolate. Mas, para poder ser nutrido por estes excelentes (!) alimentos, você precisa fazer mais do que meramente colocá-los no armário: precisa tirá-los de lá e comê-los! Eles lhe proporcionam um bem mínimo, simplesmente colocados nas prateleiras. O seu valor é percebido quando eles são consumidos.

Assim é com a meditação bíblica! A sua memória é o armário ou gabinete em que você armazena as verdades da Palavra de Deus. Mas a meditação utiliza o armário. A meditação é o buscar deliberado para alimentar e nutrir a nossa alma nos dias sombrios e espiritualmente magros — com a verdade que foi armazenada. E é isso o que Asafe faz aqui. É o que devemos fazer.

Novamente, esta alma é conduzida por Deus.

Aqui se encerra a questão.

Esta é a nossa fundação segura: o cuidado pastoral de Deus. Portanto, nisso meditamos.

Conclusão

A "razão" para a lamentação geralmente é encontrada na cláusula *ki* do hebraico, pois esta partícula normalmente é traduzida como "pois", ou "porque". Embora isso assinale a seção de queixas, também nos dará o ponto focal da lamentação, e assim o tema para todo o sermão ou a sessão de ensinamento.

Os outros elementos da passagem sugerirão o desenvolvimento do tema sugerido na queixa ou no ponto focal da passagem. À medida que cada ponto principal, no seu esquema, emerge de cada um destes elementos, certifique-se de que o ensinamento teológico não esteja perdido na lamentação a respeito de Deus, e do nosso relacionamento com Ele. Grande parte deste ensinamento pode ser condensado na imagem usada pela lamentação, mas isso não deve nos impedir de mostrar o que é que Deus deseja nos dizer através deste gênero e deste texto em particular.

Com muita frequência temos somente coros de louvor como parte central de nossos cultos de adoração. Mas o que faremos com a pessoa que vem aos nossos cultos com um coração pesado? Elas jamais ouvirão uma palavra de alívio e consolação do evangelho?

Devemos incluir as lamentações como outro aspecto da nossa pregação e do nosso ensino do conselho de Deus.

9

A Pregação e o Ensino da Torá do Antigo Testamento

Uma porção significativa da igreja tende a considerar que "a Torá é obsoleta para os cristãos de hoje".[1] A ideia é de que o cristianismo é uma religião inovadora, que rompeu com seus antecedentes judaicos, e especialmente com o Pentateuco, que, normalmente, é considerado sinônimo do conceito de "lei" — no sentido de regras e restrições, somente. Mas tudo isso será presunçoso demais, pois os apóstolos afirmaram que a igreja cristã estava em direta continuidade com o plano e propósito de Deus no Antigo Testamento. Além disso, a torá bíblica não pode se limitar ao conceito da lei no sentido europeu, do francês *loi* do alemão *Gesetz* ou até mesmo do grego *nomos*, pois a torá inclui as promessas de Deus, feitas aos patriarcas e a todos os que os seguiram, juntamente com a orientação que ela propiciava para toda a vida.

O Significado da Torá

O problema com o conceito de lei que têm muitos cristãos é o fato de que ela implica meramente regras formais, frequentemente com associações rituais, as quais a comunidade do Antigo Testamento estaria sujeita se desejasse obter a benevolência de Deus. É esta con-

clusão incorreta que levaram muitos a colocar as instruções legais para a vida que está contida na Torá contra a vida de graça descrita no Novo Testamento. Esta dicotomia está claramente contra os ensinamentos das Escrituras.

A Torá é muito mais do que lei. A palavra *torah* provavelmente vem de um verbo hebraico, que significa "apontar [uma direção à qual se deve ir]". É por isso que, no livro de Provérbios, que contém tantos ensinamentos baseados na Torá, a instrução é tão frequentemente conectada com um "caminho". A lei de Deus se destinava a ser uma luz sobre o caminho do indivíduo; ela devia indicar ao indivíduo a direção em que ele devia ir.

Mas há algo mais. Reconhecer na Torá a presença de instruções para a vida não é a mesma coisa que descrever a principal incumbência ou o propósito do Pentateuco. Ela tem um propósito mais importante, ou seja, investigar o propósito da palavra de promessa de Deus ao seu povo. As leis, ou melhor, as instruções devem estar plenamente integradas no texto e na história do plano-promessa de Deus.

Enquanto isso, os livros de sabedoria e proféticos da Bíblia confiam na Torá, como sendo o fundamento do que eles ensinam e declaram. Para estas seções da Bíblia, o centro da vida divinamente orientada foi definido na revelação mosaica. Isso é evidenciado pelas muitas citações diretas e alusões indiretas ao Pentateuco, que podem ser encontradas nos livros dos Profetas e nos livros de sabedoria.

A Relação da Promessa com a Torá

A doutrina do plano-promessa de Deus é vista, cada vez mais, como o tema abrangente e a pedra principal dos cinco primeiros livros da Bíblia, senão de toda a Bíblia. O plano-promessa pode ser definido como uma declaração ou uma palavra de Deus. É a palavra de Deus, sobre o que Ele seria e o que faria pela linhagem do povo que Ele tinha chamado para que fossem seus agentes na bênção do mundo, e, portanto, o que Deus seria e o que Ele faria por intermédio desta linhagem de pessoas para todas as nações da terra.

Três momentos chave definem o tom para o restante da revelação deste plano no Pentateuco: Gênesis 3.15; 9.27; e 12.1-3. Nestes textos, Deus anunciou quatro dádivas: (1) a promessa de uma posteridade, ou "semente", (2) a promessa de que o próprio Deus viria e "habitaria" entre as tendas de Sem,[2] (3) a promessa da terra de Canaã àqueles que eram chamados para ser agentes que transmitiriam a promessa, e (4) a promessa das Boas Novas, ou o próprio evangelho, de que naquela semente todas as nações da terra seriam benditas.

Este tema da promessa não terminou quando a narrativa da revelação pré-patriarcal de Gênesis 1-11 ou até mesmo as histórias patriarcais de Gênesis 12-50 chegaram ao fim. Ao contrário, nos dois pontos focais do restante do Pentateuco, especificamente, o êxodo e a revelação da lei sobre o monte Sinai, fica claro o que a bênção da promessa envolveria. A nação recém formada de Israel seria mencionada repetidas vezes como "Meu povo". A razão para este íntimo relacionamento com Deus estaria no concerto que Deus fez com os patriarcas (Êx 2.24; 3.6).

Como, então, a promessa se relaciona com a Torá? Sempre foi um relacionamento que enfatizou a prioridade da promessa, acima da lei. Portanto, assim como as promessas patriarcais precederam a entrega da lei, sobre o monte Sinai, também a crença, a fé e a redenção tinham que ser o contexto para qualquer obediência às instruções que Deus deu no Sinai. Foi assim que Deus escolheu Isaque: unicamente com base no propósito de Deus e não com base nas inúmeras obras de piedade de seu pai, Abraão, ou do próprio Isaque. De maneira análoga, Deus também escolheu um dentre os gêmeos de Isaque, antes mesmo que eles nascessem (Gn 25.23) e tivessem a oportunidade de agir certo ou errado (Rm 9.11,12).

A Estrutura Narrativa da Torá

A melhor maneira de permitir que a Torá fale aos nossos dias é reconhecer que o Pentateuco está basicamente, ou predominantemente, em uma forma narrativa. Esta narrativa é parte de uma história em andamento, que abrange toda a humanidade, de acordo

com a perspectiva divina. Como tal, a narrativa tem um princípio, um meio e um fim temporário (com o fim definitivo suspenso indefinidamente, até que cheguemos ao clímax do Reino de Deus).

Esta narrativa se inicia com a assim chamada história primitiva de Gênesis 1.11. Sob o tema da bênção (hebraico: *brk*) de Deus, a história começa com a bênção que Deus deu à ordem criada (Gn 1.22) e ao primeiro casal humano (v. 28). Esta bênção continuou em Gênesis 5.2, e foi retomada novamente depois da história do dilúvio, em Gênesis 9.1. Mesmo sem o uso da palavra "abençoar" ou "bênção", a bênção de Deus estava presente em promessas como em Gênesis 3.15 e 9.21.[3] Quando a promessa foi feita a Abraão, em Gênesis 12.1-3, a palavra "abençoar" ou "bênção" apareceu cinco vezes! A conexão entre a "bênção" pré-patriarcal e a "palavra" de promessa patriarcal não poderia ter sido mais óbvia.

Da mesma maneira como Jeová foi o Deus "que te tirei de Ur dos caldeus" (por exemplo, Gn 15.7), também, ao entregar as condições do Decálogo, o Senhor anunciou: "Eu sou o Senhor [Jeová], teu Deus, que te tirei da terra do Egito" (Êx 20.2). Assim, a lei é dada no contexto da atividade de graça e piedade de Deus. Ele manifesta a sua graça antes de fazer suas exigências!

Mas o que perturbou muitos leitores e teólogos da Torá não é a continuidade da narrativa, mas a natureza diversa dos dois concertos. A promessa feita a Abraão estava cheia das dádivas de graça e bênçãos, mas o Sinai pareceu impor exigências, obrigações e mandamentos.

Esta diferença foi tão fortemente sentida que Gerhard von Rad[4] apontou para Deuteronômio 26.5-9 como o credo essencial de Israel, juntamente com outros credos (declarações do tipo "eu creio"), tais como Josué 24.16-18, e argumentou que estes credos apoiavam esta divisão entre os concertos. O que Von Rad queria dizer era que os acontecimentos do Sinai, que ele considerava como o centro do Pentateuco, eram explicitamente excluídos destes credos, provando, assim, que a legislação do Sinai pertencia a uma geração mais antiga e separada, aparecendo somente no período posterior do exílio como o suposto documento "P". Nisto, ele estava enganado.

A visão de Von Rad foi profundamente desafiada,[5] como tinha que ser, pois a parte que von Rad dizia estar faltando podia ser encontrada, se fosse incluída a totalidade de Deuteronômio 26, e não apenas os versículos 5-9, e todo o capítulo 24 de Josué, e não apenas os versículos 16-18. O fato é que o êxodo se conecta claramente com o Sinai, em Êxodo 19.3-8 e 20.2-17.

Mesmo depois de admitidas todas estas conexões, o problema parece permanecer: Como as exigências e condições de Êxodo 20 a Números 20 devem se integrar, se é que se integram, com as bênçãos e promessas dos materiais pré-patriarcais e patriarcais do livro de Gênesis? A nossa melhor resposta é observar como a mesma combinação de promessas e mandamentos já existia como o tecido que unia as narrativas patriarcais. Por exemplo, os seguintes mandamentos foram facilmente englobados na história patriarcal da promessa sem nenhum sentimento de falta de adaptação:

Gênesis	12.1	"Sai-te da tua terra"
	15.9	"Toma-me uma bezerra"
	17.1	"Anda em minha presença e sê perfeito"
	22.2	"Toma agora o teu filho, o teu único filho... e vai-te..."
	26.2	"Não desças ao Egito. Habita na terra que eu te disser"
	31.3	"Torna à terra dos teus pais"
	35.11	"Frutifica e multiplica-te" (encontrado anteriormente, em Gn 1.28 e 9.1 — uma bênção ou um mandamento!)

Assim, da mesma maneira como cada mandamento era precedido e colocado no contexto da promessa para os patriarcas, também o chamado para obediência à lei mosaica jamais foi a condição para inaugurar o concerto ou para a sua manutenção. Os Dez Mandamentos foram dados no contexto da graça, pois o Deus que emitiu os mandamentos foi o Deus que tinha libertado Israel da terra do Egito. Assim, a lei não deixava de ser uma dádiva de Deus, e foi corretamente celebrada como tal em Salmos 1.2; 19.7-11; e todo o Salmo 119. Para os salmistas, a lei era mais doce do que o mel e mais

desejável do que o ouro mais fino! A promessa não se opunha à lei de Deus, pois a lei e a promessa vinham do mesmo Deus que fazia o concerto. A lei não propiciava um meio separado, nem mesmo um meio hipotético para que alguém obtivesse a salvação. Em vez disso, a lei propiciava um meio para conservar a comunhão com Deus.

A Torá e a Fé

Schmitt[6] mostrou como todo o Pentateuco foi unificado com a fé/crença como seu mecanismo de conexão. Em cada uma das "costuras de composição" percebidas do Pentateuco, como Schmitt as considerava, o "tema da fé" *(Glaubens-Thematik)* aparecia. Estas costuras de composição são as seguintes:

Gênesis 15.6	"E creu ele [Abraão] no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça."
Êxodo 4.5	"Disse o Senhor... para que creiam que te apareceu o Senhor."
Êxodo 14.31	"E temeu o povo ao Senhor e creu no Senhor e em Moisés, seu servo."
Números 14.11	"Até quando me não crerão por todos os sinais que fiz no meio deles?"
Números 20.12	"E o Senhor disse a Moisés e a Arão: Porquanto não me crestes a mim, para me santificar diante dos filhos de Israel, por isso." não metereis esta congregação na terra que lhes tenho dado."
Deuteronômio 1.32	"Mas nem por isso crestes no Senhor, vosso Deus."
Deuteronômio 9.23	Rebeldes fostes ao mandado do Senhor vosso Deus, e não o crestes, e não obedecestes à sua voz."

Em lugar de considerar o Pentateuco como enfatizando a observância dos códigos da lei sacerdotal, o estudo de Schmitt fez um grande progresso no sentido de demonstrar que o Pentateuco realmente pretendia ensinar a fé e a crença em Deus e na sua promessa. A obediência à lei, então, era a evidência natural de que alguém realmente tinha confiado no senhor e crido na sua promessa.

Como Pregar e Ensinar a Torá do Antigo Testamento

Dada a grande quantidade de passagens narrativas na Torá, a estratégia para interpretar estes textos será a mesma que já discutimos no capítulo sobre como pregar os textos narrativos. Mas e quanto aos textos legais? Estes textos revelam uma distinção entre a lei que é universal e eterna, *versus* aquela que é temporal e relacionada à cultura?

Muitos perderam a esperança de encontrar alguma divisão clara entre as leis que são normativas para todos os lugares e aquelas que têm uma obsolescência embutida. Mas os nossos problemas interpretativos não nos absolverão no dia final, quando virmos o nosso Senhor. Devemos perseverar para encontrar aquilo que é o mais importante: os princípios normativos naqueles textos que podem ser aplicados a todas as épocas e a todas as culturas.

Para começar, as leis de Êxodo 25 até Levítico 16 são muito cerimoniais. Estas leis parecem ter pouca relevância permanente, além do fato de que exemplificam verdades permanentes. No entanto, muitas têm aplicações paralelas hoje em dia (por exemplo, fazer um parapeito de segurança ao redor do telhado [Dt 22.8] pode ser aplicado hoje em dia, na colocação de uma cerca ao redor da nossa piscina no quintal).

Havia uma sugestão da sua natureza temporária no fato de que estas leis ficariam obsoletas, uma vez que as verdades às quais apontavam as substituíssem. Assim, Êxodo 25.9 e 25.40 claramente caracterizaram o Tabernáculo, com seus serviços e pessoal, como temporário, pois eles eram apenas "modelos" que imitavam o que foi mostrado a Moisés quando ele estava no alto do monte. A realidade que foi ensinada a Moisés existia no céu; ele tinha feito apenas uma cópia, ou uma representação da realidade celestial. No entanto, quando o Messias apareceu estas cópias tiveram que ser retiradas para o benefício da nova ordem de realidade introduzida pela pessoa e pela obra de Jesus Cristo. O livro de Hebreus explica exatamente isto, quando se refere ao Tabernáculo e aos seus rituais como "sombras" da realidade que haveria de vir. Mas, perceba, o Antigo Testamento

antecipou isso, e claramente hasteou a bandeira de alerta, em Êxodo 25.9 e 25.40, quando esta legislação foi entregue. Ali, estava escrito que o Tabernáculo, com seus serviços e sacrifícios, eram meras cópias ou modelos da realidade que existia no céu.

Mas no âmago da legislação legal estava a lei moral de Deus, que se baseava no caráter de Deus. Uma vez que Deus é imutável, também o são as leis que apontam para a sua natureza e caráter. Ele é a própria verdade, e, assim sendo, mentir é sempre errado. Deus é santo; portanto, devemos ser tão santos como Ele é santo. Este era o padrão, naquela época, e serve como padrão para a época presente também.

A lei moral pode ser encontrada no Decálogo de Êxodo 20 e Deuteronômio 5, como também no Código de Santidade de Levítico 18-20.

Por outro lado, o livro do concerto (Êx 21—23) consiste principalmente de exemplos da lei moral de Deus, vista nas leis civis da época. A mesma natureza moral do caráter e do ser de Deus se reflete nas leis civis que Ele impôs ao povo.

A lei cerimonial pode ser encontrada principalmente em Êxodo 25—40, em Levítico e em Números 1—10. Assim como a lei civil do livro do concerto reflete os princípios encontrados na lei moral de Deus, também a lei cerimonial reflete os mesmos princípios morais permanentes.

O Exemplo da Pregação e do Ensino da Lei: Levítico 16.1-34

Poucos capítulos do Pentateuco são mais importantes para que os crentes compreendam a natureza da expiação do que Levítico 16. Ele descreve o dia que, até os nossos tempos, é o mais santo no calendário judaico: Yom Kippur, ou o Dia do Perdão. Este capítulo servirá como o nosso texto de demonstração da Torá.

Título do sermão/ensinamento: "Deus pode perdoar todos os nossos pecados".
Texto: Levítico 16.1-34

Palavra chave para a pregação: Maneiras
Pergunta: Como? (Deus pode perdoar todos os nossos pecados?)

A lei, como já foi dito, era uma sombra das coisas futuras. Raramente recebemos uma demonstração mais concreta de questões doutrinárias que são abstratas em si mesmas, do que vemos apresentado de uma maneira tão concreta e clara em Levítico 16! Além disso, se admitirmos, como realmente admitimos, que há uma relação entre os sacrifícios aqui ordenados por Moisés e o sacrifício de Cristo por nós na cruz, é importante que determinemos em que sentido os sacrifícios da lei removiam o pecado, se é que o faziam.

Tão essencial é esta doutrina da expiação que muitos cristãos Unitarianos se esforçavam, e muito, tentando invalidá-la. Os Unitarianos dos anos 1800 acreditavam que, se pudessem demonstrar que os sacrifícios de Moisés não estavam envolvidos, de nenhuma maneira, na remoção da culpa e na obtenção do perdão divino, então eles estariam a caminho de estabelecer que a morte de Cristo era apenas um exemplo e não uma oferta de expiação, pela condição pecadora da humanidade.

O Dia do Perdão era o décimo dia de Tisri, o primeiro mês do ano civil (para nós, setembro-outubro). Era o único dia ao qual a Torá ordenava jejum; no entanto, alguns outros jejuns foram posteriormente acrescentados pela tradição judaica, fora do corpus bíblico.

Assim, examinemos o nosso texto, em Levítico 16 e observaremos as três maneiras pelas quais Deus perdoou os pecados daqueles israelitas, pois elas também nos fornecem esperança e confiança de que a mesma oferta permanece válida nos nossos dias.

Pela Provisão de Deus do nosso Mediador: Um Sacerdote (vv. 1-6, 11-14)

No santíssimo lugar no Tabernáculo só se podia entrar uma vez por ano — no décimo dia de Tisri, o Dia do Perdão. Arão, o sumo sacerdote, não podia entrar neste Santo dos Santos quando desejasse (v. 2). Fazer isso significaria a sua própria morte.

Para nos ajudar a definir os limites entre o sagrado e o comum, Deus estabelecia fronteiras. Embora elas possam parecer, ocasionalmente, arbitrárias, o fato é que Deus tinha que ser visto como imanente neste mundo presente, e também completamente diferente de nós. Ele é o Criador; sempre seremos criaturas. Ele permanece santo; nós, desde Adão, sempre fomos pecadores. Para evitar um tipo de comunhão, irreverência e um transpasse doentio das linhas de respeito e reverência, as fronteiras foram estabelecidas para Adão. Consequentemente, outros ensinamentos sobre santidade na Torá destacam as mesmas linhas para nós, na nossa aproximação a Deus. Há muito sobre o que refletir aqui, a respeito da nossa própria adoração a Deus.

A razão desta distância e separação entre Deus e Arão era o fato de que Deus aparecia na nuvem, sobre o trono de expiação, no Santo dos Santos (v. 2).

Mas e este mediador? Arão será adequado para todos nós e também para todos os pecadores subsequentes? A resposta para isso é vista no fato de que a aproximação de Arão ao Santo dos Santos deve ser precedida por uma purificação de si mesmo. Ele também é um pecador, e este fato indica um problema que traduz a natureza temporária da sua capacidade de realizar, para todos os tempos e todos os povos, a obra que ele deve exemplificar agora. Ele deve oferecer um novilho caro por si mesmo como oferta de expiação do pecado (v. 3). Esta deve ser seguida pela oferta de um carneiro como oferta de holocausto, na dedicação de si mesmo e do seu cargo ao serviço que agora ele deve realizar para a glória de Deus.

Mais do que isso, ele deve banhar-se, antes de mais nada — o símbolo da purificação e prontidão para o serviço. Depois disso, seria vestido com uma túnica santa de linho (v. 4) — roupas de baixo, camisa, calças, um cinto e uma mitra — que eram separados especialmente para este único dia de uso.

Aqui está o ponto dramático: Ele já não mais aparece no esplendor do seu ofício de sumo sacerdote. Ele deve se despir desta veste de sumo sacerdote, magnificamente cara, com seus bordados intrinca-

dos, seu ouro, suas jóias e suas cores. Na verdade, esta imagem é tão similar ao que aconteceria quando o nosso Senhor "aniquilasse" a si mesmo em Filipenses 2.7 e "se humilhasse a si mesmo", que as similaridades não podem ser ignoradas. Portanto, assim como Cristo se despiu do que era propriamente seu, pelo direito e pela reputação da sua pessoa e do seu cargo, também Arão deve fazê-lo, nas suas vestes e na atitude que ele apresenta neste dia.

Novamente, o versículo 11 é enfático: Arão deve "fazer chegar o novilho da oferta pela expiação, que será para ele, e fará expiação por si e pela sua casa; e degolará o novilho da oferta pela expiação, que é para ele".

É desta maneira que o nosso Senhor fornece um mediador. Arão certamente nos mostra a maior parte do que estava envolvido, mas ele carrega uma grave falha: ele também é um pecador. Embora ele ofereça a sua própria oferta de expiação e de holocausto, nós ainda ansiamos por aquEle que é perfeito para ser nosso mediador. Isso poderia continuar para sempre, a menos que conseguíssemos alguém que é, em si mesmo, perfeito. Mas quando vier este que cumprirá esta tarefa, precisará se humilhar, para se curvar e se identificar conosco na nossa condição. Ele precisará abrir mão, momentaneamente, de todos os direitos, privilégios e poderes que acompanham a sua pessoa e o seu ofício. Isso não significa que ele será menos divino, como se ele, como Charles Wesley afirmou, inapropriadamente: "se esvaziou de tudo, menos de amor". Isso é alta poesia ou heresia, pois havia mais na cruz do que apenas amor. Ele ainda permanecia como o Divino Filho de Deus!

Pela Provisão de Deus do nosso Pagamento, através da sua Vida Substitutiva (vv. 7-10, 15-17, 20-23)

A palavra que é repetida várias vezes é a palavra *expiação* (vv. 6, 10, 11, 16, 17, 18, 20, 24, 27, 30, 33, 34). Esta é a tradução da palavra hebraica *kipper*. Ela não significa, como tão frequentemente ensinamos, "cobrir", como se os nossos pecados fossem meramente cobertos pelo sangue dos animais, até que Cristo pagasse por eles.

de todos os que tinham se angustiado, em seus corações, pelo seu próprio pecado, e tinham se arrependido. Quando isso tivesse sido feito, o bode vivo seria levado embora por um homem especialmente escolhido para este trabalho. Como este bode agora levava o pecado do povo, devia ser removido da vista e da lembrança de todos os que tinham sido perdoados. Mas, de maneira similar, Deus se retira, levando as iniquidades de todos os que o invocaram pedindo que Ele lhes concedesse a sua libertação.

Muitas perguntas surgem. Os animais eram simbólicos do povo? A imposição das mãos na cabeça do bode é conclusiva deste ponto (v. 21). Toda a culpa das pessoas perdoadas é levada pelo bode, em uma transferência simbólica dos pecados, dos culpados para o que leva o pecado. Além disso, o bode era considerado contaminado, pois o homem que levou o bode tinha que se banhar e trocar de roupas antes de retornar ao acampamento.

Por que algumas pessoas chamam o bode vivo de "Azazel?" Isso significa que eles adoravam demônios, ou que o bode era empurrado por um penhasco, como outro sacrifício, como ensinam algumas autoridades judaicas? Não, pois a palavra hebraica *azazel* simplesmente significa "o bode que remove", ou, de acordo com a Versão Autorizada, "o bode expiatório". O problema é que, na nossa época, um bode expiatório é alguém que precisa fazer o que outros não desejam fazer — em outras palavras, o oposto do que este texto pretendia, e que a versão em inglês antigo tinha em mente, quando usou pela primeira vez estas palavras. Isso simplesmente significava que o bode era levado, e nada mais.

O pecado sob a Torá, como também nos tempos do Novo Testamento, é literalmente transferido do pecador para o que leva o pecado, isto é, para aquele que assumia a carga de levar a ofensa, e assim oferecer a remoção do pecado, do pecador. A expiação, então, se refere à remoção real da culpa e da lembrança do pecado.

Nada, nesta cerimônia, deveria ser automático ou rotineiro. A rara expressão, "afligireis a vossa alma", ou como diz a versão NVI em inglês, "renunciareis a vós mesmos" (v. 29), exigia que os isra-

Na verdade, significa "resgatar ou libertar por um substituto". A imagem é clara. Quando os pecadores do tempo de Israel (assim como os dos nossos dias) eram mortos por causa dos pecados que cometiam, Deus, de forma ousada, enviou um substituto que assumiu o lugar deles indiretamente. Da mesma maneira, o Messias que viria seria este substituto pelo pecado deles e pelo nosso. Este ato do Dia da Expiação apontaria, de uma maneira concreta, para aquela obra futura de Deus em Cristo.

A natureza propiciatória deste sacrifício pode ser exemplificada de maneira ainda mais vívida. Dois bodes foram escolhidos, pela sorte, para compor esta oferta de expiação (vv. 7,8). Assim, haveria duas partes da oferta de expiação: (1) os pecados seriam perdoados com base em uma vida que seria a substituta da vida daqueles que pecaram e (2) os pecados seriam esquecidos e qualquer culpa seria removida pelo segundo bode, que seria enviado ao deserto, para jamais retornar ao acampamento. O meio da obtenção da nossa libertação seria o derramamento de sangue, sem o qual, ensinam as Escrituras, não há remissão. O sangue representava uma vida que tinha sido entregue, no lugar das nossas vidas — tão grave era o pecado. Mas o resultado era a remoção de toda culpa do pecador e da lembrança de Deus. Se alguém contestar dizendo que Deus não poderia fazer isso, uma vez que continua onisciente, nós somente responderemos que Deus decide, deliberadamente, como nos diz repetidas vezes, jamais se lembrar dos nossos pecados ou usá-los contra nós!

A cerimônia prosseguia com cuidado. Depois que os dois bodes eram escolhidos pela sorte, o primeiro bode, então devia ser morto no altar. O seu sangue devia ser levado ao Santo dos Santos para ser espargido no propiciatório, acima da arca do concerto, enquanto a fumaça do incenso ocultava o propiciatório de Deus no Santo dos Santos. Desta maneira, Arão não seria exposto à ira de Deus, por olhar inapropriadamente para a santa presença de Deus.

Agora que o sumo sacerdote retornara em segurança pela segunda vez da santa presença de Deus, ele devia impor as mãos na cabeça do animal vivo e confessar *todo* o pecado de *todo* Israel, isto é, o pecado

de todos os que tinham se angustiado, em seus corações, pelo seu próprio pecado, e tinham se arrependido. Quando isso tivesse sido feito, o bode vivo seria levado embora por um homem especialmente escolhido para este trabalho. Como este bode agora levava o pecado do povo, devia ser removido da vista e da lembrança de todos os que tinham sido perdoados. Mas, de maneira similar, Deus se retira, levando as iniquidades de todos os que o invocaram pedindo que Ele lhes concedesse a sua libertação.

Muitas perguntas surgem. Os animais eram simbólicos do povo? A imposição das mãos na cabeça do bode é conclusiva deste ponto (v. 21). Toda a culpa das pessoas perdoadas é levada pelo bode, em uma transferência simbólica dos pecados, dos culpados para o que leva o pecado. Além disso, o bode era considerado contaminado, pois o homem que levou o bode tinha que se banhar e trocar de roupas antes de retornar ao acampamento.

Por que algumas pessoas chamam o bode vivo de "Azazel?" Isso significa que eles adoravam demônios, ou que o bode era empurrado por um penhasco, como outro sacrifício, como ensinam algumas autoridades judaicas? Não, pois a palavra hebraica *azazel* simplesmente significa "o bode que remove", ou, de acordo com a Versão Autorizada, "o bode expiatório". O problema é que, na nossa época, um bode expiatório é alguém que precisa fazer o que outros não desejam fazer — em outras palavras, o oposto do que este texto pretendia, e que a versão em inglês antigo tinha em mente, quando usou pela primeira vez estas palavras. Isso simplesmente significava que o bode era levado, e nada mais.

O pecado sob a Torá, como também nos tempos do Novo Testamento, é literalmente transferido do pecador para o que leva o pecado, isto é, para aquele que assumia a carga de levar a ofensa, e assim oferecer a remoção do pecado, do pecador. A expiação, então, se refere à remoção real da culpa e da lembrança do pecado.

Nada, nesta cerimônia, deveria ser automático ou rotineiro. A rara expressão, "afligireis a vossa alma", ou como diz a versão NVI em inglês, "renunciareis a vós mesmos" (v. 29), exigia que os isra-

elitas se examinassem e verificassem a condição dos seus corações para que isso não parecesse ser um ritual formal que automaticamente conferisse os seus benefícios simplesmente porque os israelitas o cumprissem. A expressão, "afligireis a vossa alma", é repetida em Levítico 23.27 e 23.32. O profeta Isaías exigia a mesma obra interior de humilhação espiritual e contrição diante de Deus, se Israel desejasse ser perdoado (Is 58.3, 5). O salmista, em outra ocasião, disse "a minha veste era pano de saco; humilhava a minha alma com o jejum" (Sl 35.13).

Mas que fantástica provisão! A mesma lei, ou Torá, de Deus, que exigia o elevado padrão, definido pelo caráter de Deus, também cuidava de todos os que deixavam de satisfazer este padrão. A explicação dos dois bodes e o que eles faziam pelo povo com base na palavra de Deus também auxilia o nosso entendimento do que Deus, em Cristo, fez na cruz por nós levando os nossos pecados.

Pela Correspondência de Deus entre o Dia do Perdão e a Grande Expiação que a Igreja Comemora na Páscoa (vv. 29-34)

Há pouca dúvida de que o sumo sacerdote é um tipo de Cristo. Não apenas o nosso Senhor é a vítima, no antítipo da oferta de expiação no seu ambiente do Novo Testamento, mas também é o sacerdote que oferece a vítima. "Oferecendo-se a si mesmo" (Hb 7.27). E da mesma maneira como o sacerdote tinha vestes especiais para este dia, também Cristo se despiu do exercício *independente* dos seus direitos e poderes, como Deus, e assumiu a forma de homem; na verdade, a forma de servo. O sumo sacerdote pisava sozinho no lagar, pois ninguém do seu povo ou dos seus assistentes sacerdotais estava ali para auxiliar ou assumir parte da carga. Ele estava sozinho, assim como o Salvador da humanidade estava sozinho. Assim, homens e mulheres não participam, com Deus, da sua própria libertação do pecado!

Dois bodes eram necessários para este exemplo, ainda que fosse uma oferta de expiação. Uma vez que o primeiro bode era morto como substituto pelos pecados dos mortais, um segundo bode era

necessário, para realizar a segunda parte do exemplo. O exemplo tem algumas fraquezas, mas é vívido e memorável e o ensinamento é seguro e excelente.

De igual maneira, nós somos salvos pela morte de Cristo e pela sua vida. Esta obra de mediação de Cristo continua ao longo dos séculos, aplicando as energias da morte de Cristo e a remoção de toda a culpa, assim como pela palavra do Senhor no exemplo encontrado nos dias de Moisés.

Há perdão e esquecimento dos nossos pecados como exemplifica a provisão de Deus por aqueles que pecavam sujeitos à Torá. O resultado é que os mortais podem ser perdoados e tratados como se jamais tivessem ofendido a Deus, tendo seus pecados perdoados e esquecidos e não mais contados contra eles. Portanto, ao mesmo tempo em que esta mensagem é uma palavra contra o pecado, também é uma proclamação de esperança, pois no Salvador nós também encontramos o mesmo resgate e a mesma libertação que foi, antes, possibilitada a Israel.

Conclusão

A Torá não se destinava a nos ferir ou nos limitar, de modo que as nossas opções de liberdade fossem drasticamente reduzidas. Esta lei nos dava a orientação de que todos nós precisávamos tão desesperadamente. Mas mesmo se Israel falhasse, como nós, em dar ouvidos à orientação que estava disponível, a mesma lei e graça de Deus propiciam o perdão e uma plena restauração ao nosso relacionamento anterior com aquEle em quem viemos a confiar e crer, como nosso Senhor e Salvador.

10

A Pregação e o Ensino do Louvor do Antigo Testamento

Era o costume de professores e pregadores dividir os salmos de acordo com o seu assunto, tema ou tópico. Mas Hermann Gunkel[1] (1862-1932) alterou isso, argumentando que os salmos deveriam ser agrupados de acordo com a sua função, forma e *Sitz im Leben,* ou "contexto na vida". A partir de então, foram iniciados estudos sobre os salmos, para decidir se um salmo em particular pertencia à categoria de lamentação ou louvor, em lugar das antigas designações baseadas em tópico ou assunto.

Aqui, estamos principalmente interessados no gênero do louvor. As duas grandes divisões no gênero de louvor são o louvor descritivo e o louvor declarativo.

A Distinção entre o Louvor Descritivo e o Louvor Declarativo

A distinção essencial entre os dois tipos de salmos pode ser declarada sucintamente: recitar os atributos ou qualidades de Deus é se envolver em louvor descritivo, mas tratar dos atos de Deus é se envolver em louvor declarativo. Assim, quer o salmista louvasse a Deus por quem Ele é (descritivo) ou pelo que Ele faz (declarativo), estaria louvando a Deus.

Porque o Senhor é bom, e eterna, a sua misericórdia;
e a sua verdade estende-se de geração a geração (vv. 4,5).

O louvor declarativo, por outro lado, celebra Deus por algo que Ele fez pelo salmista ou pelo povo de Deus. O mais frequente verbo hebraico nestes salmos é *hodah*, ou *todah*, que é o modo como se diz "obrigado" em Israel hoje. Assim, estamos lidando com salmos de agradecimento.

Há apenas duas subcategorias destes salmos declarativos: o agradecimento individual (Sl 30; 34; 92; 116; 118; 138; Jn 2) e o agradecimento comunitário (Sl 46; 65; 67; 107).

Assim como os salmos de louvor descritivo têm três elementos, também os salmos declarativos têm três divisões principais. Vamos usar o Salmo 34 para exemplificar estas divisões.

1. Uma proclamação do que Deus fez (ou a intenção do adorador de agradecer a Deus)

Louvarei ao Senhor em todo o tempo;
o seu louvor estará continuamente na minha boca.
A minha alma se gloriará no Senhor;
os mansos o ouvirão e se alegrarão.
Engrandecei ao Senhor comigo,
e juntos exaltemos o seu nome (vv. 1-3).

2. A aflição do salmista e o seu pedido de ajuda a Deus

Busquei ao Senhor, e ele me respondeu;
livrou-me de todos os meus temores.
Olharam para ele, e foram iluminados;
e os seus rostos não ficarão confundidos.
Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu;
e o salvou de todas as suas angústias.
O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem,
e os livra (vv. 4-7).

Uma vez que as descrições de Deus se concentram em como Ele é, e quem Ele é, na sua natureza e existência, estes salmos se classificam principalmente na categoria de hinos de louvor.

Os salmos descritivos incluem hinos, como Salmos 29; 100; 135—136; 145—150. A forma hebraica do louvor é *hillel*, como no imperativo que trouxemos ao idioma inglês: "Hallelu-Yah", o que significa "louvai a Yah [weh]", ou "louvai ao Senhor".

Há outras subcategorias do tipo de louvor, que incluem: a entronização, ou salmos milenares (47; 93; 95—99); cânticos de Sião, (48; 84; 87); salmos de peregrinos, entoados por aqueles que viajavam a Jerusalém, por ocasião das festas anuais (120—134); e salmos reais (2; 45; 72; 89; 110; 132). Todos estes salmos exibem três principais elementos. Estes elementos podem ser facilmente exemplificados no Salmo 100:

1. Uma convocação ao louvor

> Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os moradores da terra.
> Servi ao Senhor com alegria
> e apresentai-vos a ele com canto.
> Sabei que o Senhor é Deus (vv. 1-3a).

2. O motivo para o louvor (frequentemente introduzido com a palavra hebraica *ki*, "pois" ou "porque").

> Foi ele, e não nós, que nos fez
> povo seu e ovelhas do seu pasto (v. 3b-c).

3. Conclusão ou recapitulação do louvor (frequentemente com uma repetição da convocação para louvar a Deus).

> Entrai pelas portas dele com louvor
> e em seus átrios, com hinos;
> louvai-o e bendizei o seu nome.

Porque o Senhor é bom, e eterna, a sua misericórdia;
e a sua verdade estende-se de geração a geração (vv. 4,5).

O louvor declarativo, por outro lado, celebra Deus por algo que Ele fez pelo salmista ou pelo povo de Deus. O mais frequente verbo hebraico nestes salmos é *hodah*, ou *todah*, que é o modo como se diz "obrigado" em Israel hoje. Assim, estamos lidando com salmos de agradecimento.

Há apenas duas subcategorias destes salmos declarativos: o agradecimento individual (Sl 30; 34; 92; 116; 118; 138; Jn 2) e o agradecimento comunitário (Sl 46; 65; 67; 107).

Assim como os salmos de louvor descritivo têm três elementos, também os salmos declarativos têm três divisões principais. Vamos usar o Salmo 34 para exemplificar estas divisões.

1. Uma proclamação do que Deus fez (ou a intenção do adorador de agradecer a Deus)

Louvarei ao Senhor em todo o tempo;
o seu louvor estará continuamente na minha boca.
A minha alma se gloriará no Senhor;
os mansos o ouvirão e se alegrarão.
Engrandecei ao Senhor comigo,
e juntos exaltemos o seu nome (vv. 1-3).

2. A aflição do salmista e o seu pedido de ajuda a Deus

Busquei ao Senhor, e ele me respondeu;
livrou-me de todos os meus temores.
Olharam para ele, e foram iluminados;
e os seus rostos não ficarão confundidos.
Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu;
e o salvou de todas as suas angústias.
O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem,
e os livra (vv. 4-7).

3. Testemunho da ajuda de Deus e oração para o futuro (ou ação de graças)

Provai e vede que o Senhor é bom;
bem-aventurado o homem que nele confia.
Temei ao Senhor, vós os seus santos,
pois não têm falta alguma aqueles que o temem (vv. 8,9).

Um Exemplo de Ensino e Pregação de um dos Salmos de Louvor: Salmos 84.1-12

Um dos cânticos de Sião é o Salmo 84. De acordo com o seu título, ele foi escrito por um dos filhos de Corá. Isso, por si só, é assombroso, uma vez que seu ancestral, Corá, pereceu na rebelião contra Moisés e Arão à porta do Tabernáculo (Nm 16). Apesar disso, os descendentes de Corá receberam privilégios que não davam nenhuma indicação do estigma que Corá tinha passado como herança à sua família. Quão grande é a misericórdia e a graça de Deus, mesmo no Antigo Testamento! Deve-se ter isso em mente, quando repetimos que os juízos de Deus se estendem até a terceira e a quarta gerações, pois muitos se esquecem de que isso será feito somente àqueles "que me aborrecem" (Êx 20.5). No entanto, a misericórdia e o amor de Deus se estendem por milhares de gerações "àqueles que me amam" (v. 6, na versão ARA).

Alguns dos descendentes de Corá tinham a incumbência de vigiar as portas do Templo, e outros eram encarregados da música no Templo (1 Cr 9.17-19, 23; 6.33-37; 25.1, 5). Ainda mais assombroso é o fato de que Deus escolhesse um ou mais dos descendentes de Corá para que fosse(m) o(s) agente(s) por cujo intermédio Ele enviaria vários dos salmos no saltério.

O Salmo 84 é similar aos Salmos 42 e 43. Mas poucos dos 150 salmos trazem um espírito mais intenso de devoção ao Senhor, do que este salmo de louvor descritivo. Este salmo nos aproxima de Deus (v. 1); expressa um anseio pelo "Deus vivo" (v. 2), faz com que nos sintamos em casa com Deus (v. 3) e aumenta o nosso louvor e

a nossa gratidão a Deus (v. 4). Este salmo traz forças as nossas vidas (v. 5), revigora-nos em momentos de dificuldade (v. 6), revitaliza as nossas forças, até comparecermos diante de Deus (v. 7). Esta meditação descreve o nosso louvor a Deus que precede a nossa oração a Ele nos versículos 8-12. Eram os versículos 11 e 12 do Salmo 84 que meu pai escrevia no topo de cada carta que me escreveu enquanto eu estive fora de casa na faculdade no Meio Oeste. Desta maneira, este salmo de louvor é especialmente pungente para mim.

Aparentemente, o orador deste salmo, o "ungido" de Deus (v. 9) está em meio a algum tipo de calamidade, separado do santuário do Senhor em Sião (vv. 1, 2, 10). Apesar disso, ele é resoluto na sua confiança no Senhor.

Esta descrição pareceria adequar-se ao contexto de Davi, em fuga de seu filho Absalão, um contexto que também se encaixa com os Salmos 42 e 43. Se for assim, os Salmos 42 e 43 expressam a tristeza do salmista por ter sido banido, não apenas de Jerusalém, pelo seu filho rebelde, mas da casa do Senhor. O Salmo 84, por outro lado, expressa sua alegria, por ser capaz de se aproximar da casa de Deus uma vez mais depois da conclusão daquele problema com seu filho. Cada um destes salmos está no topo da coletânea de salmos dos filhos de Corá. Se este é o contexto apropriado, então os filhos de Corá fizeram por Davi o que Davi fez certa ocasião por Saul — eles enviaram cânticos de paz e quietude, de suas almas, à alma de Davi, dando a ele o que tinham recebido dele, seu "professor".[2] Além disso, os filhos de Corá oram por Davi, pois da mesma maneira como amam ao Senhor, amam também a Davi, o "ungido" de Deus, que é o "sinal" ou "princípio de pagamento" de Deus em relação à promessa do Messias que haveria de vir através da linhagem de Davi.

Título do sermão/ensino: "Nosso anseio por uma oportunidade de louvar a Deus no seu santuário".

Texto: Salmos 84.1-12

Ponto Focal: "Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvar-te-ão continuamente" (v. 4).

Pergunta: Por quê?

Palavra chave para a pregação: Razões

Estrutura das estrofes: Uma bem-aventurança tripla nos versículos 4, 5 e 12. Assim, a primeira seção (vv. 1-4) termina com uma doxologia, a segunda estrofe começa com uma doxologia (v. 5) e a terceira estrofe, novamente, termina com uma doxologia. Esse mecanismo de retórica é muito útil e nos auxilia a definir as unidades de estrofes que são correspondentes às unidades de parágrafos em formas comuns de prosa. Os três principais elementos de louvor não são tão pronunciados neste salmo como no Salmo 100. No entanto, *o chamado ao louvor* aparece na primeira estrofe, versículos 1-4; o *motivo para o louvor* é apresentado na segunda estrofe, versículos 5-7; e a *conclusão* é assinalada na oração da terceira estrofe, versículos 8-12.

*

Porque Ele É o "Deus Vivo" (vv. 1-4)

Nenhuma expressão é mais descritiva da majestade e do poder de Deus do que a expressão "o Deus vivo". Ela ocorre cerca de catorze vezes no Antigo Testamento[3] e catorze no Novo Testamento. Mas ela indica o fato mais importante sobre o nosso Senhor: Ele está vivo. Ele não é uma ideia, ou filosofia, mas uma pessoa viva. E a alma do salmista deseja desesperadamente entrar em comunhão pessoal com ninguém mais do que o Deus vivo. O próprio Deus é o único e verdadeiro objetivo do coração do adorador. Na verdade, toda a pessoa do adorador, a sua "alma", o seu "coração" e a sua "carne" clamam com uma intensidade de desejo que não conhece rival. É verdade, há uma beleza no santuário ou "morada" de Deus, assim como há nos "átrios do Senhor" (vv. 1, 2). Embora o local exterior de encontro com Deus seja adorável e indescritivelmente belo, tudo isso empalidece em comparação com a fome espiritual que o salmista sente do próprio Deus.

Este apetite pela Pessoa e pelo Ser de Deus é aprovado em outras passagens das Escrituras. Por exemplo, em Mateus 5.6, Jesus disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos". Consequentemente, proporcional a satisfação da bondade e da piedade de Deus por uma pessoa, maior será o anseio dessa pessoa de ser mais íntima do Senhor. E da mesma maneira como o anseio cresce para estar com o próprio Senhor, também cresce a alegria da pessoa em Deus e em quem Ele é.

Não é de admirar, então, que todos os que habitam na casa de Deus sejam chamados "bem-aventurados", pois "louvar-te-ão [a Deus] continuamente" (v. 4) por quem Ele é e pelo que Ele fez por eles. E se parecer estranho que um lugar "junto dos teus [de Deus] altares" fosse destacado (v. 3) é preciso apenas recordar que o altar, diferentemente de toda a casa de Deus é escolhido aqui, porque no altar se torna possível o relacionamento com Deus. Aqui estão as bases para a proteção e a segurança do salmista. O seu Deus não era outro senão o "Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu" (v. 3).

Porque Ele É a nossa Força (vv. 5-7)

Depois que a última estrofe foi concluída com uma doxologia, esta estrofe seguinte é iniciada imediatamente com uma segunda doxologia (v. 5). As bases para a nossa alegria e o nosso louvor a Deus se encontram em dois fatos. Em primeiro lugar, a pessoa que tem Deus como sua força sabe, em seu coração, que não há outra consolação real ou duradoura, exceto a que é encontrada no próprio Deus. Em segundo lugar, embora o povo de Deus deva frequentemente passar por amargas experiências, aqui figuradamente chamadas de "vale de Baca", a sua angústia e o seu pranto se converterão em "uma fonte" (v. 6). Isto é porque estes mesmos indivíduos invocam a graça de Deus pela fé. Assim, eles continuam de força em força (v. 7; cf. Is 40.31). Eles verão a Deus em Sião, uma vez mais, assim como Davi ansiava por esta possibilidade depois de ser expulso da capital por seu filho Absalão.

Porque Ele Concede as melhores Dádivas (vv. 8-12)

Com base no que tinha sido dito em louvor a Deus, o salmista ora nos versículos 8-12. Três nomes são usados para Deus no versícu-

lo 8: "Yahweh", "El Shaddai" e "Deus de Jacó". O primeiro significa a sua constante presença entre nós, o segundo o seu poder, que está disponível para nós, e o terceiro, o seu íntimo relacionamento com os mortais.

Quatro verbos apresentam as paixões do salmista em oração: "ouvir", "inclinar o ouvido", "olhar" e "olhar com benevolência" (v. 8). O que é que o adorador deseja que Deus veja e ouça? Tudo o que foi escrito antes, nos versículos 1-7. Ele está dizendo, "veja que fome tenho de Ti, ó Deus. Nada satisfará a minha fome, exceto a tua presença e a tua Pessoa".

Além disso, ninguém, senão Deus, pode ser a ajuda e a fonte de segurança para o crente. Sem a ajuda de Deus, tanto Davi como nós, estamos perdidos e sem esperança. Mas é por isso que Davi é encorajado a voltar-se a Deus em oração. Ele sabe que o mais humilde e desprezível lugar na graça de Deus é muito superior a qualquer lugar elegante conquistado pelas riquezas ou pela benevolência dos seres humanos (v. 10). Um dia nos átrios de Deus não pode ser comparado a qualquer outro lugar de eminência ou privilégio que alguém pudesse desejar. Por que então alguém desejaria trocar a alegria de estar com o Deus vivo para residir nas tendas da iniquidade? Ele não o faria! É melhor ter a alegria de fazer poucas coisas no serviço a Deus do que vivenciar o doloroso e amargo fim do que parecia prazer nas tendas da iniquidade.

Mas no versículo 11 há uma segunda razão. A benevolência de Deus é o melhor presente já concedido a qualquer mortal. O próprio Deus é nosso "sol e escudo". O sol é a fonte de luz e vida. Aqui é onde é satisfeita a sede natural por Deus. No Deus vivo há luz e vida. Por outro lado, Deus também é nosso escudo, nossa proteção. Desde os tempos de Abraão, Deus se revelou como "escudo" de Abraão e seu "grandíssimo galardão" (Gn 15.1). De igual maneira, Israel tinha a certeza do Salmo 5.12: "Tu, Senhor, abençoarás ao justo; circundá-lo-ás da tua benevolência como de um escudo".[4]

As duas metáforas, sol e escudo, refletem a beleza de uma vida vivida na presença de Deus. O resultado deste tipo de meditação e

comunhão é uma concessão de "graça e glória" (v. 11). Na verdade, "[Deus] não negará bem algum aos que andam na retidão". Que promessa! Nós perguntamos, assombrados: "Nenhum bem"? Não, nenhum bem!

Uma vez mais, pela terceira e última vez, vemos uma doxologia. O salmo termina: "Bem-aventurado o homem que em ti põe a sua confiança".

Assim, qual será a nossa convicção? Será que podemos dizer, com o salmista que também desejamos a presença e a pessoa de Deus mais do que desejamos qualquer outro bem na vida? Será que julgamos que o tempo que passamos nos átrios do Deus vivo em oração e adoração a Ele é uma das mais felizes e mais desejadas de todas as experiências?

Quem ou o que é o nosso sol e escudo? E se desejarmos graça e glória estaremos dispostos a viver um modo de vida que é irrepreensível e puro perante Deus? Não é isso o que significa confiar em Deus? Que a concessão a nós por parte do nosso Senhor de tudo o que é encontrado neste salmo possa ser verdadeira para cada um de nós para sua honra e glória.

Conclusão

O livro de Salmos deve ser o nosso hinário de louvor, assim como foi o de Israel.

Seja o nosso louvor descritivo ou declarativo, este louvor deve formar uma parte da nossa expressão diária de afeição a Deus e também da nossa missão de pregação e ensinamento para com o povo de Deus.

Aqueles que encontram poucos motivos para louvar a Deus são os mesmos que encontrarão poucos motivos para louvá-lo pelo resto da vida. As suas vidas, sem dúvida, continuarão a ficar cada vez mais superficiais e sombrias à medida que as pressões da vida se acumularem. O salmista pode nos resgatar da nossa própria simplicidade e escuridão dando-nos uma *visão* inteiramente nova da grandeza, majestade e magnificência de Deus!

11

A Pregação e o Ensino do Antigo Testamento Apocalíptico

O mais estranho de todos os gêneros do Antigo Testamento é o apocalíptico. Acima de todos os demais, o gênero apocalíptico é uma forma especializada de profecia, que se concentra nos eventos relacionados com a segunda vinda de Cristo e as últimas coisas que Deus fará na história antes de passar para o estado eterno. Portanto, de muitas maneiras, este gênero poderia ser tratado como uma subcategoria da profecia.

Não devemos pensar, no entanto, que o gênero de profecia apocalíptica é tão remoto que não tem contato com as pessoas os quais foi transmitido: Ao contrário, poucos destes eventos futuros seriam tão distantes para não terem contato com as pessoas da época quando foram pronunciados pelo profeta, ou com as pessoas nos nossos dias. Na verdade, muitos destes mesmos eventos participam do que veio a ser conhecido como escatologia inaugurada. Isto é, o evento futuro descrito nas Escrituras tem um aspecto de "agora", assim como uma característica de "ainda não". Assim como 1 João 3.2 anunciou, "*agora* somos filhos de Deus, e *ainda não* é manifesto o que havemos de ser" (ênfase do autor), também a profecia nos dá uma antecipação presente ou imediata do que ainda não aconteceu com toda a sua plenitude. Por isso 1 João 2.18 adverte: "Como ou-

vistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos". Uma pessoa não deve se desesperar se aquele que ele ou ela pensarem que ocupará o cargo de Anticristo deixar a cena sem que ele ou ela vejam a segunda vinda de Cristo; este personagem pode ter sido apenas um, em uma longa fila de muitos que precederão o último Anticristo.

O Significado de Apocalíptico

O nome deste gênero se origina do título do livro do Apocalipse que em grego é *apokalypsis*, uma "revelação". Assim sendo, a forma não é tão incisiva como alguns afirmaram,[1] pois não exibe o seu formato especial e literário no texto das Escrituras. De maneira geral, recebemos descrições de tópico, assunto e tema sobre este gênero e não quaisquer formas distintivas no próprio texto.

Se o método pressupõe que a nossa primeira tarefa é tentar conectar as imagens, símbolos e sonhos do Antigo Testamento com o livro do Apocalipse e depois extrapolar de volta para o período inter-testamentário para livros apocalípticos, devemos ser tão críticos quanto a tal procedimento quanto somos de uma eisegesis, ou seja, da atribuição de um significado a um texto. Para muitos, o estudo de livros tais como 1 Enoque ou os Rolos do mar Morto envolve um processo de atribuir temas similares aos encontrados no Novo Testamento de volta aos livros do período inter-testamentário e incorporar estes "resultados" como uma base para interpretar os materiais apocalípticos do Antigo Testamento. Um processo similar é, às vezes, usado para os livros do Antigo Testamento, onde os significados dos livros apócrifos do período inter-testamentário são atribuídos novamente ao Antigo Testamento, mas ali o impulso tende a injetar este significado de volta no antigo texto. Isso também é eisegesis. Isso tende a confundir e a igualar sumariamente os símbolos e as imagens da religião judaica do exílio e o período pós-exílio, com as revelações divinas feitas nas primeiras partes do Antigo Testamento. Mas é incorreto igualar estas duas épocas de escritos e pensamentos ou torná-las idênticas — pelo menos, fazer isso sem permissão do próprio texto.

Este mesmo processo também foi usado como uma alavanca pela escola crítica para datar tardiamente os materiais designados apocalípticos de Daniel 7-12, Isaías 58-66 e Zacarias 12-14, atribuindo-lhes uma data consideravelmente posterior àquela em que os próprios textos afirmam ter sido escritos. Mas esta datação tardia é tão segura quanto o critério que foi criado *ex post facto*.

Além disso, os apocalipses do mundo antigo foram escritos sob pseudônimos. Isso tem levado muitos a sugerir que talvez as partes das obras dos profetas que tratam de tópicos apocalípticos, especialmente a última parte do livro de Daniel e as seções de Isaías e Zacarias listadas acima, foram igualmente escritas sob pseudônimos. Mas aqui, novamente, o desejo é pai do pensamento, pois a única evidência para respaldar o fato de que estas seções vêm de autores desconhecidos é a propensão encontrada na própria definição. Deve ser prioritário fazer a pergunta ao próprio texto, a respeito da sua declaração referente à sua autoria. Somente então é possível tomar uma decisão quanto à confiabilidade das declarações.

Uma vez que a categoria apocalíptica é uma subcategoria da profecia, deve ser tratada de muitas maneiras como alguém trataria o gênero da profecia. Em muitos casos, a mensagem sobre um futuro glorioso ou catastrófico é transmitida como uma conclusão para uma palavra ameaçadora de julgamento ou uma mensagem de suprema salvação. A questão é: Deus não deseja permitir que o juízo que deverá vir na ordem presente da vida de Israel (ou qualquer outra nação, por sinal) seja a sua última palavra. Isso não deve ser interpretado como indicando que o seu plano-promessa agora foi impedido ou, o que é ainda pior, arruinado. O ouvinte então é levado muito além dos dias do profeta para ouvir como Deus lidará com todo o mal, ou como Ele triunfará magnificamente na sua própria glória.

Não é como se o futuro imediato e o futuro distante não tivessem nada que ver, um com o outro. Ao contrário, há uma conexão direta na forma do futuro imediato, como sendo um sinal do futuro distante.

Um bom lugar para mostrar esta conexão entre o "agora" e o "ainda não" está na profecia de Joel. Uma praga quádrupla tinha vindo

por causa da lentidão do povo em se converter a Deus. Finalmente, depois de dois chamados ao arrependimento, feitos pelo profeta Joel (Jl 1.13,14; 2.12-14), Israel mudou radicalmente de opinião.

A prova do arrependimento genuíno dos ouvintes de Joel pode ser encontrada nos quatro verbos no passado de Joel 2.18,19 (contradizendo a tradução futura, impossível, feita dos mesmos quatro verbos nas versões ARA, NASB e NVI[2]), que declara:

> Então, o Senhor se mostrou zeloso da sua terra,
> compadeceu-se do seu povo
> e, respondendo, lhe disse... – (minha tradução)

A única maneira como Deus poderia ter respondido tão piedosamente seria se o povo finalmente, em desespero e privação causadas pelas invasões de gafanhotos e outras pragas, e a seca resultante, genuinamente tivesse se arrependido como o profeta lhes tinha implorado antes destas infestações. Como resultado, duas dádivas maravilhosas de Deus foram prometidas. Em primeiro lugar, novas chuvas viriam imediatamente sobre a terra e fariam com que seus pastos reverdecessem e a terra se tornasse produtiva outra vez (Jl 2.19b-27). Em segundo lugar, um derramamento (não apenas uma chuva) do Espírito Santo viria, em um futuro distante, seguida, (aparentemente) muito mais tarde por uma comoção cósmica no grande e terrível dia do Senhor (Jl 2.28-3.21).

A Análise das Partes que Constituem o Gênero Apocalíptico

Um modelo sugerido para a análise de um trecho apocalíptico do Antigo Testamento pode ser visto em Joel 3.1-21, que contém estes cinco elementos típicos:

1. Um anúncio dos últimos dias

> Naqueles dias e naquele tempo,

em que removerei o cativeiro de Judá e Jerusalém,
congregarei todas as nações
e as farei descer ao Vale de Josafá;
e ali com elas entrarei em juízo,
por causa do meu povo e da minha herança, Israel (vv. 1,2a).

2. Uma explicação e uma razão para este ato anunciado

A quem eles espalharam entre as nações,
repartindo a minha terra.
E lançaram a sorte sobre o meu povo...
Visto como levastes a minha prata e o meu ouro
e as minhas coisas desejáveis e formosas metestes nos vossos templos
(vv. 2b-3a, 5).

3. Uma declaração de guerra ao mal e uma convocação para qu
os inimigos de Deus se apresentem no confronto final da Terra

Proclamai isso entre as nações, santificai uma guerra;
suscitai os valentes; cheguem-se, subam todos os homens de guerra.
Forjai espadas das vossas enxadas
e lanças das vossas foices.
diga o fraco: Eu sou forte.
Ajuntai-vos, e vinde, todos os povos em redor,
e congregai-vos
(ó Senhor, faze descer ali os teus fortes!);
movam-se as nações e subam ao vale de Josafá;
porque ali me assentarei, para julgar todas as nações
em redor (vv. 9-12).

4. Os horrores do dia do Senhor são descritos

Lançai a foice,
porque já está madura a seara;

vinde, descei,
porque o lagar está cheio
os vasos dos lagares transbordam;
porquanto a sua malícia é grande.
Multidões, multidões
no vale da Decisão!
Porque o dia do Senhor está perto,
no vale da decisão.
O sol e a lua se enegrecerão,
e as estrelas retirarão o seu resplendor.
E o Senhor bramará de Sião
e dará a sua voz de Jerusalém;
e os céus e a terra tremerão;
mas o Senhor será o refúgio do seu povo
e a fortaleza dos filhos de Israel (vv. 13-16).

5. Uma relação das bênçãos finais do Senhor ao seu povo

E vós sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus,
que habito em Sião, o monte da minha santidade; e
Jerusalém será santidade;
estranhos não passarão mais por ela.
E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto,
e dos outeiros manará leite,
e todos os rios de Judá estarão cheios de águas;
e sairá uma fonte da Casa do Senhor
e regará o vale de Sitim.
O Egito se tornará uma assolação, e
Edom se fará um deserto de solidão,
por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá,
em cuja terra derramaram sangue inocente.
Mas Judá será habitada para sempre,
e Jerusalém de geração em geração.

vinde, descei,
porque o lagar está cheio
os vasos dos lagares transbordam;
porquanto a sua malícia é grande.
Multidões, multidões
no vale da Decisão!
Porque o dia do Senhor está perto,
no vale da decisão.
O sol e a lua se enegrecerão,
e as estrelas retirarão o seu resplendor.
E o Senhor bramará de Sião
e dará a sua voz de Jerusalém;
e os céus e a terra tremerão;
mas o Senhor será o refúgio do seu povo
e a fortaleza dos filhos de Israel (vv. 13-16).

5. Uma relação das bênçãos finais do Senhor ao seu povo

E vós sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus,
que habito em Sião, o monte da minha santidade; e
Jerusalém será santidade;
estranhos não passarão mais por ela.
E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto,
e dos outeiros manará leite,
e todos os rios de Judá estarão cheios de águas;
e sairá uma fonte da Casa do Senhor
e regará o vale de Sitim.
O Egito se tornará uma assolação, e
Edom se fará um deserto de solidão,
por causa da violência que fizeram aos filhos de Judá,
em cuja terra derramaram sangue inocente.
Mas Judá será habitada para sempre,
e Jerusalém de geração em geração.

E purificarei o sangue dos que eu não tinha purificado,
porque o Senhor habitará em Sião! (vv. 17-21).

Um Exemplo de como Pregar o Antigo Testamento Apocalíptico: Daniel 9.20-27

A passagem que escolhi é, ao mesmo tempo, apocalíptica e está no centro de muitos debates escatológicos. O ponto focal da passagem é Daniel 9.24: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e ungir o Santo dos Santos [Pessoa ou lugar]". O título da nossa mensagem, então, será: "Anúncio do Programa de Deus para Encerrar a História".

O contexto imediato apresenta uma das grandes orações de intercessão da Bíblia. Daniel observou, na sua leitura das Escrituras, "de que falou o Senhor ao profeta Jeremias" (Dn 9.2; cf. Jr 25.12-14; 29.10-14), que os setenta anos de exílio estavam prestes a terminar. A sua pergunta é se Deus perdoaria os pecados de todo Israel e novamente olhar com benevolência a cidade de Jerusalém e o povo de Israel.

Observe que a profecia de Jeremias é chamada de Escrituras, mas a tinta mal está seca, pois Jeremias fez as suas profecias dos setenta anos no primeiro ano de Nabucodonosor (605 a.C.; Jr 25.1). Agora, é o primeiro ano do rei Dario, filho de Xerxes (539 a.C.) — menos sessenta e cinco anos depois! Daniel não precisava esperar por nenhum Concílio de Jamnia (90 a.C.) para ajudá-lo a decidir se Jeremias pertencia ao cânone ou não. Ele já considerava os textos de Jeremias como pertencentes às Escrituras.

O anjo Gabriel (Dn 9.21) foi enviado, enquanto Daniel ainda estava em oração. Ele veio para dar a Daniel "instrução e fazer-lhe entender o sentido" (v. 22), pois Deus considerava Daniel "mui amado" (v. 23) e por isso desejava atender as suas orações.

Vamos examinar a estrutura de Daniel 9.24-27, antes de mais nada, pois a verdadeira mensagem apocalíptica começa no versículo 24.

a. O decreto de Ciro em 536 a.C.?
b. O decreto de Esdras em 557 a.C.?
c. O decreto de Neemias, em 445 a.C.?

2. Razões para optar pelo decreto de Neemias

B. O restante da história é disposto em três conjuntos de "semanas" ou anos

1. Sete "semanas" (ou quarenta e nove anos) são para que Jerusalém seja restaurada e edificada

2. Sessenta e duas "semanas" adicionais serão até que venha o Messias, o Príncipe

C. A interrupção no programa de Deus

1. "Depois" das primeiras sessenta e nove "semanas", terão lugar dois eventos.

a. O Messias, o "Ungido", será "tirado" — a morte de Cristo na cruz, em 30 d.C.

b. A cidade e o santuário serão destruídos — em 70 d.C.

2. E o fim será com uma inundação

III. Deus irá supervisionar o fim da história (vv. 26b,27)

A. "Até ao fim haverá guerra"

B. Um firmará um concerto com muitos por uma "semana"

1. No meio dos últimos "sete" anos, este fará o seguinte:

a. Fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares

b. Estabelecerá uma abominação que causa desolação

2. O que está determinado será derramado sobre o assolador

Este texto é uma resposta à oração de Daniel depois que ele terminou de ler o texto que conhecemos como Jeremias 29.10-14 e 25.12-14. Na verdade, os setenta anos mencionados na revelação de Deus ao profeta já tinham quase acabado. E o que Deus faria agora?

É tolice inserir uma explicação simbólica no lugar da natural que o anjo Gabriel forneceu neste texto. A profecia devia mostrar a Daniel o que aconteceria com Israel, o seu povo, e a cidade santa, Jerusalém. Ela não foi enviada originalmente para mostrar o que

I. Anúncio dos últimos dias: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade" (mais seis declarações de intenção ou infinitivos, v. 24).

II. Explicação ou razão para este anúncio: "Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas" (vv. 25,26a).

III. Os horrores deste dia são descritos: "E até ao fim haverá guerra; estão determinadas assolações..." (vv. 26b,27)

Título do sermão/ensinamento: "Anúncio do Programa de Deus para Encerrar a História".

Texto: Daniel 9.24-27

Palavra chave para a pregação: Blocos (de tempo, no programa de Deus)

Pergunta: O que? ou Quais? (Quais são os blocos de tempo no programa?)

I. Deus nos dará mais um conjunto de "setenta" para completar a história (v. 24)

A. Setenta "semanas" depois do cativeiro de setenta anos

1. Para o povo de Israel — "Teu povo"
2. Para a cidade santa de Jerusalém — "Tua santa cidade"

B. Propósito das setenta "semanas"

1. Extinguir a transgressão
2. Dar fim aos pecados
3. Expiar a iniquidade
4. Trazer a justiça eterna
5. Selar a visão e a profecia
6. Ungir o Santo dos Santos [Pessoa ou lugar]

II. Deus nos explicará, em termos compreensíveis, este programa para o futuro (vv. 25,26a)

A. O sinal para que comece o fim

1. A promulgação de um decreto. Mas qual?

a. O decreto de Ciro em 536 a.C.?
b. O decreto de Esdras em 557 a.C.?
c. O decreto de Neemias, em 445 a.C.?
2. Razões para optar pelo decreto de Neemias
B. O restante da história é disposto em três conjuntos de "semanas" ou anos
1. Sete "semanas" (ou quarenta e nove anos) são para que Jerusalém seja restaurada e edificada
2. Sessenta e duas "semanas" adicionais serão até que venha o Messias, o Príncipe
C. A interrupção no programa de Deus
1. "Depois" das primeiras sessenta e nove "semanas", terão lugar dois eventos.
a. O Messias, o "Ungido", será "tirado" — a morte de Cristo na cruz, em 30 d.C.
b. A cidade e o santuário serão destruídos — em 70 d.C.
2. E o fim será com uma inundação
III. Deus irá supervisionar o fim da história (vv. 26b,27)
A. "Até ao fim haverá guerra"
B. Um firmará um concerto com muitos por uma "semana"
1. No meio dos últimos "sete" anos, este fará o seguinte:
a. Fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares
b. Estabelecerá uma abominação que causa desolação
2. O que está determinado será derramado sobre o assolador

Este texto é uma resposta à oração de Daniel depois que ele terminou de ler o texto que conhecemos como Jeremias 29.10-14 e 25.12-14. Na verdade, os setenta anos mencionados na revelação de Deus ao profeta já tinham quase acabado. E o que Deus faria agora?

É tolice inserir uma explicação simbólica no lugar da natural que o anjo Gabriel forneceu neste texto. A profecia devia mostrar a Daniel o que aconteceria com Israel, o seu povo, e a cidade santa, Jerusalém. Ela não foi enviada originalmente para mostrar o que

aconteceria com os gentios ou à igreja. Além disso, devemos receber esta profecia hoje com o espírito de oração, como fez Daniel e não de uma maneira fria ou meramente intelectual.

Deus nos Dará mais um Conjunto de "Setenta" para Completar a História (v. 24)

O programa de Deus envolveria outro conjunto de "setenta semanas" além dos setenta anos que estavam acabando. Este novo conjunto de "setenta semanas" seria dividido em três blocos distintos: um conjunto de "sete semanas", outro de "sessenta e duas semanas" e uma "semana" final.

Está claro, com base no uso que Daniel faz de "semanas", que ele pretende que elas sejam compreendidas como "anos", pois em Daniel 4.16, 23 e 25, Daniel prediz que "sete tempos" deverão passar por Nabucodonosor até que ele se arrependa dos seus modos soberbos. Isto resultou em sete anos. O mesmo pode ser dito sobre Daniel 4.25 e 32.

O propósito destes 490 anos é encontrado nas seis declarações que se seguem. Em primeiro lugar, estes anos eram necessários para "extinguir a transgressão". Em outras palavras, encerrar com a transgressão e o pecado de todos os mortais, trazendo ao fim a longa série de apostasias, rebeldias contra Deus e rebelião pecaminosa contra a sua lei e vontade. Paralelo a isso, era o segundo propósito: "Dar fim aos pecados". Em terceiro lugar, deveria "expiar a iniquidade". Aqui há uma alusão à misericórdia de Deus, pois Ele, em Cristo, expiou o pecado de Israel. Em quarto lugar, estes anos eram necessários para "trazer a justiça eterna". Esta justiça final e a presença diante de Deus somente poderiam ser possíveis pela morte de Cristo. Em quinto lugar, no fim destes dias, "a visão e a profecia" seriam seladas. Isto é, toda a predição sobre Israel e o templo seria concluída quando este período chegasse ao fim. Finalmente, este período deveria "ungir o Santo dos Santos [Pessoa ou lugar]". Uma vez que esta expressão nunca é usada a respeito de uma pessoa, provavelmente não é uma referência ao Messias, nem mesmo à sua Igreja. Na verdade, é a bên-

ção e a santidade que serão conferidas sobre tudo o que será santo para o Senhor (Zc 14.20).

Deus nos Explicará em Termos Compreensíveis este Programa para o Futuro (vv. 25,26b)

Esta mensagem não pretendia ser uma mensagem codificada com um significado esotérico revelado apenas a alguns poucos privilegiados. Daniel desejava que todos nós "soubéssemos e entendêssemos". O decreto, ou "ordem", que foi promulgado no período de Neemias em Jerusalém, em 445 a.C. As sete semanas deste período terminaram depois de 49 anos.

Um segundo conjunto de sessenta e duas semanas ou 434 anos nos conduz até o período do Messias. Mesmo que estes fossem tempos angustiantes, o final traria o próprio Messias.

A parte mais crítica desta mensagem apocalíptica está no versículo 26. Ela diz: "Depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias... e o povo do príncipe... destruirá a cidade e o santuário". Estas referências não podem ser outra coisa, senão alusões à morte de Cristo em 30 d.C., e a queda de Jerusalém, em 70 d.C. Isso significa que a sequência das setenta semanas foi interrompida, com um intervalo entre o final da 69ª semana (que resultou na vinda do primeiro advento do Messias) e o início da 70ª semana (um evento que muitos interpretam como não tendo acontecido ainda).

O "príncipe que há de vir" parece ser uma referência, em primeiro lugar, ao governante romano Vespasiano ou Tito (a parte do "agora" da escatologia inaugurada), e também ao Anticristo (a parte de "ainda não" desta mesma perspectiva escatológica inaugurada; veja o versículo 27). Isto, como dissemos, está de acordo com uma escatologia inaugurada em que o futuro próximo e o distante se mesclam em um único significado, ainda que tenha múltiplos cumprimentos. Assim, os dois generais romanos que foram responsáveis pela destruição da cidade de Jerusalém e o incêndio do Templo, também eram tipos da pessoa final que virá a Jerusalém e fará o seu definitivo ataque à cidade e ao Reino de Deus...

Embora o Messias seja crucificado, "não [será] por si mesmo" [v
26, na versão NKJV], isto é, Ele nada ganhará pessoalmente com
esta experiência: nada de glória, nem louvor, nem mesmo o apreço
do povo.

Deus Supervisionará a História como um todo (vv. 26c,27)

"E o seu fim será com uma inundação". As guerras continuarão
até o final, mas o clímax da história virá como uma barragem rom
pida.

O príncipe que há de vir irá se opor a Deus oprimindo Israel. Para
realizar a sua vontade, o Anticristo "firmará um concerto com mui
tos por uma semana", um período de sete anos. O texto não indica se
este concerto será um concerto aberto ou fechado. Na metade deste
período, no entanto, o Anticristo romperá este concerto com Israel.
Isto envolverá o Anticristo removendo a sua máscara, de certa forma.
A seguir, ele repentinamente se voltará contra Israel com uma fúria
quase demoníaca. Os sacrifícios no Templo serão interrompidos; em
lugar deles, o Anticristo se instalará no Templo e fingirá ser Deus.

Não se pode determinar com facilidade qual é a natureza exata
da "abominação da desolação"; no entanto, o nosso Senhor fez alu-
são a este evento em Mateus 24.15. Quando isso acontecer, o nosso
Senhor aconselha, o leitor deverá fugir da Judéia seguindo para os
montes.

Embora este seja um texto apocalíptico, não devemos pensar que
é misterioso e incompreensível. Até mesmo o nosso Senhor disse que
todos os que lessem este texto deviam compreendê-lo (Mt 24.15).
Além disso, a crucificação do Messias e a queda de Jerusalém não
eram desconhecidas do nosso Senhor, pois estavam no seu plano
eterno. Mas são os seis propósitos desses dias que nos trazem consolo
na nossa era. O pecado terá terminado quando este período estiver
concluído. A justiça eterna será introduzida, e jamais terminará. Que
revelação preciosa para conservar os nossos corações, mentes e olhos
fixos no nosso Salvador e não meramente nos sinais dos tempos. Ele

Embora o Messias seja crucificado, "não [será] por si mesmo" [v. 26, na versão NKJV], isto é, Ele nada ganhará pessoalmente com esta experiência: nada de glória, nem louvor, nem mesmo o apreço do povo.

Deus Supervisionará a História como um todo (vv. 26c,27)

"E o seu fim será com uma inundação". As guerras continuarão, até o final, mas o clímax da história virá como uma barragem rompida.

O príncipe que há de vir irá se opor a Deus oprimindo Israel. Para realizar a sua vontade, o Anticristo "firmará um concerto com muitos por uma semana", um período de sete anos. O texto não indica se este concerto será um concerto aberto ou fechado. Na metade deste período, no entanto, o Anticristo romperá este concerto com Israel. Isto envolverá o Anticristo removendo a sua máscara, de certa forma. A seguir, ele repentinamente se voltará contra Israel com uma fúria quase demoníaca. Os sacrifícios no Templo serão interrompidos; em lugar deles, o Anticristo se instalará no Templo e fingirá ser Deus.

Não se pode determinar com facilidade qual é a natureza exata da "abominação da desolação"; no entanto, o nosso Senhor fez alusão a este evento em Mateus 24.15. Quando isso acontecer, o nosso Senhor aconselha, o leitor deverá fugir da Judéia seguindo para os montes.

Embora este seja um texto apocalíptico, não devemos pensar que é misterioso e incompreensível. Até mesmo o nosso Senhor disse que todos os que lessem este texto deviam compreendê-lo (Mt 24.15). Além disso, a crucificação do Messias e a queda de Jerusalém não eram desconhecidas do nosso Senhor, pois estavam no seu plano eterno. Mas são os seis propósitos desses dias que nos trazem consolo na nossa era. O pecado terá terminado quando este período estiver concluído. A justiça eterna será introduzida, e jamais terminará. Que revelação preciosa para conservar os nossos corações, mentes e olhos fixos no nosso Salvador e não meramente nos sinais dos tempos. Ele

nos falou sobre estas coisas antes que elas acontecessem, de modo que quando elas realmente acontecerem, possamos reconhecer que Deus foi fiel e que Ele é soberano sobre todos os tempos e pessoas. Isto deve ter a preferência à nossa argumentação de que o nosso cronograma estava correto ou de que sabíamos com antecedência. Graças a Deus pelo seu plano, a sua morte, e o seu triunfo sobre todo o pecado a morte e o mal!

Conclusão

O Antigo Testamento apocalíptico é um gênero no mínimo estranho. Ele tem menos marcadores textuais do que outros gêneros e depende mais do seu uso de linguagem figurada que está ancorada em eventos, termos e citações de passagens das Escrituras previamente escritas, em vez de importar revelações posteriores para liberar o seu uso de termos ou símbolos. Isso quer dizer que para interpretar este gênero, precisamos examinar passagens anteriores das Escrituras, a fim de obter uma apreciação do que está sendo dito. Este método também tem grande similaridade com o método conhecido como analogia das Escrituras anteriores.[3]

No entanto, todas as outras partes da preparação de um texto apocalíptico para pregação ou ensino serão muito semelhantes às fases do desenvolvimento de textos de outras passagens dos profetas.

Conclusão

Transformando o Mundo com a Palavra de Deus

"E a palavra de Deus crescia e se multiplicava."
Atos 12.24

"E a palavra do Senhor se divulgava por toda aquela província."
At 13.49

"Assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia."
Atos 19.20

Quando tudo tiver sido dito e feito, perceberemos que o livro de Atos nos oferece o melhor retrato daquilo que o corpo de crentes deveria ser. O texto em Atos 2.42 descreve uma congregação que "perseverava na doutrina dos apóstolos". O livro de Atos também observa que "crescia a palavra de Deus, e se multiplicava muito o número dos discípulos" (6.7).

Mas como aquele grupo de crentes do século I poderia ter sido tão bem-sucedido quando nós, no século XXI, tentamos praticamente usar todos os recursos possíveis sem conseguir alcançar a poderosa demonstração da obra do Espírito Santo que vemos no livro de Atos? Sabendo que a Palavra de Deus tem todo este

poder, por que até mesmo alguns dos mais fortes santos de Deus nos nossos dias parecem não progredir na fé cristã e no ensinamento bíblico?

Mas não podemos confundir o fato de que a Palavra de Deus deve ser a marca inconfundível de qualquer manifestação poderosa do Espírito Santo no nosso meio. Devemos declarar, com toda a paixão das nossas almas, que nas sete sínteses sobre o fantástico crescimento da Igreja no livro de Atos (6.7; 9.31; 12.24; 13.49; 16.5; 19.20; 28.31), cinco delas conectam este crescimento diretamente com a pregação da Palavra de Deus. Mesmo nos dois casos indiretos (9.31 e 16.5), ainda é a palavra encontrada nas Escrituras que edifica o corpo e possibilita o crescimento que ocorre.

Assim, vamos definir como um princípio: onde a pregação da Palavra de Deus é escassa ou abandonada por assuntos mais "relevantes", o crescimento, a força e a efetividade da Igreja diminuem e, em última análise, se extinguem. Mas onde a palavra de Deus se multiplica, se espalha e é buscada por todos, o Corpo de Cristo demonstra uma sabedoria e um poder que avança, apesar de barreiras modernas ou antigas e de oposições ou perseguições.

Alguns irão objetar, é claro, que a pregação bíblica é monótona, insípida, mansa, anêmica e sem relevância contemporânea para ter qualquer utilidade no século XXI. Estas objeções afirmam que não fazem sentido que as pessoas se sentem em bancos, como espectadores, absorvendo a reconstituição seca e empoeirada das obras de Deus na história de Israel e da Igreja Primitiva. Mas se esta tiver sido a nossa experiência (e quem pode negar que ela se encaixa pelo menos em algumas das nossas igrejas), então ela não combina com o que o livro de Atos descreve, ou o que Deus designou para nós. O que a palha até tem a ver com os grãos? Pode parecer pregação bíblica, pode até mesmo fazer uma ou duas referências à Bíblia, mas não é a poderosa demonstração do Espírito Santo acompanhada por uma boa apresentação da Palavra de Deus na pregação que avança parágrafo após parágrafo e capítulo após capítulo em um esforço para anunciar o conselho de Deus.

O que é preciso não é um falastrão de algum livro de auto-ajuda ou os quatro ou cinco passos fáceis para ser isso ou aquilo na vida! O livro de Atos nos dá precedência para esperar que, onde a Palavra de Deus for pregada fielmente — tanto na sua reprodução do exato conteúdo da passagem e na sua estrutura — ali podemos esperar ver o poder do Espírito Santo acompanhando a Palavra de Deus e tendo um profundo efeito, não apenas sobre o orador, mas também sobre o ouvinte. Nem toda mensagem ou ato de pregação atravessará as barreiras da nossa cultura anticristã e pós-moderna. Somente a diligente exposição do texto sob a poderosa mão do Espírito Santo de Deus preencherá o vazio dos nossos dias. E esta exposição deve interpretar o contexto e a cultura em que a mensagem é transmitida com tanta exatidão como interpreta o próprio texto. O expositor e professor deve conhecer o idioma contemporâneo assim como o idioma bíblico. Tanto a substância como a forma merecem os nossos melhores esforços sob a poderosa mão do Espírito Santo.

A Autoridade para uma Sociedade Individualista

A bênção e a maldição da vida no ocidente é a nossa ênfase no individualismo. A parte má desta ênfase é o fato de que nos esquecemos de que fazemos parte de um grupo maior, quando comparecemos diante de Deus como indivíduos. A nossa tendência é dizer que não temos responsabilidade pelo grupo e que o que acontece com a minha nação, a minha cidade, a minha igreja ou o resto da minha família não é minha responsabilidade nem me interessa.

As Escrituras não nos deixarão escapar assim tão facilmente. Elas afirmam que eu sou verdadeiramente guardador do meu irmão. Eu pertenço a uma cultura e uma nação que se aproxima rapidamente do juízo de Deus pela sua recusa em reconhecê-lo e obedecer à sua lei e aos seus mandamentos. Assim como todos nós nos beneficiamos quando aqueles que nos antecederam viveram vidas justas e santas porque os dividendos passaram à nossa geração, também todos nós perdemos ou ganhamos quando o grupo a que pertencemos nacionalmente, denominacionalmente ou filialmente volta suas costas

para Deus, ou, em arrependimento, retorna para Deus em busca de perdão.

Mas para onde podemos nos voltar, se o pensamento predominante afirma o novo preceito de pós-modernismo de que "eu posso fazer o que eu quiser, desde que eu julgue que isso não prejudicará a ninguém?"

Aqui o individualismo não dá em nada. Ele parece supor que nós podemos ser nossas próprias autoridades e nossos próprios juízes para tudo — incluindo a fé e a moral.

Mas é justamente aí que nós precisamos ter, novamente, o corretivo da poderosa pregação da Palavra de Deus. Toda autoridade emana do nosso Senhor e da sua Palavra. Se Ele não for o árbitro final e a fonte de autoridade, como poderemos evitar a anarquia — onde cada um é seu próprio juiz, júri e acusador?

É isso o que estou me esforçando para mostrar neste livro. Devemos voltar para os testemunhos e padrões das Escrituras em busca da autoridade perdida na nossa geração ou afundaremos e ficaremos sem nenhum guia na nossa cultura. O texto em Provérbios 29.18 declara: "Não havendo profecia, o povo se corrompe". A palavra para "profecia" não se refere a um plano de cinco ou dez anos, como aplicamos este texto. Não, o significado é de "revelação" da palavra de Deus. Assim, este versículo declara que, em razão da ausência de algum dado da Palavra reveladora de Deus, a população, de modo geral, enlouquecerá e ficará sem controle. Como já vimos, a palavra usada pelo autor do livro de Provérbios para "corrompe" tem um passado histórico. Ela é encontrada em Êxodo 32.25, em que está escrito que o povo de Israel estava descontrolado, abandonando todas as restrições, despido e entregue à prostituição religiosa ao redor do bezerro de ouro para grande horror de Moisés quando desceu do monte. Não é um retrato vívido dos nossos dias? Se estivéssemos entregues a nós mesmos, sem a fiel e cuidadosa exposição das Escrituras, sofreríamos, à medida que a cultura e a Igreja ficassem cada vez mais loucas e se expusessem à destruição devastadora; não é mesmo? Moisés esteve ausente por mais de seis semanas. Arão

tinha falhado ao pregar a Palavra de Deus até mesmo por este curto período de tempo, contribuindo assim com a devastadora erosão de tudo o que tinha sido colocado diante do povo de Deus antes daquela ocasião?

A questão é que não vivemos de acordo com a nossa inteligência, o nosso talento, os nossos netos e nem mesmo de acordo com a nossa formação e com cada fase de nossa vida; no entanto, nós vivemos através de cada palavra que sai da boca de Deus. Essa é a única fonte de autoridade e saúde para o Corpo de Cristo. Todo o resto conduz à desordem que estamos vendo em muitos bairros hoje em dia. Louvado seja Deus pelas maravilhosas exceções, mas estes pregadores que estão tentando ser fiéis à Palavra de Deus estão enfrentando uma batalha árdua contra muitos que beberam demais das águas da modernidade e da pós-modernidade.

A Aplicação a uma Sociedade Pluralista

Terá pouca utilidade para qualquer pessoa dos nossos dias se a Bíblia se mostrar comprovadamente como um livro que tem a autoridade de Deus, mas se não for aplicável a nenhuma das nossas questões. Na verdade, o nosso flerte atual com o pluralismo enfatiza a legitimidade de todos estarem corretos ao mesmo tempo, embora mantendo conclusões contraditórias sobre os mesmos temas. Assim, se nós abordarmos as Escrituras usando estas mesmas regras, então elas terão inúmeros significados, sim, quantos as pessoas quiserem. E mesmo que a Bíblia possa significar alguma coisa para alguém, mesmo quando todas as visões se contradisserem umas às outras, então, em última análise, haverá pouquíssimo proveito!

Como, então, podemos aplicar as Escrituras de uma maneira que demonstre o seu significado contemporâneo sem cair na cilada moderna do pluralismo? Conseguiremos extrair uma aplicação relevante de um texto antigo às custas de perdermos a sua autoridade ou de sermos infiéis às declarações e intenções originais do autor? É claro que não!

A aplicação das Escrituras exige a fina arte de reter a verdade do *significado* do texto, enquanto também passamos àqueles exemplos

tinha falhado ao pregar a Palavra de Deus até mesmo por este curto período de tempo, contribuindo assim com a devastadora erosão de tudo o que tinha sido colocado diante do povo de Deus antes daquela ocasião?

A questão é que não vivemos de acordo com a nossa inteligência, o nosso talento, os nossos netos e nem mesmo de acordo com a nossa formação e com cada fase de nossa vida; no entanto, nós vivemos através de cada palavra que sai da boca de Deus. Essa é a única fonte de autoridade e saúde para o Corpo de Cristo. Todo o resto conduz à desordem que estamos vendo em muitos bairros hoje em dia. Louvado seja Deus pelas maravilhosas exceções, mas estes pregadores que estão tentando ser fiéis à Palavra de Deus estão enfrentando uma batalha árdua contra muitos que beberam demais das águas da modernidade e da pós-modernidade.

A Aplicação a uma Sociedade Pluralista

Terá pouca utilidade para qualquer pessoa dos nossos dias se a Bíblia se mostrar comprovadamente como um livro que tem a autoridade de Deus, mas se não for aplicável a nenhuma das nossas questões. Na verdade, o nosso flerte atual com o pluralismo enfatiza a legitimidade de todos estarem corretos ao mesmo tempo, embora mantendo conclusões contraditórias sobre os mesmos temas. Assim, se nós abordarmos as Escrituras usando estas mesmas regras, então elas terão inúmeros significados, sim, quantos as pessoas quiserem. E mesmo que a Bíblia possa significar alguma coisa para alguém, mesmo quando todas as visões se contradisserem umas às outras, então, em última análise, haverá pouquíssimo proveito!

Como, então, podemos aplicar as Escrituras de uma maneira que demonstre o seu significado contemporâneo sem cair na cilada moderna do pluralismo? Conseguiremos extrair uma aplicação relevante de um texto antigo às custas de perdermos a sua autoridade ou de sermos infiéis às declarações e intenções originais do autor? É claro que não!

A aplicação das Escrituras exige a fina arte de reter a verdade do *significado* do texto, enquanto também passamos àqueles exemplos

para Deus, ou, em arrependimento, retorna para Deus em busca de perdão.

Mas para onde podemos nos voltar, se o pensamento predominante afirma o novo preceito de pós-modernismo de que "eu posso fazer o que eu quiser, desde que eu julgue que isso não prejudicará a ninguém?"

Aqui o individualismo não dá em nada. Ele parece supor que nós podemos ser nossas próprias autoridades e nossos próprios juízes para tudo — incluindo a fé e a moral.

Mas é justamente aí que nós precisamos ter, novamente, o corretivo da poderosa pregação da Palavra de Deus. Toda autoridade emana do nosso Senhor e da sua Palavra. Se Ele não for o árbitro final e a fonte de autoridade, como poderemos evitar a anarquia — onde cada um é seu próprio juiz, júri e acusador?

É isso o que estou me esforçando para mostrar neste livro. Devemos voltar para os testemunhos e padrões das Escrituras em busca da autoridade perdida na nossa geração ou afundaremos e ficaremos sem nenhum guia na nossa cultura. O texto em Provérbios 29.18 declara: "Não havendo profecia, o povo se corrompe". A palavra para "profecia" não se refere a um plano de cinco ou dez anos, como aplicamos este texto. Não, o significado é de "revelação" da palavra de Deus. Assim, este versículo declara que, em razão da ausência de algum dado da Palavra reveladora de Deus, a população, de modo geral, enlouquecerá e ficará sem controle. Como já vimos, a palavra usada pelo autor do livro de Provérbios para "corrompe" tem um passado histórico. Ela é encontrada em Êxodo 32.25, em que está escrito que o povo de Israel estava descontrolado, abandonando todas as restrições, despido e entregue à prostituição religiosa ao redor do bezerro de ouro para grande horror de Moisés quando desceu do monte. Não é um retrato vívido dos nossos dias? Se estivéssemos entregues a nós mesmos, sem a fiel e cuidadosa exposição das Escrituras, sofreríamos, à medida que a cultura e a Igreja ficassem cada vez mais loucas e se expusessem à destruição devastadora; não é mesmo? Moisés esteve ausente por mais de seis semanas. Arão tinha falhado ao pregar a Palavra de Deus até mesmo por este curto período de tempo, contribuindo assim com a devastadora erosão de tudo o que tinha sido colocado diante do povo de Deus antes daquela ocasião?

A questão é que não vivemos de acordo com a nossa inteligência, o nosso talento, os nossos netos e nem mesmo de acordo com a nossa formação e com cada fase de nossa vida; no entanto, nós vivemos através de cada palavra que sai da boca de Deus. Essa é a única fonte de autoridade e saúde para o Corpo de Cristo. Todo o resto conduz à desordem que estamos vendo em muitos bairros hoje em dia. Louvado seja Deus pelas maravilhosas exceções, mas estes pregadores que estão tentando ser fiéis à Palavra de Deus estão enfrentando uma batalha árdua contra muitos que beberam demais das águas da modernidade e da pós-modernidade.

A Aplicação a uma Sociedade Pluralista

Terá pouca utilidade para qualquer pessoa dos nossos dias se a Bíblia se mostrar comprovadamente como um livro que tem a autoridade de Deus, mas se não for aplicável a nenhuma das nossas questões. Na verdade, o nosso flerte atual com o pluralismo enfatiza a legitimidade de todos estarem corretos ao mesmo tempo, embora mantendo conclusões contraditórias sobre os mesmos temas. Assim, se nós abordarmos as Escrituras usando estas mesmas regras, então elas terão inúmeros significados, sim, quantos as pessoas quiserem. E mesmo que a Bíblia possa significar alguma coisa para alguém, mesmo quando todas as visões se contradisserem umas às outras, então, em última análise, haverá pouquíssimo proveito!

Como, então, podemos aplicar as Escrituras de uma maneira que demonstre o seu significado contemporâneo sem cair na cilada moderna do pluralismo? Conseguiremos extrair uma aplicação relevante de um texto antigo às custas de perdermos a sua autoridade ou de sermos infiéis às declarações e intenções originais do autor? É claro que não!

A aplicação das Escrituras exige a fina arte de reter a verdade do *significado* do texto, enquanto também passamos àqueles exemplos

legítimos do que o mesmo texto *significa* nas novas situações dos nossos dias. A aplicação apropriada de um texto exibe os mesmos princípios defendidos neste contexto original. A particularidade do texto no seu antigo contexto não pretendia nos impedir de aplicar este texto a situações contemporâneas: na verdade, pretendia exemplificar para nós como um princípio também era aplicável em outra época. Estas aplicações para o passado nos possibilitam apenas vagas sugestões de como podemos aplicar estes textos na nossa própria época.

Nós parecemos ter menos dificuldades fazendo esta transição para aplicar o texto a uma situação contemporânea quando lidamos com o Novo Testamento. Por exemplo, em Filipenses 4.2 o apóstolo Paulo pedia que "Evódia e... Síntique que sintam o mesmo no Senhor". Poucas pessoas, se é que haverá alguma, acenariam dizendo, "como eu não sou Evódia nem Síntique, não vou me incomodar com este pequeno mexerico histórico". Na verdade, muitos dizem: "Estas duas mulheres tiveram algum tipo de desavença que deve ter sido perturbador para a igreja de Filipos". A aplicação, para nós, deve ser que nós "sejamos uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-nos uns aos outros, como também Deus nos perdoou em Cristo" (Ef 4.32).

Exatamente. É desta maneira que deveríamos de igual maneira lidar com o Antigo Testamento ainda que ele esteja ainda mais distante de nós e da nossa época.

Um Novo Chamado para Pregar o Antigo Testamento

Com mais de três quartas partes da revelação de Deus em jogo, deve haver toda uma nova geração de proclamadores da Palavra de Deus que anunciarão todo o conselho de Deus (At 20.27) a uma geração faminta e que está à espera. Observo que, de modo geral, pertencemos a uma das gerações mais famintas por ouvir a Palavra de Deus. Amós 8.11,12 advertia sobre dias em que haveria uma fome, não apenas de água e pão, mas de ouvir a Palavra de Deus. Há gran-

des porções das Escrituras que jamais foram anunciadas a algumas das ovelhas de Deus, e elas são mal nutridas por causa disso.

Um dos meus professores observou certo dia na classe que se deixarmos alguma porção da Palavra de Deus negligenciada e sem ser exposta, ela se tornará um terreno fértil para a heresia da próxima geração. Meu professor, o Dr. Merrill Tenney, está agora com o Senhor, mas eu não creio que ele se importaria se eu também adicionasse que na misericórdia de Deus, Ele enviava um ministério paralelo para preencher as lacunas que a igreja tinha deixado nos corações e mentes daqueles que deveriam ter sido ensinados mais plenamente e de forma completa. Por exemplo, seminários para aprimoramento do casamento ensinam o tão negligenciado livro de Cantares, e os seminários sobre conflitos da juventude ensinam o negligenciado livro de Provérbios.

Nos dias de Samuel, a palavra e Deus era "escassa" e "rara" porque Deus tinha escondido os seus professores depois que uma geração rebelde tinha se recusado a se arrepender ou ouvir à mensagem de Deus. Será que precisaremos cair na mesma armadilha antes de recuperar a razão e perceber o quanto estamos realmente famintos? Espero que não.

Que a Palavra de Deus seja proclamada com toda a sua autoridade, poder e encanto! O Espírito Santo nos mostrará, uma vez mais, o que significa ter a poderosa Palavra de Deus acompanhada pelo poder convincente e condenatório do Espírito Santo para modificar um povo, uma nação e uma Igreja que, na sua maioria, deixou de pregar o conselho de Deus a uma geração que esperava.

Devemos ensinar todo o conselho de Deus com uma alegria e uma paixão que vêm do alto. E que possam irromper momentos revigorantes e revivificadores por toda a terra novamente, para a glória de Deus.

Apêndice A

Folha de Trabalho Sugerida para Fazer a Exegese Sintático-Teológica

Os princípios e os procedimentos que eu sugiro, como sendo os mais úteis, foram expostos, com mais detalhes, nos capítulos anteriores deste livro. Eles também são apresentados no volume *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching.* Em lugar de apresentar estes itens novamente, meramente seguirei o esquema encontrado na parte 2 de *Toward an Exegetical Theology.* Estes passos auxiliarão cada estudante das Escrituras, seja para preparar uma lição para um grupo de estudo da Bíblia, escrever um trabalho de exegese para uma faculdade ou seminário, preparar uma lição para a Escola Dominical, estudar nas suas devoções particulares ou compor um sermão para o culto de domingo. Obviamente, você faça modificações para adaptar o seu próprio estilo e ênfase: no entanto, o meu argumento é que sem os seguintes componentes as chances de que esta preparação caia natimorta nos ouvidos de seus ouvintes é extremamente elevada, uma vez que normalmente deixa de exibir o anel de autoridade que é encontrado no texto.

O processo que eu defendo aqui e em *Toward an Exegetical Theology* inclui cinco passos básicos na preparação de um texto para pregação ou ensinamento:

1. Análise contextual
2. Análise sintática
3. Análise verbal
4. Análise teológica
5. Análise homilética

Para dar forma definida ao que de outra maneira seria uma tarefa esmagadora eu aconselho que para cada lição, sermão ou estudo empreendido o expositor ou professor dedique sete ou oito páginas de papel para cada passagem bíblica escolhida. Estas páginas devem seguir aproximadamente o esquema abaixo.

Análise Contextual (página 1)

Cada passagem das Escrituras tem três contextos básicos: (1) um contexto canônico, (2) um contexto de livro, seção-do-livro e (3) um contexto imediato. Os contextos são importantes, pois nos ajudam a ver a floresta antes que nos concentremos nas árvores.

Contexto Canônico

Antes de tentar falar, ensinar ou aprender de alguma passagem individual, selecionada para a exposição ou o ensino, é necessário algum entendimento de todo o plano de Deus encontrado em toda a Bíblia. Isso pode ser conseguido lendo a Bíblia várias vezes e perguntando: "Se a Bíblia é a obra de uma mente, especificamente a mente de Deus, qual é a ideia central ou o plano que unifica todas as passagens das Escrituras?"

Outra maneira de alcançar isso é estudando as teologias bíblicas do Antigo Testamento e do Novo. No Antigo Testamento, eu sugiro um trabalho que fiz há alguns anos, intitulado *Toward an Old Testament Theology.* Neste livro, eu afirmava que há um único plano-promessa de Deus, que foi dado explicitamente a Abraão no início, mas se destinava a ser a declaração de Deus dos meios pelos quais Ele abençoaria o mundo inteiro. Outro livro deste tipo veio da

pena de Elmer A. Martens, em 1981, *God's Design: A Focus on Old Testament Theology.*

Contexto de Livro e Seção

Depois de termos descrito, em uma sentença ou duas, o tema unificador de toda a Bíblia, é o momento de fazer duas outras perguntas: (1) Qual é o propósito global e o plano para o livro da Bíblia em que nossa passagem é encontrada? E (2) onde estão as interrupções naturais que formam a seção principal deste livro da Bíblia e que trazem o plano e o propósito de Deus?

Por exemplo, no livro de Malaquias, eu sugeriria que o propósito e plano global podem ser encontrados em dois textos:

"Eu vos amei, diz o Senhor" (1.2).
"Porque eu, o Senhor, não mudo" (3.6).

Assim, eu proporia que o propósito de Malaquias é revelar o amor imutável de Deus por nós.

As divisões do livro são importantes se desejarmos ver como o plano e o propósito se desenrolam. Às vezes, há palavras ou fórmulas repetidas que ocorrem no início (rubricas) ou no final (colofão) de cada seção, permitindo desta maneira que vejamos a própria maneira que tem o autor de dividir o texto para nós. Malaquias usa o artifício de uma pergunta feita pela audiência, a fim de introduzir cada uma das suas seis seções no livro (1.1-5; 1.6, 2.9; 2.10-16; 2.17, 3.6; 3.7-12; 3.13; 4.6). Outras seções são iniciadas por um colofão, como Isaías 40.48, Isaias 49,57 e Isaías 58-66, com a frase aparecendo no final das duas primeiras: "Os ímpios... não têm paz" (48.22; 57.21).

Contexto Imediato

Identifique em um curto parágrafo ou dois o que precedeu e o que se segue ao bloco de texto que deverá ser ensinado. Este contexto

tem um componente histórico, geográfico e literário. Aqui se deve confiar nos dicionários bíblicos, enciclopédias bíblicas, publicações de arqueologia, histórias de Israel e outras fontes semelhantes.

A pergunta que deve ser respondida aqui é como este texto contribui para o propósito do livro e da seção em que se encontra. A seguir, devemos investigar quais novas contribuições a esta estratégia global podem ser encontradas neste livro que foi selecionado.

Análise Sintática (páginas 2,3)

Tipo Literário

Cada segmento da Bíblia tem seu próprio formato distintivo, que pertence a um dos gêneros estudados nos capítulos anteriores. Com as descrições dadas nestes capítulos, devemos localizar o gênero apropriado e passar a interpretá-lo de acordo com as exigências deste tipo literário.

Determinação dos Parágrafos e suas Formas Correlatas

Nas passagens em prosa, o nosso texto mostra o seu desenvolvimento com o uso de parágrafos. Um parágrafo é simplesmente uma unidade de pensamento que geralmente contém uma única ideia. Em um gênero poético, as designações equivalentes para a evolução das ideias são estrofes. Uma passagem narrativa, por outro lado, empregará cenas para expressar suas ideias.

A melhor maneira de determinar estes parágrafos, estrofes ou cenas é, antes de mais nada, tentar ver onde há uma mudança de pensamento. Depois que você tiver feito uma divisão inicial dos textos em parágrafos, estrofes ou cenas, consulte quatro ou cinco versões em português ou hebraico dos mesmos textos para ver as concordâncias ou discordâncias que há.

Eu sugeriria que você fizesse uma tabela simples que relacionasse as abreviaturas para as várias versões consultadas (como as versões

KJV, RSV, NASB, NVI, NEB OU NAB em inglês, ou ARC, ARA, TB, NTLH, e outras, em português) no topo de uma folha de papel. A seguir, escreva à margem esquerda a numeração dos versículos da sua passagem. Trace, então, uma linha horizontal junto ao número de cada versículo onde cada versão termina o seu parágrafo (ou equivalente). Uma última coluna poderia ser intitulada "Minha" para mostrar a sua decisão final quanto ao ponto onde deve estar a divisão dos parágrafos, com uma lista de motivos resumidamente relacionada no pé da página.

Observe como cada cena é normalmente delimitada onde há uma mudança de tempo, lugar ou pessoas. É verdade que muitas versões (como a NVI) assinalam uma mudança sempre que muda o orador, mas isso leva a uma situação em que se tem muitos pontos para o propósito da pregação. Além disso, os vários oradores ainda continuam no mesmo lugar, ou lidando com a mesma situação, de modo que não há necessidade de que o intérprete introduza um novo pensamento ou ponto principal no seu esquema.

Sentença que Contenha o Tema Principal

Depois de delimitar os parágrafos (ou seus equivalentes em outros gêneros), o passo seguinte será identificar o tema ou a sentença que contenha o tema, em cada parágrafo. Esta sentença poderá aparecer no início, no meio ou no fim de cada parágrafo. Quase sempre ela é expressa e representa a ideia principal, que informa de que se trata o parágrafo.

Diagrama de Bloco ou Distribuição Mecânica da Passagem

Uma vez encontrada a sentença com o tema para cada parágrafo, é melhor tomar uma folha de papel sem pauta e desenhar uma margem com aproximadamente meia polegada de largura do lado esquerdo do papel (ou do lado direito se você vai escrever em hebraico que é escrito da direita para a esquerda).

Coloque a sentença do tema alinhada com a margem que acabou de desenhar. A seguir, mostre como cada cláusula, frase e sentença estão relacionadas com esta sentença do tema, sangrando-as para que se encaixem abaixo (se seguir à sentença do tema no parágrafo) ou acima dela (se preceder a sentença do tema). A gramática e a sintaxe são o que realmente determinarão o espaçamento das margens com uma flecha apontando para a palavra que a cláusula modifica ou com a qual se relaciona gramaticalmente. Cada vez que aparece um sinal de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação), ou que uma cláusula ou frase termina, devemos tomar uma decisão: "Para onde foi a ação?" Isso é similar a dirigir e chegar a uma intersecção na rodovia. Devemos cruzar a intersecção ou devemos virar à direita ou à esquerda? É a decisão que o exegeta também deve tomar.

É a disciplina de ser forçado a tomar tais decisões sobre estas características gramaticais e sintáticas que nos obriga a reduzir a velocidade, certificando-nos de que estamos realmente ouvindo o que é ensinado, descrito ou defendido para nosso aprendizado e crescimento nas Escrituras.

Análise Verbal (página 4)

Frequentemente, é feita a pergunta: "A quais palavras eu devo prestar atenção no texto?" A primeira resposta a esta pergunta é que eu devo estudar todas as palavras que me causam dificuldades e que eu não conheço. Estas frequentemente são as melhores palavras para que eu me concentre, uma vez que são os pontos onde posso aprender e crescer. Se eu, como pregador e professor, não estou crescendo, certamente a minha congregação ou os meus alunos também não estão crescendo. A água pode subir somente à mesma altura da sua fonte. A mesma coisa é verdadeira neste caso.

Nós também devemos estar cientes de que a Bíblia é uma rica fonte de expressões figurativas. É melhor consultar E. W. Bullinger, *Figures of Speech Used in the Bible.* Esta obra, que surgiu em 1898 e que mais recentemente foi reimpressa pela Baker Books, é uma

fonte maravilhosa de cerca de 250 diferentes figuras de linguagem, com aproximadamente 8000 exemplos da Bíblia. O seu índice, com cada passagem da Bíblia listada em ordem canônica, segundo o livro, capítulo e versículo, é um excelente recurso para um intérprete.

Análise Teológica (páginas 5,6)

Um tipo particular de análise verbal deve ser elevada de sua categoria para receber atenção especial por causa da sua importância técnica e da profundidade com que enriquece o nosso ensinamento e a nossa pregação. É o estudo de todos os conceitos teológicos que são encontrados em uma passagem.

O iniciante pode não identificar imediatamente muitas palavras teológicas, contudo quanto mais lê a Bíblia, mais conhecerá bem estes termos e conceitos, conforme aparecem em variados textos.

As quatro maneiras pelas quais podemos conhecer estes conceitos são através de (1) termos-chave teológicos que assumiram status técnico por causa da frequência do seu uso ou a sua primeira aparição em passagens essenciais, (2) a analogia com passagens antecedentes das Escrituras, (3) a analogia da fé, e (4) comentários. Cada uma destas quatro maneiras necessita explicações adicionais.

Termos Teológicos Chave

Podemos confiar no nosso conhecimento da Bíblia ou no uso de Bíblias de referência, tais como a *Dickson Chain Reference Bible* ou a *Thompson Chain Reference Bible.* Outras edições impressas da Bíblia incluem referências cruzadas a outras passagens onde aparecem os mesmos termos e conceitos teológicos. Muitas Bíblias de estudo oferecem a mesma ajuda.

Em uma base puramente tópica, poderíamos verificar uma fonte como *Naves Topical Study Bible.* Outros desejarão usar o sumário ou os índices de teologias bíblicas, ou, o que é ainda mais importante, os inúmeros dicionários ou léxicos teológicos em português, hebraico e grego.

Muitos destes estudos léxicos são divididos em quatro partes: (1) aspectos descritivos (abrangendo questões de forma e função), (2) estudos de distribuição (quantas vezes uma palavra é usada em cada uma das suas formas gramaticais e em quais livros), (3) cognatos e comparações com palavras em outras línguas semitas e (4) aspectos contextuais da palavra.

A Analogia de Passagens Anteriores das Escrituras

Muitos termos teológicos têm "uma história interior de exegese". Isto é, os mesmos termos foram usados em uma ou mais passagens-chave que apareceram antes do texto sob consideração. Na maioria destes casos, o autor posterior estava usando o termo anterior com o entendimento que tinha obtido da sua primeira aparição, pois na sua época este texto anterior era a Bíblia, contra a qual o autor posterior ouviu esta nova mensagem de Deus.

Estas referências poderiam estar na forma de termos teológicos idênticos, referências ou citações diretas de textos anteriores, ou alusões e referências diretas a pessoas ou eventos que tinham passado a ter influência na vida de Israel para o seu entendimento de quem é Deus e do que Ele faz.

A Analogia da Fé

Esta analogia é diferente da analogia das Escrituras anteriores que acabamos de examinar. Na analogia da fé, nós apelamos para a disciplina da teologia ou doutrina sistemática para examinar a Bíblia e tomar os versículos que pertencem a determinada doutrina da fé. Aqui, usamos uma abordagem tópica ao nosso assunto. Da mesma maneira como alguém vai aos campos e apanha várias flores para fazer um buquê, também na analogia da fé o intérprete leva em consideração uma concordância para encontrar todos os pontos em que um termo teológico é usado na Bíblia, ou confia em teologias sistemáticas que fazem o trabalho da coleta. Os versículos são arranjados de um buquê e apresentados como o ensinamento de toda a Bíblia

ɔbre este tópico. Os intérpretes devem ser cuidadosos para usar este rocedimento apenas em seus sumários dos pontos afirmados em ma passagem, para que o exegeta não interprete no texto signifi-ados de ensinamentos que são encontrados em outras passagens da íblia. Mas uma vez que o significado seja estabelecido em um texto os correspondentes obviamente venham de ensinamentos encon-ados em toda a Bíblia, não devemos supor que não possuímos toda Bíblia. Nós devemos ser claros em nossas metodologias para nos ertificar de que o significado seja realmente encontrado e obtido o texto, e não importado a ele porque alguma coisa semelhante é sinada em outra passagem da Bíblia.

Comentários

Sempre tente determinar o que a passagem ensina com base na ramática e na sintaxe do texto antes de ir para os comentários. No ntanto, não há necessidade de clamar por uma "onicompetência" u supor que o Espírito Santo não operou junto aos outros que estu-aram este texto. Portanto, escolha dois ou três comentários e deixe ue conversem entre si. Avalie a relevância e a autenticidade do seu ntendimento do texto em comparação com o significado das pa-avras no contexto imediato que você está estudando. Registre os onceitos-chave de cada comentarista, e mostre como às vezes eles se nulam uns aos outros ou como o texto deixa de apoiar alguma de as declarações. Então conclua com a sua própria avaliação sobre os esmos temas tratados por eles.

nálise Homilética (página 7)

É chegado o momento de reunir tudo isso de forma que os ou-intes possam ouvir de uma maneira renovada a voz de Deus, diri-indo-se a eles em suas situações e vida da era moderna. Isso requer latividade, talento artístico, fidelidade ao texto, e o processo ao ual chamamos de "tornar principais" os pontos principais da pas-agem.

O Assunto ou Título da Mensagem ou Lição

Normalmente, cada passagem tem aquilo a que podemos nos referir como um ponto principal ou ponto focal. Ele pode ser um versículo central que incorpore toda a verdade da passagem ou uma sentença culminante, memorável ou organizadora que resume todo o texto em consideração. Estas palavras funcionam como o sustentáculo ou alavanca de toda a passagem.

É esta expressão, cláusula, sentença ou versículo que nos dará as melhores ideias para declarar o assunto ou título da nossa lição ou sermão. O assunto ou título deve ser declarado de tal maneira que capte a atenção dos ouvintes modernos. Deve, também, ser expresso de uma maneira que não seja meramente uma declaração didática ou um truísmo sobre o passado. Uma sugestão é usar, no título, um verbo no gerúndio para dar a ideia de uma exortação que está em andamento.

A Interrogativa

Uma forma de pregação e ensino é chamada de abordagem proposicional. Ela é de grande ajuda, pois nos auxilia a organizar o ensinamento para cada um dos parágrafos, cenas ou estrofes. E nos incentiva a usar uma das seis partículas interrogativas para determinar o que a passagem está tentando fazer. Devemos perguntar: "Esta passagem responde à pergunta 'quem', 'o que', 'por que', 'onde', 'quando' ou 'como'?" Somente uma das interrogativas pode ser escolhida para cada sermão ou lição. A maneira de fazer isso é tomar o assunto ou título que escolhemos e então percorrer o nosso diagrama de bloco ou a distribuição mecânica e perguntar para cada um dos parágrafos (ou seus equivalentes — "É isto [insira aqui o título da mensagem] sobre um quem, que, por que, onde, quando ou como?" Uma dessas palavras responderá à pergunta mais adequadamente do que as outras.

A Palavra Homilética Chave

Uma combinação perfeita para cada interrogativo é o que chamamos de palavra homilética chave. Esta palavra-chave tem três características básicas que devem estar presentes. Ela deve ser: (1) um substantivo que dê nome a algo, (2) um substantivo abstrato e (3) um substantivo abstrato plural. O único substantivo que não se qualifica aqui é o substantivo "coisas". Este substantivo não dá nome ao que temos em mente; portanto, não deve jamais aparecer. O substantivo usado deve ser abstrato, pois nós desejamos declarar princípios que serão úteis ao nosso tempo. Mas como normalmente estaremos tratando com mais de um parágrafo, o substantivo deverá também estar na forma plural.

Assim, para dar uma ideia de como isso funciona, quando percebermos que a interrogativa é "Por quê?", palavra homilética chave normalmente será "razões" ou "motivos". Se a interrogativa for "quando?", a palavra-chave será "ocasiões" ou "situações". Se for "como?", a palavra-chave poderá ser "maneiras" ou "abordagens".

Os Pontos Principais de uma Passagem

Cada parágrafo (ou seu equivalente) resultará em um ponto principal ou enunciado. Cada um dos enunciados responderá à interrogativa da maneira definida pela palavra homilética chave escolhida para esta passagem. O exegeta deve reafirmar os temas de cada um dos parágrafos na forma de verdades atemporais e permanentes que aplicam as ideias dos autores bíblicos fielmente e, ao mesmo tempo, aplicam estas verdades às necessidades atuais do nosso mundo.

O Apelo da Conclusão

Cada lição ou sermão deve incluir um ou dois parágrafos de conclusão que tragam uma convocação a agir, um desafio a mudar, um apelo para a consciência, consolação para o presente e para o futuro ou uma acusação pelo modo de vida impenitente. A pergunta que devemos fazer é esta: "O que é que Deus deseja que nós digamos,

ou façamos, ou de que é que Ele deseja que nos arrependamos, com base neste texto?"

Como embaixadores de Cristo imploramos que as pessoas se re conciliem com Deus. Uma boa porção de nossa preparação deve se dedicada a orar, percorrendo o texto, com o desejo de fazer um apelo à ação com base no texto. Frequentemente os evangélicos se satis fazem em concluir a mensagem com um apelo somente às nossas habilidades cognitivas. Nós pedimos que os nossos ouvintes creiam recordem, relembrem, todos atos de cognição. Mas raramente nos dedicamos a específicos conjuntos de atos que a passagem exige de quem a ouvir. Até que a Palavra de Deus receba uma resposta de ação, o pregador ou professor não terá alcançado os resultados que o bom ensinamento exige.

Apêndice B

A Integridade Bíblica em uma Era de Pluralismo Teológico

Em minha opinião, o momento mais dramático em todo o século XX ocorreu em 1946, quando W. K. Wimsatt e Monroe Beardsley publicaram seu artigo "The Intentional Fallacy" no *Swanee Review.*[1] Isso acabaria tendo repercussões durante todo o século e por todo o mundo literário. Muitas das cuidadosas distinções que eles fizeram agora estão perdidas nas versões populares da sua obra, distinções que agora são interpretadas como defendendo algo como o seguinte: o que quer que um autor tenha dito, ou pretendido dizer, com suas palavras por escrito, é agora irrelevante diante dos significados que acabamos atribuindo como o significado que vemos no texto deste autor! Com base nisso, o leitor é quem define o significado de um texto.

Esta assombrosa tese alterou todas as regras de comunicação e interpretação. Ela deu ao caminho para o pós-modernismo com suas metodologias um enorme incentivo definindo uma obra literária livre das declarações e do pensamento do seu autor, substituindo-os por uma multiplicidade de significados que eram imputados à obra por cada leitor! Isso se tornou o centro da questão da integridade

enquanto o século XXI agora luta para ver se a palavra *integridade* ainda tem algum significado nos nossos dias!

Reimpressão, com alterações, de *Evangelical Journal* 18 (2000): 19-28. Usado com autorização.

O problema com as gerações anteriores, ditas pelos pós-modernistas, foi a "falácia intencional", isto é, a falácia de depender do que um autor quis dizer com suas palavras, como a verdadeira fonte do significado de um texto. Mas, ao contrário, alardeava a Nova Crítica, o significado devia ser encontrado no leitor, ou, pelo menos, em alguma fusão dos horizontes do autor e do leitor, como tentou declarar Hans-Georg Gadamer em 1960.

O livro de Gadamer, *Truth and Method*[2] apresentou a tese encontrada no título do livro; especificamente, que a verdade não consegue resistir ao esforço de um leitor de retornar ao significado do autor. Esta é uma tarefa impossível, pois cada intérprete tem um conhecimento novo e diferente do texto, segundo o momento histórico individual do próprio leitor. Consequentemente, o preconceito não pode ser evitado, pois a interpretação prévia que alguém traz ao texto distorce a sua capacidade de alcançar qualquer significado unificado desse texto — e muito menos o significado do autor! Na verdade, o preconceito deve ser encorajado, e não negado, no processo da interpretação. De qualquer forma, o significado de um texto é indeterminado, então por que se deve agir como se fosse fixo? O significado sempre vai além do seu autor, e, portanto, é uma atividade produtiva e não reprodutiva. Somente o assunto, e não o autor é que determina o significado. No final, afirmou Gadamer, uma explicação de uma passagem jamais é inteiramente o resultado da perspectiva do intérprete, ou o resultado da situação histórica original do texto. Em vez disso, é o resultado de uma "fusão de horizontes" (alemão, *Horizontverschmeltzung*). Aqui, as duas perspectivas se tornam uma terceira e nova alternativa, e consequentemente, um novo significado. No entanto, os significados passados não podem ser reproduzi-

dos no presente, pois o passado, como se declarou confiantemente, não pode ter presença nem status real no presente. Mas o que é tudo isso, senão uma dialética hegelianista mal disfarçada de uma tese que é oposta por uma antítese, que resulta em uma síntese?

Se o século XX não foi suficientemente hesitante para as teses de Wimsatt, Beardsley e Gadamer, de 1946 a 1960, ainda viria Paul Ricoeur, em 1965.[3] Ele também se uniu ao ataque à integridade de qualquer comunicação escrita, exigindo que um texto fosse semanticamente independente da intenção do seu autor. Um texto significaria o que é dito à mente do leitor, não necessariamente o que o seu autor quis dizer. Uma vez que o texto tivesse sido escrito, os seus significados não mais eram determinados pelo autor nem pelo entendimento que o público original tinha tido dos mesmos textos. Cada público posterior podia interpretar a sua própria situação em um texto, pois um texto, diferentemente da palavra oral, transcende as suas circunstâncias originais. Ainda que estes novos significados não devam ser completamente contraditórios ao entendimento do público original, podem ser diferentes, mais ricos ou até mesmo mais empobrecidos. No final, Ricoeur definiu a possibilidade de que os textos abrissem um mundo inteiramente novo de significados, uma vez que o significado não mais estava diretamente relacionado com o que estava escrito, ou, às vezes, nem mesmo com o que era mencionado no texto. O novo significado era livre dos limites situacionais de significado.

Em meio a esta cacofonia de vozes, a esta altura, quase universal, dois autores solitários ousaram dar início ao movimento para assassinar o autor: um italiano, historiador de direito, Emilio Betti e um professor americano de inglês na Universidade de Virginia, E. D. Hirsch. Hirsch escreveu pela primeira vez em 1967,[4] admitindo a sua dívida com a obra de Betti, de 1955, em Roma.[5] Hirsch perguntava como podemos confirmar os significados que atribuímos aos textos que lemos. A sua resposta por rejeitada por quase a totalidade da sua geração — e até mesmo por alguns evangélicos. Ele ousou argumentar que o significado verbal é qualquer coisa que o autor

deseje transmitir por alguma sequência de palavras. Além disso, continuou, a única norma verdadeiramente discriminante, para distinguir interpretações válidas ou verdadeiras de inválidas ou falsas é a das declarações ou intenções verdadeiras do autor. Dessa maneira, o significado é aquilo que é representado por um texto; a importância, por outro lado, se refere a um relacionamento entre aquele significado e uma pessoa, um conceito, uma situação ou outras coisas. O significado de um texto é fixo, mas a importância pode mudar, e realmente muda.

As polaridades definidas pelos nomes anteriores são as que continuam a dominar o século XXI. É esta questão, mais do que qualquer outra, que trouxe a crise à integridade literária.

A Integridade Bíblica na Exegese

O abandono moderno do autor como o determinador do significado de um texto teve um efeito radical nos livros e manuais que foram produzidos sobre interpretação bíblica e literária nas quatro últimas décadas. Em um esforço legítimo de evitar a condição incapacitante de morte e de aridez de mera repetição descritiva dos materiais bíblicos, em que os "então" do contexto histórico da era a.C. ou século I d.C. controlavam todo o sermão, muitos foram para o oposto extremo tornando o leitor soberano, acima do processo do significado. Neste balançar do pêndulo, muita ênfase é colocada, hoje em dia, sobre o "agora", com uma ênfase na aplicação ou na importância do texto, de modo que pouco ou nenhum esforço é feito para ver se há alguma conexão entre a importância enfatizada ou a aplicação de um texto e o significado que o autor desejava.

Mas em que base um pregador ou professor evangélico se coloca para tal separação na Palavra de Deus, desta maneira prejudicando a autoridade divina do texto para o povo de Deus? A resposta não tardou em vir. Para alguns evangélicos, ela se situava em duas áreas: (1) a prática da comunidade de Qumran, que foi atribuída à época aproximada do nosso Senhor Jesus, e (2) a prática supostamente expansiva e subjetiva dos autores do Novo Testamento na sua cita-

ção do Antigo Testamento. O argumento que ainda é amplamente aceito pelos evangélicos hoje em dia, e que eu creio acarreta o detrimento do nosso movimento e, em última análise, da doutrina reverenciada das Escrituras confiáveis e inequívocas, é o fato de que há um excedente de significado encontrado na Bíblia que vai além do entendimento dos próprios autores. Este excedente foi introduzido no texto, aparentemente, por Deus, sem que os autores soubessem disso. Deus, que é o autor supremo e divino das Escrituras, foi capaz de introduzir estes significados adicionais no texto de tal forma que eles iludiram os autores humanos que originalmente escreveram estes textos sob a inspiração de Deus. Consequentemente, uma teoria de dupla autoria foi desenvolvida no nosso meio atribuindo o significado histórico, gramatical, contextual ao autor humano, ao passo que o significado mais profundo, espiritual ou aplicado será encontrado no que alguns chamam de significado *sensus plenior*, ou o que outros chamam de significado *midrashic*, ou *pesher* do texto.

Como chegamos a essa situação? Isso aconteceu em três estágios. A primeira fonte desta ênfase foi o autor católico Andrea Fernandez, em 1925, que foi o primeiro a cunhar o termo *sensus plenior* e a escrever sobre ele. No entanto, somente quando o Padre Raymond E. Brown concluiu a sua tese de doutorado, em 1955, na Universidade de St. Mary, com o título "The Sensus Plenior of Sacred Scripture", o assunto começou a aparecer também em círculos evangélicos, cerca de dez ou vinte anos mais tarde. Brown definiu *sensus plenior* como "aquele significado adicional e mais profundo, tencionado por Deus, mas não tencionado claramente pelo autor humano, que começa a existir nas palavras do texto bíblico... quando são estudados à luz de novas revelações ou de uma evolução no entendimento da revelação".[6] Esta perspectiva propôs uma trilha de duas partes para a revelação: uma que estava na superfície do texto e uma mais profunda, que estava escondida, em algum lugar que não fosse nas palavras, na gramática ou na sintaxe, para que pudesse ser descoberta pelas gerações futuras. De modo alternativo, ele permitia que a revelação posterior (por exemplo, como se vê no Novo Testamento) se nivelasse

ou equiparasse ao mesmo sentido que revelações anteriores tinham anunciado, mas a base para o ajuste deste novo nível de significado jamais foi defendida. Tampouco foi dada evidência textual, além de dizer que todas as passagens das Escrituras têm o mesmo autor divino. Além disso, argumentou-se que se Deus é a fonte suprema da revelação, Ele é livre para imputar quaisquer significados que queira apesar das restrições semânticas e linguísticas que normalmente são encontradas no texto.

O segundo estágio veio em uma série de dissertações, normalmente escritas para teses de doutorado sobre o Novo Testamento no Reino Unido, e que tratavam do uso que o Novo Testamento faz de citações do Antigo Testamento. O primeiro desses trabalhos foi o de Earle Ellis, "St. Paul's Use of the Old Testament", mas foi seguido por várias outras dissertações. Comum à maioria delas era a tese de que os autores do Novo Testamento atribuíam a estes textos mais antigos um significado novo ou adicional que não podia ser encontrado no significado superficial ou na gramática do autor do texto. Esta questão foi acaloradamente contestada por alguns críticos nos anos 1970, 1980 e 1990, mas outros assumiram que a declaração seria verdadeira, desde que fosse o resultado de inúmeras teses de doutorado.

O terceiro estágio que se desenvolveu simultaneamente com o segundo, foi a descoberta de vários comentários entre os Rolos do mar Morto. A comunidade de Qumran praticava o que era chamado de *apesher*, tipo de exegese, em que valores, pessoas e situações contemporâneas eram diretamente atribuídos como valores de exegese das pessoas e situações antigas do texto bíblico. Assim, o "justo" de Habacuque 1.4 se tornou o fundador da seita de Qumran, o seu "professor de justiça". De igual maneira, no comentário da comunidade do mar Morto sobre Habacuque, os caldeus ou babilônios, foram convertidos nos contemporâneos romanos, que estavam ameaçando a comunidade dos essênios.

Os três movimentos convergiram na segunda metade do século XX para se alinhar com o desenfreado movimento da abolição do

autor do processo interpretativo. Os evangélicos não concordaram com uma ação tão extrema, naturalmente, mas podiam evidenciar um tipo de complacência que mostrava que eles estavam dispostos a argumentar a favor de uma multiplicidade de significados sob determinadas circunstâncias.

Assim, o texto evidenciava um significado mais profundo que Deus tinha de alguma maneira escondido no texto até que gerações futuras repentinamente descobrissem a teoria de duplo autor das Escrituras? Os autores do Novo Testamento, na verdade, exibiam uma postura revelacional em seu uso supostamente expansivo de citações do Antigo Testamento que mostrava que havia mais no texto do que o olho via nos tempos do Antigo Testamento? E os apóstolos de Jesus não somente estavam cientes de tais métodos interpretativos no século I, como *pesher* e *midrash*, que abriram novos panoramas de significado, mas também não nos convidaram a seguir os seus supostos exemplos? Ou os apóstolos tinham uma posição de revelação privilegiada que permitia que eles expandissem o que não podia ser visto no texto, enquanto nós sob nenhuma circunstância, devemos imitar os seus procedimentos, uma vez que não somos recipientes da revelação tal como é encontrada nas Escrituras? Isso equivale a dizer que os apóstolos poderiam obter os assim chamados "significados mais profundos" dos textos do Antigo Testamento que citavam, mas nós não devemos seguir o seu procedimento, uma vez que eles receberam habilidades especiais para fazer isso em virtude do seu dom de revelação?

A Crise no Púlpito

Coitado do pobre pastor em meio a toda esta diversidade e pluralismo! A quem ele poderá recorrer em busca de uma palavra de autoridade de Deus? Uma opção é confiar no próprio instinto e dizer que o significado mais profundo que se deseja atribuir ao texto é o correto, pois ele é um crente que pode perceber os significados que não podem ser imediatamente confirmados por uma investigação da gramática e da história que estão diante de nós no texto. Se tal sub-

jetividade não for permitida pelas novas regras do jogo, então isso é muito melhor do que o tedioso trabalho de provocar o significado do texto trabalhando com a gramática, a sintaxe, a história e a teologia dos textos em grego, aramaico e hebraico.

Outros talvez decidam que, se os apóstolos pudessem encontrar tão ricos significados no Antigo Testamento que não tivessem sido advogados por métodos mais antigos de interpretação, então, talvez na nova era do Espírito, este pastor pudesse de igual maneira aplicar uma pequena "extensão hermenêutica" a textos similares. Isso seria particularmente compreensível uma vez que a comunidade do século I era provavelmente exposta a métodos como *pesher* e *midrash.*

Apesar de todas as racionalizações deste tipo, ó pastor ou professor, eu insisto que você não siga nenhum destes métodos. Eles estão carregados com graves ciladas, sendo a calamidade suprema a perda da autoridade divina pelo que está sendo comunicado do púlpito caso estas regras forem coerentemente aplicadas até o fim. O que é necessário hoje, é a sólida pregação da Palavra de Deus, em toda a sua extensão (todo o conselho de Deus), em todas as suas declarações (parágrafo após parágrafo, capítulo após capítulo) e em todo o seu poder (por ser escrita sob a inspiração do Espírito Santo). Fazer menos do que isso será como usar uma pistola de água para apagar um incêndio de secularismo e paganismo (e um exército de outros "ismos") que tragaram a cultura.

No entanto, ouvem-se protestos ruidosos, quase imediatamente. Eles se queixam: "Mas Deus, o verdadeiro autor das Escrituras, não pode incluir um segundo significado que é desconhecido do autor humano das Escrituras?" Isto parece ser suficientemente espiritual, mas será que é? Eu declaro que esta é uma representação inexata dos fatos. Deus não usou a linguagem dos anjos, nem outra semelhante, mas falou aos mortais na linguagem do mercado grego e da língua dos cananeus pagãos. Por quê? Por uma razão, e nenhuma outra: Para ser entendido!

Se o argumento é que parte da comunicação divina devia estar sujeita as regras normais de interpretação, mas outra parte devia es-

tar isenta destas restrições, então devemos pedir àqueles que fizeram esta afirmação, que nos mostrem qual parte pertence a qual lado e qual foi o critério usado para fazer esta divisão. E se ainda houver o argumento de que os autores do Novo Testamento receberam esta linha de demarcação, capacitando-os a fazer tal bifurcação da mensagem, também devemos supor, fazendo uma concessão momentânea ao argumento anterior, que o número de passagens que têm este significado oculto, ou secundário, se esgota pela lista de passagens que os autores do Novo Testamento realmente citam do Antigo Testamento? Ou será esta lista meramente sugestiva, e neste caso o nosso pedido original do critério deve ser atendido? O que é particularmente difícil é fornecer o critério para este *sensus plenior.* Seja o que for, ele não é encontrado no *graphe*, no que está escrito. Mas isso, então, recai nos tempos difíceis, quando se percebe que somente o que está escrito é inspirado por Deus, de acordo com Paulo, em 2 Timóteo 3.15-17.

O argumento de que Deus deliberadamente deixou um *hyponoia*, ou um significado oculto, no texto bíblico, para ser decifrado posteriormente, quando o código seria quebrado ou revelado para intérpretes escolhidos, se não todos, leigos e do clero, é uma declaração extremamente audaz, para dizer o mínimo. A palavra "revelação" é uma palavra que clama que Deus desejava "revelar", "descobrir" o significado que tinha em mente, quando falou aos seus autores. Declarar mais ou menos do que isso é discordar do próprio Deus. Não há uma sombra de evidência da presença de um significado secundário, místico ou oculto, ou *hyponoia* dentro do texto, ao redor do texto, ou sob o texto. O peso da prova está naqueles que afirmam que tais sentidos e significados secundários estão presentes ao ponto em que nós somos ensinados desta verdade, na própria revelação bíblica. Nós pedimos somente que eles expliquem claramente o critério para localizar a presença deste fenômeno no texto, e então nos dêem as ferramentas de que vamos precisar para encontrar estes valores e significados secundários. Até então, devemos, basicamente, interpretar os textos da maneira como interpretamos uns aos outros

— isto é, a menos que desejemos que cesse toda a possibilidade de comunicação!

A Crise nos Cursos Teológicos e na Igreja

O que começou como uma crise de epistemologia e exegese, em que não havia lugar para a verdade absoluta, muito menos para a Palavra de autoridade de Deus, se espalhou em grandes ondas de consternação. Também houve uma crise na vida da Igreja e nos seminários teológicos, especialmente durante as três últimas décadas. Três dimensões desta crise foram delineadas no livro de Jeffrey Hadden, *The Gathering Storm in the Churches.*[7] Hadden encontrou uma crise de fé, de propósito (qual é a missão da Igreja?) e da orientação dos líderes da Igreja (uma nova classe de burocratas da igreja, que não estavam intimamente conectados com a vida congregacional).

À medida que o mundo de pluralismo engolia a igreja e os seminários, a perda tripla, mencionada por Hadden, se tornava mais óbvia. Os seminários perderam a sua conexão e identidade como instituições da Igreja e tenderam a se tornar centros autosuficientes de reflexão e pensamento teológicos. Com muita frequência, com certas notáveis exceções no mundo evangélico, os seminários tendiam a adaptar seus ensinamentos à cultura do mundo do pós-Iluminismo, revisando ou simplesmente negando a fé que a Igreja tinha confessado no seu passado. Essa adaptação foi autodestrutiva para a teologia e para a própria existência da igreja.

O livro de James Turner *Without God, Withoud Creed* descrevia esta tendência descendente na doutrina também. Ele disse:

> O ingrediente crucial, então, na mistura que produzia uma fé duradoura eram as escolhas dos crentes. Mais exatamente, a descrença resultava das decisões que os líderes influentes da Igreja — autores leigos, teólogos, ministros — tomaram, sobre como confrontar as pressões modernas sobre a crença religiosa. Nem todas as suas decisões eram o resultado de demorada e cuidadosa reflexão... Mas eram esco-

lhas... para neutralizar as ameaças modernas às bases tradicionais de fé, adaptando Deus à modernidade.

...Em palavras ligeiramente diferentes, a incredulidade emergiu porque os líderes da igreja com excessiva frequência se esqueciam da transcendência essencial que é peculiar ao Deus verdadeiro. Eles buscaram uma religiosidade funcional na tentativa de tornar o mundo melhor tanto em termos humanos como intelectuais. Assim, desejavam conhecer a Deus de um modo humano e intelectual, baseando-se apenas no entendimento deste mundo.[8]

Turner pensou que a segunda razão para a perda de enfoque era a multiplicidade de questões que eram abordadas nos seminários, que chegam às questões ambientais e políticas. Os seminários se tornaram voltados para as causas, com o tempo que anteriormente era dedicado ao estudo de textos bíblicos e teologia agora dedicada a uma multiplicidade de causas, muitas das quais eram imperfeitas e condenadas à morte tão logo os seus defensores desaparecessem. O evangelho foi prostituído por causas paroquiais imperfeitas, especialmente aquelas em que o seminário não possuía experiência: decisões de política externa, plataformas políticas e econômicas e as causas de todos os tipos de grupos que diziam ter sido vítimas do "sistema".

A terceira razão de Turner por que a Igreja perdeu suas raízes e sua missão era a tendência do seminário de se conduzir como se fosse uma faculdade ou mini-universidade. Os seminários hesitavam ensinar de uma posição que afirmasse determinadas verdades da fé e adotavam, em seu lugar, uma posição de conduzir os estudantes em uma jornada de estudo crítico da religião. O desenvolvimento do caráter e da virtude não mais fazia parte do chamado do seminário, não mais do que era a declaração e a transmissão da fé transmitida aos santos de uma vez por todas. Já não mais se supunha que alguém que tivesse se graduado em um seminário tivesse lido a Bíblia e tivesse familiaridade com as principais doutrinas da fé e a sua defesa. A instrução de grego e hebraico logo deixou o currículo de muitos seminários, assim como os cursos em conhecimento da Bíblia e dou-

trina. Na verdade, mesmo com estas expectativas tão baixas dos graduados, a situação ficou ainda pior quando já não mais se esperava, e muito menos se exigia que os novos professores dos seminários tivessem se formado em um seminário. O distanciamento do conteúdo necessário e do ensino da fé cresceu ainda mais.

Alguns Efeitos Duradouros do Pluralismo

A imagem que emerge quando a Igreja entra no século XXI não é nem um pouco encorajadora. Embora o evangelicalismo tenha se isolado de algumas maneiras do grande impacto da perda de um significado determinado na interpretação da Bíblia e do pluralismo emergente da pós-modernidade, ele é suscetível a algumas das mesmas forças culturais que têm moldado muitas instituições não evangélicas. Impedindo uma grande renovação e reforma do movimento evangélico, a igreja evangélica provavelmente seguirá, ainda que atrasada, o padrão já estabelecido por muitos que fizeram as pazes com a cultura contemporânea e a adaptaram onde podiam.

De que se abriu mão na adaptação à era pós-Iluminista? John H. Leith forneceu a mais incisiva lista de perdas, na sua obra a respeito da sua própria tradição eclesiástica, na obra *Crisis in the Church: The Plight of Theological Education.*[9] Aqui eu apresento uma modificação e uma certa reorganização de muitos dos seus pontos. A primeira grande perda é a perda da orientação da igreja, como resultado das posturas dos departamentos teológicos das universidades e da secularização da igreja. Leith aborda vários aspectos sob este título, que merecem uma reflexão. Em primeiro lugar, esquemas de pagamento que recompensem os administradores com valor significativamente mais elevado do que os professores com reputações internacionais demonstram que o seminário está seguindo um modelo secular e não o da Igreja. Em segundo lugar, a vida no campus do seminário geralmente não é diferente da vida em um campus secular. Em terceiro lugar, políticas seculares de estabilidade no emprego minam a confiabilidade da Igreja insistindo que os professores cujo ensino

não esteja de acordo com a vida da igreja ainda sejam conservados, mesmo que a Igreja não aprove isso.

Há também a perda de um senso de missão e direção em muitos seminários, hoje em dia. Qualquer ênfase na evangelização, no discipulado, e nas missões provavelmente trará um enxame de protestos de muitos que consideram tais tópicos abaixo da sua dignidade ou vocação em um centro de estudo acadêmico. Onde estão os encorajamentos para o crescimento na vida cristã? Eles são encontrados em poucas universidades, seminários e faculdades cristãos.

Acompanhando as perdas mencionadas acima, estão duas outras características que não são sinais saudáveis neste mundo pluralista. Uma delas é a perda da gratidão e da confiabilidade. Muitas das instituições consagradas de ensino superior foram construídas com doações de pessoas tementes a Deus e que amam a Bíblia e esperavam coisas melhores destas escolas. Mas hoje poucas relembram os doadores ou a sua fé e também não se vê nenhuma gratidão a Deus pelo seu sacrifício e visão. Esta ausência de memória é crítica, pois gera questões de moralidade assim como de direção. Como um conjunto inteiramente novo de propósitos pode ser adotado, substituindo e contradizendo os propósitos daqueles que construíram a instituição? Leith quase assume o papel de um antigo profeta quando acusa os líderes atuais destas instituições, perguntando-lhes como tais distorções poderia ser justificada.

Há também a perda da liberdade acadêmica real, uma vez que a revisão do currículo continua inabalável. Onde as escolas ensinavam Bíblia, história da igreja, teologia (incluindo ética) e teologia pastoral, muitos destes estudos foram substituídos por campos de estudo altamente especializados, permitindo pouco tempo para o domínio de uma visão abrangente da Bíblia e da teologia. Além disso, em um esforço para conquistar liberdade *para* o estudo da fé, o pêndulo já oscilou para o outro lado, com um grito por liberdade *da* fé. A liberdade acadêmica em um campus cristão não é algo fácil de definir. É preciso haver liberdade para estudar tudo de todos os ângulos possíveis, mas, para comunidades confessionais, isso deve ser feito

no contexto dos limites estabelecidos pela nossa fé. Jamais houve uma comunidade de estudo que estivesse igualmente aberta a cada ideia possível: tal versão absolutista não é possível nem mesmo para um secularista que esteja comprometido com a sua própria versão de relativismo, pluralismo ou outra. A teologia liberal pode ser muito liberal quando se trata de certos dogmas acordados culturalmente, mas é muito pouco liberal com relação às ideias que não adotou. As ortodoxias da correção política e certos "resultados assegurados da crítica literária da Bíblia" não deixam lugar para a tolerância, apesar da suposta fidelidade para com o pluralismo e a liberdade acadêmica.

Estas perdas não podem continuar por muito tempo sem que aconteça uma crise de graves proporções. Algo deve ceder neste estado de coisas. Ou a Igreja não mais reconhecerá o seu ramo acadêmico e a instituição deverá se tornar parte de outra missão/declaração de intenções, ou a instituição deverá examinar seriamente o que ela se tornou, abandonar alguns dos caminhos que trilha atualmente e adotar uma nova responsabilidade com a Igreja, a sua fé e o papel de autoridade das Escrituras.

A Conclusão de tudo isso

Está claro que quando aparecem críticas seculares aos departamentos de teologia e aos seminários, como o artigo de Paul Wilkes, publicado no *Atlantic Monthly* em dezembro de 1990, é o momento para que os membros da igreja, as universidades cristãs, administradores de seminários e os professores comecem a prestar atenção. Mas muitos, nestas escolas, começaram a disparar alarmes de que há uma crise em andamento. Nós já nos referimos a *Crisis in the Church,* de John Leith, que descreve a situação entre os presbterianos. Na United Methodist Church, Geoffrey Wainwright da Duke University e Thomas Oden da Drew University foram igualmente francos nas suas análises da dificuldade que se apresenta à Igreja e seus seminários ou departamentos de teologia. Robert Jenson e Carl Braaten detalharam a crise na Igreja Luterana e Christopher Seitz

expôs um artigo muito interessante em relação à igreja episcopal, no exemplar de junho-julho de 1994 de *First Things*.[10]

Os evangélicos não podem assumir um ar convencido e superior, pois a menos que tenhamos um cuidado vigilante, tão certo como o dia segue à noite, muitos seminários e igrejas evangélicos cairão nas mesmas ciladas. Será que não há nada que possa ser feito, para impedir esta triste situação entre os nossos próprios membros? Claro que há! A primeira linha de defesa neste debate é insistir que o autor tem o direito de determinar o que o seu texto quer dizer, antes que qualquer outra pessoa diga o que este texto quer dizer. Isto é crítico. Se esta batalha for perdida, os resultados desastrosos da modernidade e da pós-modernidade são inevitáveis.

Uma segunda linha de defesa é a necessidade de proteger todos os fundos da instituição com uma cláusula de dissolução que exige que o conselho de fiéis das nossas instituições cristãs votem anualmente decidindo se a instituição ainda está aderindo às declarações doutrinárias e propósitos que eram as bases sobre as quais as doações foram solicitadas. Caso isto não seja verdade, o conselho deverá transferir este dinheiro a outro grupo que esteja em conformidade com estas declarações doutrinárias e propósitos.

A sugestão final para conservar a integridade bíblica em meio ao banho cultural da subjetividade, do relativismo e do pluralismo, é instituir formas mais rígidas de confiabilidade à Igreja. Com muita frequência, há muita ênfase na aprovação de padrões de credenciamento de associações nacionais ou profissionais, mas não se presta nenhuma atenção a uma avaliação eclesiástica. Não seria mau se a cada cinco anos, cada uma das principais divisões do departamento de teologia do seminário voluntariamente convidasse segmentos da comunidade eclesiástica para avaliar seus objetivos, ensinamentos e processos, assim como os alunos que ela forma, da mesma maneira, como toda a universidade cristã deveria solicitar uma auditoria similar da sua obra. Essas avaliações por escrito e as respostas do seminário estariam disponíveis a doadores e estudantes em potencial, como outro guia para avaliar se um estudante deveria frequentar esta

Notas

Introdução

[1] John Bright, *The Authority of the Old Testament* (Nashville: Abingdon, 1967), p.151.

[2] Ibid., p. 92.

[3] Elizabeth Achtemeier, *The Old Testament and the Proclamation of the Gospel* (Filadélfia: Westminster, 1973), p.142.

[4] Foster R. McCurley Jr., *Proclaiming the Promise* (Filadélfia: Fortress, 1974), p. 39; Donald E. Gowan, *Reclaiming the Old Testament for the Christian Pulpit* (Atlanta: John Knox, 1980), p. 4.

[5] Gowan, *Reclaiming the Old Testament,* p. 13.

Capítulo 1: A Importância do Antigo Testamento Hoje

[1] Veja Walter C. Kaiser Jr., *Toward Rediscovering the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1987), pp. 26-32.

[2] Para aqueles interessados no esquema do sermão utilizado a partir de 1 Samuel 3, aqui está:

Título: "O poder da Palavra de Deus". Cada uma das quatro cenas desta narrativa foi convertida em um item principal de algarismo romano pois começou nos dias anteriores, prosseguiu em uma noite, então passou para a manhã seguinte e finalmente terminou nos dias subsequentes. Assim, havia quatro "características" desta mensagem: I. Que a palavra